



**Cirandar:  
rodas de investigação  
desde a escola**





**Maria do Carmo Galiazzi**  
Organizadora

**Cirandar:**  
**rodas de investigação**  
**desde a escola**



2013

© Dos Autores – 2013

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Rui Bender

Arte final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermund S. A.

Conselho Editorial:

Antonio Sidekum (Nova Harmonia)

Arthur Blasio Rambo (UNISINOS)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (UNISINOS)

Elcio Cecchetti (UFSC e UNOCHAPECÓ)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

Luis H. Dreher (UFJF)

Marluza Harres (UNISINOS)

Martin N. Dreher (IHSL – MHVSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raul Fornet-Betancourt (Uni-Bremen e Uni-Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (UNINOVE)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – Cx. P. 1081

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

C578      Cirandar: rodas de investigação desde a escola. / Organizado por Maria do Carmo Galiuzzi. São Leopoldo: Oikos, 2013.

168 p.; 14 x 21cm.

ISBN 978-85-7843-357-4

1. Educação. 2. Sala de aula – Prática. I. Galiuzzi, Maria do Carmo.

CDU 37

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184



## **Apresentação**

Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado), eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

Carlos Drummond de Andrade,  
*O mistério das palavras*



### **Comissão Editorial**

Aline Machado Dorneles – Universidade Federal do Rio Grande  
Ana Laura Salcedo de Medeiros – Universidade Federal do Rio Grande  
Andrei Steeven Moreno Rodriguez – Universidade Federal do Rio Grande  
Cátia Tubino da Rocha – Colégio Estadual Lemos Junior  
Cezar Soares Motta – E.E.E.M. Marechal Mascarenhas  
de Moraes  
Clarisete Mendes de Oliveira – E.E.E.M. Getúlio Vargas  
Elton da Costa – Colégio Estadual Lemos Junior  
Hellen Pegoraro Gregol – Universidade Federal do Rio Grande  
Janete Cristiane Jarczeski – E.E.E.M. Silva Gama  
Jaqueline Ritter – Universidade Federal do Rio Grande  
Jose Roberto Lima Dias – Universidade Federal do Rio Grande  
Márcia Von Frühauf Firme – E.E.E.M. Silva Gama  
Maria do Carmo Galiazzi – Universidade Federal do Rio Grande  
Paulo Roberto Marczuk – Universidade Federal do Rio Grande  
Felix Júnior  
Suelen Altenhofen – Universidade Federal do Rio Grande  
Ticiane Cougo Cardoso – E.E.E.M. Getúlio Vargas / 18ª CRE  
Vilmar Alves Pereira – Universidade Federal do Rio Grande  
Vivian dos Santos Calixto – Universidade Federal do Rio Grande

## Sumário

A integração universidade-escola básica no Projeto CIRANDAR .....	11
<i>Elisabeth Brandão Schmidt</i>	
<i>Maria do Carmo Galiazzi</i>	
<b>Parte 1: O que emerge da gestão?</b>	
Minhas impressões sobre o Ensino Médio Politécnico .....	26
<i>Elis Regina Madeira da Porciúncula</i>	
Vivências do Seminário Integrado no espaço-escola: ressignificação do Ensino Médio .....	32
<i>Luciane Mirapalheta Longaray</i>	
Conversando sobre a mudança do fazer pedagógico no Ensino Médio numa proposta de pesquisa interdisciplinar .....	38
<i>Sonia Regina Garcia Bastos</i>	
Reestruturação do Ensino Médio e avaliação emancipatória .....	45
<i>Anna Belotti de Medina Coeli</i>	
<i>Joseane Melo da Costa</i>	
<i>Sandra Iara Castro dos Santos</i>	
<i>Sicero Agostinho Miranda</i>	
<b>Parte 2: O que emerge da prática em sala de aula?</b>	
Seminário Integrado: novos e profícuos caminhos no Ensino Médio .....	50
<i>Carmen Rubira</i>	
Seminário Integrado: exercício da curiosidade emergente .....	56
<i>Clarisete Mendes de Oliveira</i>	

Uma análise sobre o trabalho desenvolvido nos Seminários Integrados .....	64
<i>Fábia Michelle da Silveira Pereira</i>	
Direitos humanos na saúde .....	71
<i>Janete Borges Silva</i>	
Relato de experiência: Seminário Integrado .....	75
<i>Professor Julio Sosa</i>	
<i>Alunos do Ensino Médio</i>	
<i>Colegas de Seminário Integrado</i>	
A aventura na experiência de Seminário Integrado .....	79
<i>Liliani Furtado Ribeiro</i>	
Seminário Integrado: uma reflexão através da prática .....	86
<i>Magda Medianeira Munhoz</i>	
Seminário Integrado – formação profissional e qualidade de vida: ações para um futuro melhor .....	97
<i>Silvana Monteiro Damasceno</i>	
Seminário Integrado: dificuldades e expectativas .....	106
<i>Ticianá Cougo Cardoso</i>	
Aprendizagens coletivas no Seminário Integrado .....	113
<i>Prof<sup>ª</sup>. Denise Seixas Cruz</i>	
Seminário Integrado e as TICs .....	118
<i>Sizeli Freitas David</i>	
Qualidade de vida numa perspectiva socioambiental .....	124
<i>Alda Maurem Gonçalves</i>	
<i>Elba Hernandez Rodrigues</i>	
<i>Kátia Virginia Silveira Corrêa</i>	
<b>Parte 3: Compreensões sobre o processo CIRANDAR</b>	
O sujeito aprendente pela escuta no contexto da roda de conversa do Cirandar .....	130
<i>Vilmar Alves Pereira</i>	
Cirandar: Rodas de Conversa e reflexão na formação .....	138
<i>Ana Laura Salcedo de Medeiros</i>	

O que tem de conteúdo no Seminário Integrado? .....	145
<i>Márcia Von Frühauf Firme</i>	
Um passeio pelas cirandas .....	152
<i>Cleiva Aguiar de Lima</i>	
Cirandar: rumo a comunidades aprendentes na formação acadêmico-profissional em roda .....	157
<i>Maria do Carmo Galiazzi</i>	
<i>Elisabeth Brandão Schmidt</i>	
<i>Aline Machado Dorneles</i>	
<i>Ana Laura Salcedo de Medeiros</i>	
<i>Andrei Steveen Moreno Rodriguez</i>	
<i>Cezar Soares Motta</i>	
<i>Jaqueline Ritter</i>	
<i>Jose Roberto Lima Dias</i>	
<i>Márcia Von Frühauf Firme</i>	
<i>Vilmar Alves Pereira</i>	
<i>Vivian dos Santos Calixto</i>	



## **A integração universidade-escola básica no Projeto CIRANDAR**

*Elisabeth Brandão Schmidt*  
Universidade Federal do Rio Grande  
elisabethschmidt@furg.br

*Maria do Carmo Galiazzi*  
Universidade Federal do Rio Grande  
mariagaliazzi@furg.br

A educação como modo de transformação social tem exigido transformações em modos de pensar e de lidar com o conhecimento que se produz, que se apropria e que se difunde com uma impressionante celeridade sem que chegue à sala de aula com efetiva aprendizagem. Implicados diretamente no processo educativo, os professores, sem que sejam os únicos responsáveis pelo sucesso da transformação que se faz necessária, sentem-se comprometidos a enfrentar os desafios e problemas que se apresentam na sociedade do conhecimento com reflexos diretos no âmbito escolar. Isso requer um contínuo e permanente processo de aprendizagem e constituição como docentes.

A Conferência Nacional de Educação – CONAE, a ser realizada, em sua segunda edição, em fevereiro de 2014, configura-se como um privilegiado espaço democrático e participativo de discussão entre profissionais da educação, estudantes, gestores, entidades científicas, entre outros, que apontará novas perspectivas para a melhoria da educação brasileira e a consolidação do Plano Nacional de Educação – PNE. No EIXO VI – Valorização dos Profissionais da Educação: Formação, Remuneração, Carreira e Condições de Trabalho, item 392, há referência ao papel e à responsabilidade da universidade no que se relaciona à formação docente.

A educação superior e, em especial, a universidade pública deve ser considerada espaço principal da formação dos profissionais da educação, incluindo a pesquisa como base for-

mativa, em sua associação com o ensino e a extensão. Nunca é demais identificar a pesquisa como articuladora do trabalho pedagógico e, portanto, constitutiva da identidade docente (BRASIL, p. 75).

Muitos têm sido os esforços e investimentos empreendidos nos processos de formação inicial e continuada de professores nas últimas décadas, tanto no que concerne a políticas públicas, legislação, programas institucionais como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, quanto ao incentivo de outros projetos vinculados a órgãos de fomento, como a CAPES e CNPq.

Não há dúvida quanto à necessidade de aprofundamento do esforço coletivo e articulado no interior e entre as IES, em especial mediante a criação dos fóruns estaduais permanentes de apoio à formação docente, e destas com a escola pública e com os sistemas, para responder aos desafios e necessidades de formação da infância e da juventude na educação básica. Este esforço requer o apoio dos órgãos governamentais em todas as esferas (BRASIL, 2013, p. 75).

Com esse contexto, em 2004, foi criada a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, cujo objetivo foi contribuir para a melhoria da formação tanto dos docentes como de alunos do ensino básico da rede pública de educação (BRASIL, 2005). O Ministério da Educação exerce o papel de coordenador do desenvolvimento desse programa, implementado por adesão e de forma colaborativa pelos estados, municípios e Distrito Federal. As áreas de formação que abarcam esse trabalho em rede são: alfabetização e linguagem, educação matemática e científica, ensino de ciências humanas e sociais, artes e educação física.

A Universidade Federal do Rio Grande – FURG é uma das instituições de ensino superior que integram a Rede Nacional de Formação de Professores, atuando em projetos de formação de professores junto à Rede de Educação Básica e na produção de materiais de orientação para cursos a distância e semipresenciais.

No âmbito da Rede Nacional de Formação, o projeto *CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola* foi proposto pela FURG para o seu desenvolvimento nos municípios do Rio Grande (RS), Santa Vitória do Palmar (RS) e Chuí (RS). A proposta foi derivada de amplas discussões sobre a formação docente e do reconhe-

cimento de que diferentes perspectivas, sentidos e abordagens precisariam ser considerados, com vistas a um trabalho mais próximo, coletivo, compartilhado e integrado entre a universidade e as escolas da educação básica.

Os professores partem do pressuposto de que a formação necessária tem que ser desenvolvida com os professores e a universidade, a qual toma a si a responsabilidade desse papel que lhe cabe por seu caráter eminentemente pedagógico e que, na maior parte das vezes, é protagonista do planejamento de ações formativas que são desenvolvidas junto aos professores, sem que eles participem da definição de objetivos e da tomada de decisões, pode propor processos de formação que venham a ser desenvolvidos a partir da sala de aula dos professores da educação básica. As discussões consideraram o exposto no item 393 do documento-referência da CONAE 2014, o qual explicita que

A formação inicial e continuada, entendida como processo permanente, que articule as instituições de educação básica e superior, requer um debate mais aprofundado, no âmbito do planejamento e da Política de Formação de Profissionais da Educação Básica. Esta política, delineada no Decreto no 6.755/2009, cujos princípios evidenciam uma concepção de formação que considera os profissionais da educação básica como portadores de conhecimentos, experiências, habilidades e possibilidades, os credencia a integrar os programas das universidades e demais instituições formadoras, exercendo um papel fundamental nos processos formativos (BRASIL, p. 75).

Muitas têm sido as indagações acerca do motivo de alguns projetos de formação de professores ser fadados ao fracasso pela resistência ou descaso dos professores da rede básica de ensino. Fundamental mudar o foco: a formação permanente dos professores precisa ser realizada desde a escola. Ninguém conhece melhor a escola e os processos educativos que perpassam o cotidiano escolar do que os professores que ali atuam. Nessa perspectiva, seria preciso considerar o contexto escolar com suas características próprias, o currículo desenvolvido, as dificuldades laborais, as expectativas, os anseios e, principalmente, a disposição interna do professor para a mudança.

### **O projeto CIRANDAR: Rodas de investigação desde a escola**

O projeto Cirandar está embasado na teoria freiriana, tendo em vista que o saber pedagógico está sendo construído coletivamente, num processo de ensinar e aprender compartilhado, dialógico. Assim como no Círculo de Cultura, os participantes do projeto têm sua voz ouvida e respeitada por seus pares.

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra” (FREIRE, 2010, p. 69).

Outra aposta do projeto está nas rodas em rede (WAR-SCHAUER, 2001) como um modo de realizar processos formativos na escola e em outros espaços, garantindo a liberdade de expressão, o exercício da escuta e o compartilhar de saberes. A ideia é que dancemos, numa grande ciranda, a dança de uma comunidade aprendente que investiga sua própria prática e reflete sobre ela no seu ambiente de trabalho – a sala de aula.

O título do projeto *CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola* é prenhe do sentido e do significado impregnado na ação pedagógica desse projeto.

Trazer a Ciranda para o título desse projeto tem o sentido de valorizar um repertório musical da raiz da nossa cultura, lembrando especialmente que Villa-Lobos, o maior expoente da música nacionalista brasileira, reconhecido também como um marco na educação musical em nosso país, inspirou-se nas cirandas para compor obras aplaudidas no Brasil e no exterior. Villa-Lobos foi músico e educador preocupado com a formação de professores, tendo criado em 1932, durante o governo Vargas, o Curso de Pedagogia de Música e Canto Orfeônico, ministrado pelo próprio músico. Muitas das composições de Villa-Lobos são baseadas em temas folclóricos, sendo que compôs duas coleções para piano solo chamadas Cirandas (16 peças sobre temas populares brasileiros) e Cirandinhas (12 partituras também sobre temas populares brasileiros, mais especificamente de rodas infantis).

Mais do que a referência das Cirandas no título, a intenção é produzir, junto aos participantes do projeto, uma atmosfera que

remeta ao sentido de pertencimento a um país, à própria escola e à formação de professores.

Se a ciranda, na nossa cultura, é considerada uma manifestação musical que funde diferentes linguagens (canto, dança, palavra) e aciona instâncias racionais e sensíveis de seus participantes, constituindo-se numa manifestação de conagração e alegria, individual e coletiva; ela também pode congregar parte do repertório musical dos espaços escolares, seja da educação básica ou mesmo dos cursos de formação de educadores (LOUREIRO; LIMA, 2013, p. 396).

Também, na escolha do título, nos reportamos à tradição gaúcha, que inclui, em seu cotidiano, a roda de chimarrão. Consumido na cuia, passa na roda, de forma fraterna e estimuladora de conversas informais, num compartilhar de afetos e saberes.

Foi com o propósito de desenvolver a formação de professores de forma prazerosa, coletiva, diferenciada, compartilhada no próprio ambiente de trabalho dos professores que estamos desenvolvendo, desde 2012, o projeto *CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola*.

### **Cirandando no CIRANDAR**

O projeto *CIRANDAR* tem como objetivo geral oportunizar a formação acadêmico-profissional de professores da educação básica e de formadores das licenciaturas. Com a parceria com a 18ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), o foco tem sido desde 2012 a reestruturação curricular do Ensino Médio, constituindo comunidades aprendentes de professores que investigam a sala de aula. Com os objetivos específicos, a seguir, busca-se promover:

- a formação acadêmico-profissional: integração escola e universidade;
- as Rodas de Conversa: diálogo sobre a experiência no Seminário Integrado[1];
- as Rodas de Escrita: escrita de relato sobre a experiência no Seminário Integrado;
- as Rodas de Leitura Crítica: leitura de relato de colega com elaboração do parecer crítico;

- a Reescrita: reescrita e reenvio do relato a partir da leitura crítica (a distância);
- a Leitura (a distância): leitura dos relatos da sala de apresentação;
- a Apresentação dos relatos no projeto *CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola*.

O pressuposto formativo é que os professores envolvidos no processo de formação produzam seus relatos de experiência e durante a sua produção desenvolvam a escrita, o diálogo, a leitura crítica entre pares, o trabalho coletivo e a partilha de saberes e vivências no desenvolvimento de propostas articuladas ao projeto de reestruturação do Ensino Médio, com foco na disciplina de Seminário Integrado. A intenção é que, no final do processo, sejam publicados os relatos de experiências dos formadores, dos professores e de alunos da rede básica de educação, bem como de licenciandos que se integraram no processo formativo.

A meta do projeto é promover, por meio das ações desenvolvidas no Projeto Cirandar, a formação acadêmico-profissional de professores das Licenciaturas, professores coordenadores da componente curricular de Seminário Integrado, supervisores e coordenadores pedagógicos da rede pública de educação básica da 18ª Coordenadoria Regional de Educação no município do Rio Grande/RS, Santa Vitória do Palmar (RS) e Chuí (RS).

A rede de educação básica de nível médio no estado do Rio Grande do Sul está reestruturando seu currículo de forma intensa e desafiadora, e essa proposta de formação está articulada de forma a potencializar a compreensão da mudança proposta, considerando importante pensar que a formação de professores está sob a responsabilidade da universidade e é preciso compreender a proposição das escolas para estruturar, em base de argumentos teóricos e práticos, as ações da formação nos cursos de Licenciatura.

Assim como Gatti (2010, p. 1.359), entendemos que

Deve ser claro para todos que essa preocupação não quer dizer reputar apenas ao professor e à sua formação a responsabilidade sobre o desempenho atual das redes de ensino. Múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica,

aspectos das culturas nacional, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os “sem voz”) e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas.

A reestruturação dos currículos do Ensino Médio no Rio Grande do Sul está fundamentada nos princípios da educação crítico-emancipatória em suas relações com o mundo do trabalho, objetivando um ensino que tem a pesquisa como basilar, com foco em questões relacionadas às transformações socioculturais, políticas, econômicas e tecnológicas. Uma das proposições é que os componentes curriculares sejam desenvolvidos em blocos de conhecimentos, sendo incluído um novo componente disciplinar – Seminário Integrado, com caráter interdisciplinar. Até então, as disciplinas do Ensino Médio foram desenvolvidas de forma individualizada. A proposição atual é que o currículo seja estruturado por áreas de conhecimento, em eixos temáticos, engendrando processos interdisciplinares.

O foco da formação proposta pela FURG são os professores envolvidos nos Seminários Integrados, tendo como copartícipes os professores formadores das licenciaturas.

A proposta formativa organiza-se em atividades presenciais e também a distância, articuladas coletivamente por meio da linguagem, especialmente a escrita, a leitura, a oralidade e o diálogo desenvolvidos em Roda de Formação. As Rodas constituem-se num espaço de partilha de experiências e de saberes da sala de aula, em que docentes tornam-se autores das suas práticas educativas e aprendentes no processo de formação (SOUZA, 2011).

Propõe-se a escrita em sua função epistêmica, constituidora de sujeitos que concretiza um modo de pensar sempre passível de reescrita (MARQUES, 2001; GALIAZZI, 2003). Dessa forma, os professores, ao escreverem a respeito de suas experiências vividas nos espaços escolares, produzem significados sobre a ação docente, os quais, na partilha com outros professores, favorecem

o (re)pensar, (re)significar, (re)construir as práticas educativas, buscar argumentos teóricos que fortalecem sua ação.

Marques (2001, p. 38) refere-se à importância do ato de escrever, ao dizer:

Como nos sonhos, a oralização da escrita lhe dá sentido, os muitos sentidos que as muitas possíveis leituras irão desvendar, ou melhor, configurar, pois só a virtual oralização faz do escrever um ato de significar. A escrita se configura como rebus, isto é, como passagem da materialidade da letra para a significância que lhe confere a oralidade.

A proposta de escrita do relato de experiência é decorrente de um processo de formação constituído nos Encontros sobre Investigação na Escola (EIE), evento anual realizado, desde o ano de 2000, numa proposta de formação em rede entre a Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Inspira-se o evento em evento semelhante desenvolvido na Espanha, México e América Latina (CACCIAMANI, 2012).

A proposta do Encontro de Investigação na Escola (EIE) prevê a escrita de relatos de experiência em sala de aula. Posteriormente, os textos são lidos e dialogados entre os pares (professores e professoras). Durante o evento anual, os relatos são apresentados e discutidos entre os inscritos, organizados em Rodas de Formação em que todos os trabalhos são apresentados e discutidos pelo mesmo grupo.

No projeto Cirandar, o foco de discussão dos professores são os relatos escritos de experiências narradas por eles durante o planejamento e desenvolvimento do novo componente curricular – a disciplina de Seminário Integrado. Os Seminários Integrados constituem-se de espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados e em complexidade crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto (BRASIL, 2011, p. 26).

No primeiro ano de desenvolvimento do Cirandar participaram 74 professores da educação básica da rede pública de ensino, em exercício, atuantes em 19 escolas situadas na área de abrangência da 18ª Coordenadoria Regional de Educação do Rio Grande do Sul (CRE). O Cirandar organizou-se em cinco núcleos de trabalho.

O projeto Cirandar abarca várias funções, exercidas de forma conjunta e articulada pelos seguintes atores/autores do projeto:

1. Coordenador, cujo trabalho envolve a coordenação das atividades de formação que acontecem nos cinco núcleos de formação. Acompanha todas as atividades de formação, realizando a mediação teórica dos processos formativos.

2. Professor pesquisador, cujo papel é organizar o conjunto de atividades formativas junto à coordenação adjunta. Articula as atividades formativas junto aos professores formadores em cada um dos cinco núcleos de trabalho, observando o desenvolvimento das atividades de formação. Também acompanha as atividades virtuais de formação, fazendo a mediação teórica dos processos formativos.

3. Professor formador, o qual exerce o papel de articulador nas reuniões presenciais que ocorrem nos núcleos. Participa do processo de formação em todas as reuniões presenciais, acompanhando o desenvolvimento das atividades virtuais e presenciais.

4. Tutor, que tem por função organizar as atividades do projeto no ambiente virtual do projeto e manter as escolas informadas do calendário de reuniões sistemáticas ao longo do processo de formação.

### **A metodologia do CIRANDAR**

A proposta de formação organiza-se em diversas etapas de registro, escrita e leitura com atividades presenciais e a distância, contemplando uma carga horária de 80 horas e tendo como foco o desenvolvimento de Seminário Integrado na escola. A proposta dos Seminários Integrados consiste na organização e elaboração de projetos de pesquisa, em que um coletivo de professores interage e dialoga entre as áreas de conhecimento para a execução dos mesmos. Os projetos são elaborados a partir de pesquisa que explicita uma necessidade e/ou uma situação problema dentro dos

eixos temáticos transversais da proposta de reestruturação curricular da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/RS.

As etapas da formação do CIRANDAR – 2012 foram as que seguem:

1ª etapa: Discussão da Proposta com os professores

A apresentação do programa ocorreu de modo presencial na sede da 18ª CRE, por representante da FURG e 18ª CRE, entendendo o papel determinante de aglutinador dos professores tanto na organização da escola para a realização dos seminários integrados como na organização para o processo de formação.

2ª etapa: Rodas de Conversa: diálogo sobre a experiência nos Seminários Integrados

A 2ª etapa foi desenvolvida, presencialmente, nos cinco núcleos de trabalho, conforme cronograma de atividades.

Nesse momento foi apresentado o site do programa de formação acadêmico-profissional denominado *Encontros Rio-grandinos sobre Investigação na Escola* (<http://www.investigacaonaescola.furg.br/>), do qual o projeto *Cirandar: rodas de investigação desde a escola* faz parte. No site está disponibilizado o modelo de escrita do relato de experiência e as orientações para envio do relato produzido.

A proposta do relato de experiência consiste em escrever uma narrativa que contemple os seguintes aspectos: contexto do relato (onde e quando aconteceu a experiência relatada); descrição das atividades (como foram planejadas e desenvolvidas as atividades da experiência relatada); análise e discussão do relato (que aspectos são relevantes da experiência relatada?); considerações finais (O que se aprendeu com a experiência para se efetivar uma proposta consistente para a disciplina de Seminários Integrados fazer a pesquisa em sala de aula? O que outros poderiam aproveitar desse relato, considerando que são professores de Seminários Integrados?).

Nessa etapa também foram distribuídos aos professores diários de campo para circular nos núcleos, a fim de fazer o registro das atividades em seu desenvolvimento.

3ª etapa: Rodas de Escrita: escrita de relato sobre a experiência nos Seminários Integrados

A 3ª etapa foi desenvolvida, presencialmente, nos núcleos de trabalhos conforme cronograma de atividades.

Nesse momento da formação, cada participante, no coletivo, apresentou seu relato de sala de aula e, em pares, foi feita a discussão com sugestões de melhoria no registro de sala de aula, contemplando os aspectos presentes no modelo de relato disponível no site do evento: <http://www.investigacaonaescola.furg.br/>.

4ª etapa: Envio dos relatos para o ambiente virtual do evento

Cada professor realizou sua inscrição no site do evento <http://www.investigacaonaescola.furg.br/>. No momento da inscrição, o professor autor enviou o arquivo com seu relato de experiência.

5ª etapa: Rodas de Leitura Crítica: leitura de relato do colega com elaboração do parecer crítico

Os relatos enviados, no momento da inscrição, no site do evento, foram submetidos à leitura entre pares. Propôs-se a Roda de Leitura para constituir um espaço para a leitura do relato do colega e a elaboração da ficha de leitura com o parecer do leitor. O parecer foi elaborado a partir da sugestão dos seguintes questionamentos ao relato:

- a) O contexto do relato apresenta detalhamento do lugar, do tempo e com quem foi desenvolvida a atividade?
- b) As propostas de investigação e as formas como foram desenvolvidas estão expressas ao longo do texto?
- c) A atividade encontra-se descrita de forma que possa ser claramente compreendida?
- d) A análise e a discussão são coerentes com os objetivos propostos e as conclusões descritas?
- e) O relato apresenta fundamentos teóricos que alicerçam a ação desenvolvida?

A partir do conjunto de perguntas, cada professor elaborou um parecer, destacando aspectos importantes e interessantes. Sugeriu-se a indicação, nesse parecer, de sugestões de reformulação de escrita, indicação de leituras complementares, indicação de aspectos a esclarecer, como também apontar aspectos do trabalho relevantes para a discussão durante o encontro presencial em que todos os relatos são apresentados.

6ª etapa: Envio do parecer avaliativo

Os trabalhos lidos e dialogados foram enviados juntamente com a “ficha de leitura do trabalho” para os autores a fim de que esses possam, a partir do parecer, reescrevê-lo.

7ª etapa: Reescrita e reenvio dos trabalhos a partir das sugestões do leitor

O trabalho reescrito a partir do parecer do colega foi reenviado através da “área do inscrito”, em local específico no site do projeto, pelo professor autor do trabalho inscrito.

8ª etapa: Leitura de todos os trabalhos da sala de apresentação

Nessa etapa, cada professor leu os relatos de experiências dos colegas distribuídos em salas virtuais. Todos os relatos de uma sala foram disponibilizados no site do projeto.

9ª etapa: *CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola*

Encontro presencial, na FURG, com quatro momentos: a) discussão dos trabalhos distribuídos por salas e por diferentes núcleos de trabalho; b) avaliação da proposição de formação; c) apresentação de síntese avaliativa; d) exposição de material didático produzido pelos professores do Seminário Integrado.

Durante a manhã do encontro presencial houve discussão sobre os relatos organizados em salas, sendo 10 relatos de experiência apresentados em cada sala. Na dinâmica de trabalho pela manhã, cada sala elencou um relator e um coordenador de sala para mediar a discussão. À tarde, organizados por núcleos de trabalho, houve a elaboração de síntese avaliativa com posterior apresentação pelos relatores.

10ª etapa: Organização de álbum com a publicação dos relatos de experiência e de livro com os fundamentos da escrita narrativa na formação de professores.

### **Alguns passos conclusivos do CIRANDAR – 2012**

O processo intenso de interações cognitivas e afetivas vivido no Cirandar fortaleceu a tese de que a proposta de uma formação de professores que ocorra desde a escola, de forma integrada, com professores universitários e licenciandos, pode contribuir so-

bre maneira para a conscientização dos docentes como agentes de transformação do contexto onde atuam, ativos no processo de apropriação e reconhecimento crítico da realidade, criando e oferecendo condições que potencializem um fazer pedagógico contextualizado, pleno de significado e sustentado em um processo formativo que o qualifica.

No compartilhar de saberes e experiências do *Projeto Cirandar*, tem se constituído uma comunidade aprendente que investiga a sua própria prática à luz dos teóricos convidados a participar da Ciranda. É um modo de realizar a formação acadêmico-profissional docente que vai ao encontro do que Gatti escreve a partir de suas pesquisas sobre a formação de professores, as quais contribuem fortemente para o debate dessa questão no Brasil:

A formação de professores profissionais para a educação básica tem que partir de seu campo de prática e agregar a estes os conhecimentos necessários configurados como valiosos, em seus fundamentos, e com as mediações didáticas necessárias, sobretudo por se tratar de formação para o trabalho educacional com crianças e adolescentes (GATTI, 2010, p. 1.375).

No próprio processo formativo proposto e que integrou a universidade com a escola de Ensino Básico, os docentes universitários também são sujeitos dos processos de transformação e crescimento acadêmico-profissional nessa comunidade aprendente a partir do Projeto Cirandar.

No Cirandar, há momentos privilegiados para um repensar sobre o quanto as políticas públicas e legislações educacionais causam impactos nas escolas e nos professores, os quais precisam estar preparados para as mudanças curriculares impostas, sem prévias discussões com o corpo docente.

As mudanças curriculares, como exemplo as que estão sendo implementadas nas escolas do Ensino Médio no estado do Rio Grande do Sul, são urgentes e necessárias e não contestamos tal afirmativa. No entanto, é preciso planejar, criar a coreografia adequada, conhecer os participantes da Ciranda e o ambiente em que ela acontece para que todos dançam com a segurança, a afinação e a competência não somente técnica que a música exige. O que mostraremos a seguir são relatos dessas salas de aula que indicam que um processo de formação acadêmico-profissional que

articule a universidade e a escola precisa ser feito a partir dela, como mostraremos nos relatos a seguir.

### Referências

- AMATO, R. de C. F. Villa-lobos, nacionalismo e canto orfeônico: projetos musicais e educativos no governo Vargas. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 27, p. 210-220, set. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Conae 2014: Conferência Nacional de Educação** documento – referência. Documento elaborado no Fórum Nacional de Educação. Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Orientações Gerais para Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica**. Brasília, 2005.
- CACCIAMANI, J. L. M. **Os Encontros sobre investigação na escola: articulação entre a formação acadêmico-profissional e a produção de currículo pela escrita da sala de aula**. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GALIAZZI, M. do C. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. (Coleção Educação em Química).
- GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1.355-1.379, out.-dez. 2010. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>>.
- LOUREIRO, M. A; LIMA, S. R. A de. As cirandas brasileiras e sua inserção no Ensino Fundamental e nos cursos de formação de docentes. **Revista de Literatura e das múltiplas linguagens das artes**, Editora Todas as Musas, ano 04, n. 02, p. 168-182, jan.-jun. 2013.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 4. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.
- SOUZA, M. L. **Rodas de Formação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- WARSCHAUER, C. **Rodas em Rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Parte 1:  
*O que emerge  
da gestão?*



## **Minhas impressões sobre o Ensino Médio Politécnico**

*Elis Regina Madeira da Porciúncula*

E.E.E.M. Alfredo Rodrigues  
elismadapo@hotmail.com

Li sobre a nova proposta de Ensino Médio Politécnico numa página do jornal Zero Hora no início de 2011. Na metade do mesmo ano, assisti a um programa de TV sobre as mudanças sugeridas pelo Ministério da Educação para o Ensino Médio. Estes primeiros contatos com a referida mudança somente aguçou minha curiosidade. O que viria de novo? Em que consistiriam tais mudanças? Pois as informações não esclareciam muitas coisas, a não ser a necessidade de os estados se adequarem à reforma nessa modalidade. Uma reforma voltada para um ensino e metodologia, focadas nas áreas do conhecimento e considerando as questões do trabalho como centro do processo da mudança. A minha escola está localizada no 3º Distrito do Município de Rio Grande, na localidade do Povo Novo. Essa localidade é formada por um núcleo urbano, onde está localizada a escola, e por uma extensa área rural, de onde provém a maior parte dos 550 alunos que essa possui. Assim temos uma clientela diversificada culturalmente, pois possui raízes fortes na questão agrícola, pesqueira, mas também os que moram na vila têm muito acesso à cultura urbana das cidades de Rio Grande e Pelotas.

Então surge a oportunidade de participar de uma formação sobre a minha caminhada nesse processo de mudança do Ensino Médio: o Cirandar. Esse vem propor um relato através da escrita, onde exercitei uma análise da minha prática e troca com meus pares, pretendendo-se um avanço no sentido de um crescimento no que diz respeito ao processo de mudança no Ensino Médio.

### **O percurso, o começo do processo**

Em agosto de 2011, participei de uma reunião para Diretores e Coordenadores Pedagógicos, promovida pela 18ª CRE, onde o assunto central fora a Reforma do Ensino Médio no RS. Num primeiro momento, assim como demonstraram os demais presentes, minha reação foi de contestação, pois não via espaço de tempo para formação, aprendizagens ou uma reflexão a respeito, até a data prevista para seu início. Observei nas falas da equipe da Coordenadoria que de pouco adiantariam nossas “argumentações contrárias”, pois a Secretaria Estadual tinha o entendimento de que esse era o momento certo dentro do projeto do governo para a implantação do projeto em nosso estado.

Como diretora de escola, tive a oportunidade de alguns encontros únicos, nos quais a ideia começava a enraizar-se e amadurecer, mas na minha percepção avançava pouco quanto à aceitação dos professores do Ensino Médio no geral, para um começo em 2012. Pois, segundo minhas observações e conversas informais e reuniões com os professores abordando o assunto, percebia-se rejeição por parte desses. As alegações mais fortes eram a falta de tempo para apropriação do projeto e a precariedade do espaço físico e de pessoal que se encontram nas escolas públicas estaduais. Penso que só aceitei a ideia de forma mais concreta e possível após o Seminário Regional em Porto Alegre, promovido pela SEDUC, destinado aos diretores e coordenadores pedagógicos das Coordenadorias Regionais. Nesse ouvi doutores em educação que desde meu curso universitário são referências para minha prática. O Professor Cattani, da Universidade Federal do RS, abordou questões reais sobre o trabalho: o trabalho como base da sociedade, o trabalho se contrapondo ao capital, as dimensões do trabalho, a necessidade de valorização do trabalho, o trabalho e a autonomia, o trabalho como fonte de prazer e criação. Enfim, uma ideia de a partir da escola tratar o trabalho não como fonte de sofrimento ou algo alienante, mas como fator de libertação. Nesse mesmo seminário, o Professor Gaudêncio Frigotto explanou sobre a questão, relacionando trabalho e educação. Também contrapôs politecnicidade e tecnológico e concluiu dizendo: “Para que se possa produzir a vida, se engajar no trabalho, é melhor que esse não seja alienado”.

Ainda devo acrescentar os encontros com a professora Maria do Carmo Gautério, ex-coordenadora pedagógica da 18ª CRE (Governo Olivio Dutra), promovidos pela 18ª CRE, grupo de diretores das escolas de Ensino Médio e formações em nossa própria escola. A referida professora com muita propriedade explicou a teoria de Karl Marx sobre o que é politecnia e o processo do trabalho na sociedade capitalista. Também de maneira tranquila fez sugestões e propiciou diálogos com o propósito de alicerçar as escolas nas suas questões práticas de adaptação a uma mudança significativa nas bases curriculares.

Enfim, outras discussões no ambiente da escola em momentos de formação que antecederam o início deste ano letivo amadureceram um pouco a ideia, embora como se trata da construção em cada espaço escolar, sinto-me ainda num processo de aprendizagem.

Como gestora, deparei-me com a problemática inicial sobre quem iria iniciar o processo com as turmas da nossa escola. O primeiro problema de ordem prática foi a dificuldade em pôr na sala de aula um dos professores que se propunha. Solucionado esse, surge outro, que é a saída de outro professor que havia abraçado a causa, embora com dificuldades, na compreensão de trabalhar com projetos interdisciplinares.

Agora, como além de gestora da minha escola sou professora no Ensino Médio do noturno, propus à Coordenadoria que eu substituísse o colega na disciplina de Seminário Integrado nos primeiros anos. Então participo desses encontros como uma professora que vem enfrentar com outros este desafio que é dar forma a um projeto que não propôs uma sequência de passos na sua implantação. E então devo deixar fluir as boas ideias e provocar outras, as quais permeiam a troca entre professor-aluno no processo ensino-aprendizagem.

Este ano está sendo marcado por desafios e aprendizagens referentes ao processo de reforma no Ensino Médio. Divido minhas ansiedades em dois polos na escola: gestora e professora. Como gerenciar a mudança, como aceitar e facilitar a aceitação do grupo e como agir na sala de aula com o Seminário Integrado? Partimos para a realização de uma pesquisa escolar simples, que se deu da seguinte forma: elaborei dez questões que poderiam ser

respondidas e gravadas por mim ou de forma escrita pelo aluno. As perguntas estavam relacionadas à vida dos alunos, seus cotidianos, o lugar em que moravam, preferências de lazer, necessidades de infraestrutura das localidades, expectativas para o futuro, sonhos e coisas boas que eles visualizavam à sua volta. É importante salientar que o grupo era composto por uns vinte alunos, moradores da Ilha da Torotama, Domingos Petrolina e da própria vila, na qual a escola está inserida: Povo Novo.

Após essa etapa, os alunos foram convidados a produzir um texto com o seguinte enunciado: considerando que vivemos em uma sociedade diversificada, com muitas informações e inovações tecnológicas, mas também carente em diversos setores como sistema educacional, saúde pública, lazer acessível e oferta de trabalho. Pense em alguma questão que intriga ou que prejudica você no seu cotidiano e escreva um texto, contendo no mínimo vinte linhas. Então com essas duas ferramentas parti para uma análise em conjunto com o grupo sobre a questão que mais motivava (intrigava) o grupo no sentido de um trabalho de pesquisa. Descobrimos que a maioria se preocupava muito com os sistemas de saúde das suas localidades – as chamadas Unidades Básicas de Saúde. Estudamos um pouco o Ministério da Saúde, o SUS – Sistema Único de Saúde e convidamos a senhora Vera Elizabeth do Conselho de Saúde do município para conversar com o grupo sobre o tema, que aceitou e fez uma roda de conversa muito esclarecedora a nível de saúde pública do município. Ainda os alunos foram motivados a buscar em sites e livros mais informações a respeito de saúde pública. Após, os alunos elaboraram questionários com três ou quatro perguntas, que foram realizados com médicos, enfermeiros, agentes comunitários e usuários frequentes das unidades de saúde, como pais de crianças menores de cinco anos e idosos. Cada grupo realizou as entrevistas nas unidades de saúde de suas localidades.

Os alunos escreveram um texto sobre as realidades vividas pelos moradores na questão da saúde em suas comunidades; a partir das respostas obtidas nas entrevistas realizadas, cada grupo emitiu uma conclusão abordando toda a discussão realizada e aprendizagens com essa pesquisa escolar. Os textos foram socializados no grupo, e as diferentes realidades puderam ser compara-

das e analisadas. No final do ano letivo foi solicitado que escrevessem cartas sobre o Seminário Integrado como mais um recurso de avaliação. Para minha surpresa expressaram de forma madura a experiência vivida, demonstrando um resultado positivo sobre a mesma. Falaram da angústia da falta de professor no meio do ano letivo, mas a superação por ter realizado um trabalho o qual interessou a maioria.

Dessa forma finalizei o ano letivo com a certeza de que realizamos uma prática simples, mas com um pouco mais de conhecimento sobre as realidades dos alunos e sobre um assunto que diz respeito a toda a sociedade; a discussão sobre saúde pública é de extrema relevância porque é gerenciada por políticas públicas das quais as pessoas precisam participar com propriedade, pois se pensa em um ideal de ser humano em condições ideais para o desenvolvimento das suas potencialidades, entre elas o aprender.

### **Considerações finais**

Como diretora da escola, sinto uma imensa responsabilidade quanto à implantação do projeto de Ensino Médio Politécnico, pelo desejo de que seus objetivos sejam atingidos, pois destaca-se aí a diminuição da repetência e da evasão escolar nessa modalidade; fatores que a meu ver contribuem para uma formação precária dos nossos jovens na faixa etária dos 14 aos 17 anos. Embora vivenciando diariamente muitas angústias, pois na minha escola existiram problemas práticos de falta de recursos humanos para os Seminários Integrados, que são a base de ligação com as demais disciplinas dessa modalidade na busca de uma metodologia interdisciplinar. E como professora que está se inserindo no novo contexto o momento é de descoberta e compromisso em fazer o melhor, pois se trata da construção de algo novo, e principalmente porque esse novo é uma aposta na melhoria da aprendizagem de uma grande parcela de educandos da escola pública.

Destaco aqui a relevância do projeto de formação organizado pela FURG/18ª CRE, já que o mesmo propõe reflexões a partir das práticas realizadas pelos professores seminaristas e suas metodologias, proporciona a troca de experiências entre as reali-

dades diversas, assim enriquecendo nossa aprendizagem enquanto professores, desafiados que fomos nessa construção da escrita. Estou com boas expectativas em relação à formação e à proposta de mudança na modalidade do Ensino Médio.

Com o término deste ano letivo considero que foi um desafio ter desenvolvido o Ensino Médio Politécnico em nossa escola, pois movimentou, “desacomodou” o grupo de professores, no qual me insiro, trazendo uma alternativa de se elaborar um trabalho voltado aos interesses dos alunos e, quem sabe, proporciona um novo estímulo para o “fazer” do professor.

#### Referências

- CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2011.
- CATTANI, A. D. **Riqueza e desigualdade na América Latina**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2010.
- FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1988.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio 2011-2014**. Porto Alegre: SEDUC/RS, 2012.



## **Vivências do Seminário Integrado no espaço-escola: ressignificação do Ensino Médio**

*Luciane Mirapalheta Longaray*

E.E.E.M. Eng. Roberto Bastos Tellechea  
lucianelongaray@yahoo.com.br

Enquanto Supervisora Pedagógica da Escola Estadual de Ensino Médio Eng<sup>o</sup> Roberto Bastos Tellechea, percebi que havia um grande desafio pela frente diante da implantação da reestruturação curricular, e meu papel na coordenação consistiu em trazer os professores para a reflexão, para a mudança e para pensar a reestruturação.

Sou uma pessoa que acredita na mudança, que está aberta para o estudo, para aprender e partilhar as novas propostas. Neste relato, compartilho as propostas de pesquisa que foram desenvolvidas no espaço de nossa escola, dialogando com a realidade dos professores e alunos do bairro Parque Marinha nas seis turmas de 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio.

### **Atividades**

Na escola, temos três professores responsáveis pelo Seminário Integrado, cada um com seu modo de ser e atuar como professor, percorrendo caminhos novos, de estudo, práticas, metodologias e avaliações. Com dificuldades ou não, mas todos aprendendo e buscando melhorar sua prática. Esses professores foram escolhidos pelo diretor; o mesmo perguntou aos professores se gostariam de trabalhar através de projetos de pesquisa assumindo mais essa disciplina, chamada Seminário Integrado.

Atualmente, temos cinco turmas de primeiro ano pela manhã, no qual dois professores assumiram, sendo um de História e outro de Português, e uma turma à noite, com uma professora de Literatura. A carga horária dessa disciplina foi organizada com duas horas semanais pela manhã e uma à noite.



Os professores trabalham através de projetos de aprendizagem em que os alunos escolhem os temas a serem pesquisados. A pesquisa tem como referência eixos temáticos gerados a partir desses projetos, retirados de sua lógica e estrutura, os elementos que orientarão os estudos e pesquisas. Essa metodologia permite uma leitura do mundo, de forma relacionada com a atividade produtiva, a qual está vinculada à sociedade contemporânea, visando uma melhor compreensão do significado da ciência, cultura, arte e comunicação.

O trabalho começou muito lentamente. Pela manhã, os professores tiveram ritmos diferentes, cada um seguindo um caminho. Um começou pela fundamentação teórica da pesquisa e de como elaborar um projeto, outro trabalhou concomitantemente com a teoria e a prática do projeto. À noite, houve maior problema para o início do projeto, pois a disciplina foi oferecida no horário intermediário entre um turno e outro e houve pouca frequência dos alunos; assim não foi possível desenvolver o trabalho. Após uma reunião, em que a 18ª CRE veio à nossa escola para conversar sobre o andamento do seminário, fomos orientados que colocássemos a disciplina dentro do horário normal dos alunos, e a única solução que tivemos foi colocá-la no lugar do Ensino Religioso. Essa disciplina está sendo ministrada a distância aos alunos.

As temáticas mais abordadas nos “Seminários Integrados” foram: saneamento básico no bairro Parque Marinha do Brasil, importância das áreas de lazer e esporte no bairro, música e sua influência na personalidade individual e/ou social, importância da atividade física para a saúde, canaletas de escoamento da água nas avenidas do bairro, entre outras temáticas escolhidas num trabalho coletivo entre professores e estudantes. As temáticas são pertinentes e certamente interdisciplinares, pois necessitamos de conteúdos conceituais de diversas áreas do conhecimento para compreender cada uma dessas temáticas escolhidas e investigadas. Ainda podemos inferir a respeito da relevância social de problematizar aspectos relacionados com as temáticas abordadas, pois, embora apenas algumas tenham sido mencionadas, poderíamos elencar tantas outras trabalhadas pelos professores, que nos mostram um movimento muito significativo. Os con-

teúdos conceituais de cada área do conhecimento encontram-se totalmente vinculados às temáticas abordadas no sentido de compreender, permeado pela pesquisa, esse processo de investigação.

O processo de formação de professores, não somente pertencentes aos “Seminários Integrados”, produz sentidos na coletividade, que, por sua vez, pode ser entendida num movimento de formação que preconiza a partilha de experiências e saberes da docência, a relação dialógica e a afetividade entre os professores envolvidos nesse processo que Souza (2011) argumenta enquanto Roda de Formação.

A avaliação do Seminário Integrado foi definida a partir da participação dos professores em reuniões de estudo, que será realizada através dos relatórios finais, apresentação dos resultados da pesquisa e autoavaliação do aluno somente no final do ano letivo, compreendendo um valor x em cada disciplina que participar com seu conhecimento no projeto de pesquisa. Ao longo desse processo de estruturação do Seminário Integrado, através do diálogo entre professores e coordenação, percebeu-se que a avaliação seria mais segura, estruturada e integrada se fosse computada no encerramento das atividades letivas, em que os alunos e professores teriam mais tempo para reorganizar e concluir o projeto.

O Ensino Médio como etapa final da Educação Básica tem como finalidade a função de ensinar o educando a compreender e a transformar a realidade a partir do domínio da teoria e da prática, tendo presente que as relações de produção estabelecidas em cada tempo histórico são envolvimentos humanos. Isso não só é o reconhecimento do conceito de trabalho como também um princípio educativo, que poderá ser alcançado a partir do conhecimento da ciência, tecnologia, arte e cultura na sociedade contemporânea. Ao passo que, assegurando-lhes a formação social indispensável para a convivência e exercício da cidadania, apresentam-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Tendo em vista que a função precípua da educação, de um modo geral, e do Ensino Médio – última etapa da Educação Básica –, em particular, vai além da formação profissional e atinge a construção da cidadania, é preciso oferecer aos nossos jovens novas perspectivas para que possam expandir seus horizontes e dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes o acesso ao co-

nhecimento historicamente acumulado e à produção coletiva de novos conhecimentos. É nesse contexto que o Ensino Médio tem ocupado, nos últimos anos, um papel de destaque nas discussões sobre educação brasileira, pois sua estrutura, seus conteúdos, bem como suas condições atuais, estão longe de atender às necessidades dos estudantes, tanto nos aspectos da formação para a cidadania como para o mundo do trabalho (parecer CNE/CEB- 05/2011).

A elaboração de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio se faz necessária também em virtude das novas exigências educacionais decorrentes da aceleração da produção de conhecimentos, da ampliação do acesso às informações, da criação de novos meios de comunicação, das alterações do mundo do trabalho e das mudanças de interesse dos adolescentes e jovens, sujeitos dessa etapa educacional.

Para responder a esses desafios, é preciso, além de reorganização curricular, reconhecer as reais condições dos recursos humanos, materiais e financeiros das redes escolares públicas que ainda não atendam às condições ideais e necessárias para que se efetive a proposta do novo Ensino Médio, chamado hoje de Politécnico.

Considero interessante a citação: “Nós estamos ainda em processo de reconstrução, caminhando, estudando, participando e dialogando. Dessa forma podemos defender o trabalho coletivo e integrar a teoria e a prática através de um entendimento da construção do saber profissional a partir da reflexão da própria prática” (GALIAZZI 2011, p. 152).

Ainda não temos resultados do processo, pois em forma de construção coletiva estamos caminhando para o final do ano letivo, em que começaremos a colher alguns frutos do trabalho construído. A partir das apresentações dos projetos, das autoavaliações da comunidade escolar e dos relatórios finais poderemos fazer uma avaliação do processo e com isso ter perspectivas e construir metas para o ano seguinte.

### **Considerações finais**

Reitero as palavras de meu parceiro de leitura crítica quando afirma que a proposta do Seminário Integrado nas escolas da Educação Básica têm proporcionado (re)pensar, (re)construir,

(re)significar aspectos concernentes à proposição de currículo nas escolas públicas estaduais. Nesse sentido, a aposta consiste na inserção da pesquisa no espaço da sala de aula, tendo como suporte a linguagem (a escrita, a leitura, a relação dialógica, a argumentação e a tomada de decisão) entre os professores da escola e os estudantes participantes desse processo. Sendo o Ensino Médio Politécnico uma prática pedagógica como um processo de permanente instrumentalização dos educandos, esse visa através dos diversos projetos pedagógicos a compreensão do significado da ciência, cultura, arte, comunicação e ação crítica do sujeito, como também a valorização do educando por meio de um ensino crítico-construtivo, que promova a sua formação integral como cidadão atuante e transformador da sociedade.

A concepção pedagógica sinaliza a centralidade das práticas sociais, tendo como origem o foco no processo de conhecimento da realidade, centrado no diálogo, caminho da mediação dos saberes e áreas de conhecimento. Transitando pela compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos e fazendo uma ligação com a teoria e a prática de cada área do conhecimento, tornando o aprendiz um agente crítico transformador da realidade onde está inserido. Nessas práticas sociais, os seres humanos produzem conhecimento, desenvolvem e consolidam sua concepção de mundo, ampliam as consciências e viabilizam a convivência, concretizando a inclusão e a democracia em todas as instâncias. A escola espera que no final do Ensino Médio Politécnico o aluno esteja preparado para assumir uma autonomia intelectual e moral, com compromisso ético e político no mundo do trabalho e das relações sociais. Dessa forma, ele será ativamente participativo, autônomo em relação a seu pensamento crítico e flexível para operar com as novas demandas da sociedade (mídia, internet e tecnologias de ponta).

Além disso, o aluno terá condições de compreender a importância e poder fazer uso da pesquisa científica, conquistando uma postura investigativa, dando-lhe capacidade para melhorar a coletividade, tornando-o também um indivíduo atuante na comunidade.

Percebe-se durante o processo a dificuldade do aluno em compreender a importância da pesquisa como suporte de forma-

ção e transformação da realidade. Também a integração das áreas de conhecimento causa para o aluno e para o professor um certo impacto e resistência no momento da avaliação.

Concluo dizendo que falta maior número de reuniões, estudo e entrosamento de todos os professores no processo de construção e reestruturação do Ensino Médio Politécnico, pois a falta de apoio de alguns professores aos projetos que os alunos estão desenvolvendo torna-se um entrave no processo e um descrédito do aluno pela proposta. Além disso, há muita dificuldade de conseguir a interdisciplinaridade e o diálogo entre as áreas do conhecimento de igual para igual. Acredito que só poderemos conseguir essa interação das áreas de conhecimento quando os professores compreenderem que o ensino não pode ser fragmentado, que nenhum conhecimento por si só basta, que todo conhecimento existe porque tem parte de outro que o constitui, que a avaliação é um processo que serve para rever a prática e aprendizagem do aluno, que acontece durante todo o tempo e não só no momento das provas.

Existe um longo caminho ainda a percorrer; precisamos de muitas reuniões e formação continuada para que o Ensino Médio possa ter uma outra configuração. Hoje a concepção de mundo, ensino, escola e educação mudou. E a partir disso o professor precisa também ter uma outra concepção do seu papel, que jovem e para que mundo está formando. As ideias levam um tempo para ser assimiladas pelas pessoas, e com certeza essas mudanças também levarão, pois num primeiro momento a resistência e a acomodação são mais fortes e imperam em nosso cotidiano escolar.

### Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 2011a. Parecer CNE/CEB nº 5/2011a.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela Pesquisa**: ambiente de formação de professores de Ciências. Ijuí: Editora da Unijuí, 2011.

**PARECER CNE/ CEB – 05/2011**.

SOUZA, M. L. **Histórias de professores de Química em Rodas de Formação em Rede**: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. Ijuí: Editora da Unijuí, 2011.

## Conversando sobre a mudança do fazer pedagógico no Ensino Médio numa proposta de pesquisa interdisciplinar

*Sonia Regina Garcia Bastos*

E.E.E.M.Lília Neves

soniareginabastositaqui@hotmail.com

[...] um processo humano, histórico, incessante, de busca de compreensão, de organização, de transformação do mundo vivido e sempre provisório; a produção do conhecimento tem origem na prática do homem e nos seus processos de transformação da natureza (SMED, 1999, p. 34).

Sou professora e atuo como supervisora na Escola Estadual de Ensino Médio Lília Neves, onde está sendo implementada a nova proposta do Ensino Médio, isto é, o **Ensino Médio Politécnico**. O projeto envolve 33 docentes, que desenvolvem suas funções em 7 turmas do 1º ano do Ensino Médio, em torno de 226 alunos, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite.

Em agosto de 2011, a Direção e a Supervisão da Escola foram chamadas para uma reunião na Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão do Cerro Largo; nesse encontro, foi apresentada pela Equipe Pedagógica da 18ª Coordenadoria Estadual de Educação a nova proposta para o Ensino Médio, que passaria a ser Ensino Médio Politécnico. Nessa oportunidade foi distribuído aos presentes um documento elaborado pela Secretária Estadual de Educação do Estado do Rio Grande sobre o título “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio 2011-2014”, que consta a justificativa, as metas, os objetivos, a metodologia de ensino a ser adotada, dando ênfase ao Seminário Integrado, e a avaliação emancipatória. A Coordenadoria Regional de Educação –18ª disponibilizou um CD que trata sobre “Introdução ao Pensamento Científico”, em que apresenta unidades de trabalho como

referencial e reflexão sobre a nova prática pedagógica, e também um power point sobre Ensino Médio – Avaliação Emancipatória. Esses subsídios serviram para nortear o trabalho inicial da proposta na escola.

Novos encontros foram oferecidos para discussão e implementação da proposta, em que se discutia uma educação com um princípio voltado para trabalho e com sentido emancipatório, promovendo uma inter-relação entre o homem e a natureza. Ao procurar uma interação entre o referencial teórico, que é repassado ao aluno, com a prática na pesquisa, fazendo com que ele domine os fundamentos científicos das diferentes tecnologias utilizadas na produção moderna. Nesse sentido, disciplinas até então trabalhadas de forma individual, passariam a ser por áreas do conhecimento, destacando-se assim os Eixos Temáticos, para que os conteúdos sejam vivenciados de maneira interdisciplinar.

Comecei a pesquisar sobre o Ensino Politécnico para obter fundamentação teórica a fim de implementar a proposta na escola, visando oferecer um ensino fundamentado na pesquisa com base nas constantes transformações que o mundo vem sofrendo nas áreas socioculturais, políticas, econômicas e tecnológicas que promovem mudanças na sociedade na qual participamos, e somos atores nesse processo contínuo de evolução, e assim interferimos, diretamente ou indiretamente, no contexto social. Educação é indispensável para a formação do homem e sua atuação nessa sociedade, permitindo a interação do conhecimento com a prática.

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la (MIZUKAMI, 1986, p. 86).

O relato que faço é sobre o meu papel como supervisora da escola na qual tenho, como uma de minhas funções, a implantação do novo Ensino Médio Politécnico. Por isso, durante a minha fala, não haverá situações desenvolvidas com alunos, pois todo trabalho realizado é com base em encontros para discussão de: Como fazer? O que fazer? Como é o trabalho que está sendo realizado pelos professores coordenadores dos Seminários Integrados?

### **Atividades**

A escola precisou reformular o seu Ensino Médio em um Ensino Médio Politécnico, com carga horária de 30 horas semanais. Os componentes curriculares passaram a ser trabalhados por áreas de conhecimento (Linguagens e seus Códigos, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza) e foi incluído um novo componente curricular que é a disciplina Seminário Integrado. Surge, nesse ponto, a grande questão sobre como devemos trabalhar o Seminário Integrado.

A Equipe Diretiva e Técnica-pedagógica reuniu-se com os docentes da escola para expor e subsidiar o grupo sobre Ensino Médio Politécnico e foram realizados encontros pedagógicos para estruturar a nova matriz curricular, tendo como referência-base o documento da SEDUC.

A equipe diretiva, pedagógica e os docentes reuniram-se, sistematicamente, em grupos no início do ano letivo e ao longo do mês de março, semanalmente, para apresentação, estudo, análise e aplicação da nova proposta do Ensino Médio Politécnico e a matriz curricular.

A matriz curricular, elaborada e estabelecida por áreas do conhecimento pela Secretaria de Educação e que, na parte diversificada, ficou o Seminário Integrado, no qual a ideia inicial era uma atividade interdisciplinar, mas depois passou a ser considerado como disciplina, com carga horária e avaliação. Surgindo, então, um novo problema: quem poderia assumir essa disciplina? Durante os encontros semanais, o grupo foi questionado sobre o docente que iria assumir o Seminário Integrado e, após os diálogos entre os docentes envolvidos, eles foram escolhidos através de seus perfis como agentes do ato de ensinar e de aprender. Embora sabendo que a proposta da disciplina Seminário Integrado seja promover a interdisciplinaridade, encontramos no ambiente escolar um entrave no fator “carga horária” e “recursos humanos” disponíveis para assim concretizar a prática da interação curricular.

A escolha dos professores coordenadores que iriam assumir a disciplina de Seminário Integrado foi através do querer fazer de cada um, levando-se em conta a disponibilidade de tempo

e a carga horária para participar de reuniões para estudo e ter vontade e comprometimento para mudar a sua prática pedagógica.

Definidos os coordenadores, começamos a discutir como daríamos início às atividades pertinentes a essa disciplina.

Como a nova proposta pedagógica requer que o ensinar e o aprender ocorram por meio de projeto interdisciplinar, tendo como foco a pesquisa, surge a ideia de construir um documento para ser aplicado na comunidade em que a escola está inserida e que envolva os aspectos pertinentes ao bairro, observados e constados pelos docentes em sua prática diária em sala de aula.

O grupo reunido elaborou a entrevista com os aspectos relevantes sobre saúde pública, transporte coletivo, fontes de lazer, educação, recolhimento de lixo, meio ambiente, segurança pública, alimentação e outros assuntos pertinentes à comunidade, onde os alunos seriam responsáveis pelas entrevistas locais. Após aplicação das entrevistas, os estudantes, com os professores coordenadores dos seminários, tabularam os dados coletados, envolvendo, nessa atividade, o professor de Matemática. A seguir foram realizados a análise e o relato sobre a pesquisa com ajuda da professora de Português. O passo seguinte foi discutir com o grupo para escolher o assunto que gostariam de trabalhar.

No início das atividades com os alunos foi utilizado o CD enviado pela 18ª Coordenadoria Regional de Educação, do qual destacamos o incentivo à pesquisa, à análise da realidade e à tomada de decisão para a problematização.

Enquanto os alunos do 1º ano do Ensino Médio Politécnico realizaram as atividades propostas, o conjunto de professores coordenadores do seminário reuniu-se para a elaboração do projeto de trabalho.

Para a implantação do Ensino Médio Politécnico, são realizadas reuniões semanais com os professores que assumiram a disciplina Seminário Integrado e que teriam a função de trabalhar os projetos; nesses encontros, o grupo estudou e definiu a caminhada a ser seguida para atender a nova proposta curricular.

O trabalho então proposto para o Seminário Integrado estaria voltado para a pesquisa. Partindo desse referencial, resolvemos trabalhar a metodologia científica, com ênfase na pesquisa, para que o educando entenda o que é “pesquisa”, sua importân-

cia, necessidade, etapas, relatos e, finalmente, a construção do conhecimento e aplicação do mesmo no seu cotidiano. Com a ideia de trabalhar a pesquisa com os alunos, a equipe buscou a fundamentação teórica para estudar, analisar, organizar e sistematizar informações teórico-práticas para ser desenvolvidas em conjunto com os alunos.

O trabalho de cada turma está fundamentado nas entrevistas aplicadas na comunidade pelos alunos, com o qual o professor de posse do material realizado pelos estudantes dividiu a turma em grupos e propôs o trabalho de análise dos dados coletados, tabulação e relatório. Após essas atividades, a turma escolheu um tema para estudo e pesquisa, começando assim uma nova etapa do trabalho: a fundamentação da pesquisa.

Na sala de aula, o trabalho está baseado na inter-relação entre professor-aluno, e juntos estão organizando, fundamentando, sistematizando a pesquisa e construindo seus relatos de experiências.

No processo do desempenho escolar, passa-se a ter um novo olhar sobre a sua avaliação, apresentando três momentos, que se interligam entre si, envolvendo as atividades desenvolvidas no componente curricular, no Seminário Integrado e na autoavaliação do estudante. Sendo o educando integrante e protagonista da sua aprendizagem, nesse sentido inclui-se a autoavaliação em que cada estudante expressa o seu ritmo, o seu desempenho, a sua postura, as dificuldades e os avanços. Como sujeito dialógico que interage pelas linguagens, ele se torna apto a avaliar e demonstrar a sua aprendizagem na sua vida escolar. Outro aspecto trabalhado foi o processo da autoavaliação, realizado por cada educando envolvido no processo de construção da pesquisa.

A avaliação no processo de ensinar e de aprender passa ter um caráter formativo, participativo e conseqüentemente emancipatório; para sua compreensão e aplicação são precisos muita leitura, estudo, análise e conclusões entre os docentes e a equipe pedagógica para sua aplicação, pois vem romper as barreiras da avaliação classificatória e excludente até então vividos pela escola.

Com a necessidade da implementação da nova proposta, é preciso que a escola repense seu currículo construindo o referencial teórico-prático a ser trabalhado com o aluno, vivenciando o

comportamento final que o mesmo deve ter ao término dos três anos do Ensino Médio Politécnico. Também é necessária uma inter-relação com a nova matriz curricular, em que cada área do conhecimento terá uma carga horária no seminário para implementação de projetos interdisciplinares.

Os professores que desempenham a função de Coordenadores do Seminário continuam a desenvolver um trabalho de investigação com o educando. Para que isso aconteça, é fundamental apresentar a esses estudantes referências teóricas, as quais auxiliem na prática e na construção do conhecimento científico que os potencialize nesse processo. As leituras, as discussões prévias e as conclusões os levarão a uma autonomia para o exercício de sua cidadania, possibilitando assim a sua interação com o meio em que vivem e transformando-o.

### **Considerações finais**

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria, tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Paulo Freire

Considerando que a dimensão político-pedagógica dessa proposta tem como princípio norteador a pesquisa que evidencia um processo de ensinar e de aprender de forma criadora, dialógica e integradora, em que as experiências estimulam os processos de reflexão, de discussão, de análise, de socialização de ideias, permitindo assim a construção do saber.

Verifica-se que a nova práxis pedagógica vem reconstruir a postura do professor através desse novo olhar sobre o Ensino Médio, que deve evidenciar em seu contexto o novo período sócio-histórico moderno, que está marcado pelo rápido desenvolvimento tecnológico das novas organizações sociais e de mídias.

Estamos vivendo um período que exige de nós educadores uma reflexão crítica sobre o ensino que a escola atualmente apresenta em seu contexto para mudar a prática pedagógica, utilizando estratégias de aprendizagem que possibilitem ao jovem estudante interagir na sociedade e prosseguir em seus estudos.

Os novos desafios propostos pela reforma do Ensino Médio Politécnico provocam insegurança e medo porque desestabilizam o cotidiano, trazendo em si novos desafios a serem enfrentados, principalmente, na modificação da prática até então empregada no contexto da sala de aula.

É o momento de repensar a prática docente, os conteúdos e a fragmentação do ensino para que a escola cumpra realmente seu papel nos dias de hoje.

### Referências

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria, pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 1943.

FURTADO, R.; FURTADO, E. **A Intervenção participativa dos Atores – INPA**: uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento sustentável. Brasília: IICA, 2000.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

## Reestruturação do Ensino Médio e avaliação emancipatória

*Anna Belotti de Medina Coeli*

18a. Coordenadoria regional de Educação  
annacoeli@hotmail.com

*Joseane Melo da Costa*

Joseane.natura@ibest.com.br

*Sandra Iara Castro dos Santos*

sandra.castro@vetorial.net

*Sicero Agostinho Miranda*

siceromiranda@gmail.com

Em janeiro de 2012 foi aprovada no Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul a Reestruturação Curricular do Ensino Médio de acordo com o parecer 156/2012. A partir dessa data, essa modalidade de ensino apresenta-se da seguinte forma: Ensino Médio Politécnico, Ensino Médio Curso Normal e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio. A reforma foi implementada para fazer frente à fragmentação dos conteúdos e ao distanciamento dos mesmos da realidade dos alunos, também pelos altos índices de reprovação e repetência (34,5%), bem como um número expressivo, 14,7% do total de jovens entre 15 a 17 anos, estar fora da escola.

O Regimento Referência das escolas de Ensino Médio Politécnico da rede estadual do Rio Grande do Sul tem como fundamento uma concepção de conhecimento compreendido como processo humano, sempre provisório, histórico, permanente na busca da compreensão, da organização e da transformação do mundo vivido. Sendo a construção do conhecimento originada das práticas sociais e nos processos de transformação da natureza pelo homem, dando ao conhecimento um caráter dinâmico, contribuindo para uma ação transformadora da realidade.

Na prática, o educando, além de ter aulas dos componentes curriculares do Ensino Médio, desenvolve projetos com atividades práticas e vivenciadas relacionadas com a vida, a sociedade e o mundo do trabalho. As metodologias são interdisciplinares, baseadas em pesquisas pedagogicamente estruturadas e praticadas através de projeto vivencial e trabalho como princípio educativo. Isso não implica a extinção das disciplinas; são reforçadas no diálogo interdisciplinar, distribuídas em 200 dias letivos, com um total de 1.000 horas, somando 3.000 no final dos três anos. O Seminário Integrado possibilita a execução dos projetos, fazendo a relação com as áreas do conhecimento.

A Reestruturação Curricular do Ensino Médio prevê uma avaliação focada na trajetória de conhecimento do aluno, ou seja, avaliar de forma emancipatória, apontando os avanços e indicando meios para a superação de dificuldades apresentadas.

Nesse novo Ensino Médio, a avaliação é emancipatória, um processo conduzido pelo professor e não meramente um resultado.

Assim, a escola deve estar voltada para a formação intelectual e moral, auxiliando na formação humana do indivíduo, orientando-o no papel que desempenhará na sociedade da qual faz parte.

Segundo Freire (1996, p. 52), (...) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

### **Atividades**

Entendemos que as mudanças acarretam dúvidas, dificuldades e incertezas, surgindo a necessidade de uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e metodológicas, incluindo aí a avaliação. A formação continuada propiciará ao público-alvo discussões sobre as temáticas envolvendo a reestruturação, bem como esclarecer possíveis dúvidas que possam surgir no decorrer da execução.

Em março, com o objetivo de levantar número de alunos, turmas, professor(es) responsável (is) pelo Seminário Integrado, eixos temáticos, dias de formação na escola, planejamento das

atividades do Seminário Integrado, entre outras informações, foi realizada uma acolhida individual de todos os supervisores responsáveis pelo Politécnico nas escolas que compõem a 18ª CRE.

Em abril, com o objetivo de discutir a reformulação bem como as potencialidades e fragilidades na execução dos projetos, visitamos todas as escolas, dialogando com os professores que trabalham com o Seminário Integrado.

Em maio, foi realizado um mapeamento das escolas, pontuando a característica de cada uma nessa nova caminhada e os aspectos frágeis. No mês de junho, realizamos reuniões internas e buscamos o apoio da FURG, estruturamos o projeto juntamente com a equipe da universidade e iniciamos as primeiras reuniões juntamente com as formações organizadas pela SEDUC. Em julho, estamos realizando os primeiros encontros dos polos formados pelas escolas que compõem a 18ª CRE.

Todas as discussões envolvendo a Reforma do Ensino Médio são de extrema importância e relevância, mas a Avaliação Emancipatória necessita de uma atenção especial e grande estudo, pois é o ponto principal para mudar e dar novo significado à educação pública estadual de nível médio.

Rever o currículo, mudar a metodologia é extremamente importante, mas é necessário também construir uma nova caminhada em termos de avaliação. Como será feito? Como trabalhar por áreas? Indagações que fazemos e que na formação e na discussão em pequenos e grandes grupos buscaremos respostas e soluções para os nossos questionamentos.

Muitos professores já avaliam de forma emancipatória sem usar a nomenclatura; torna-se necessário, então, realizar uma reflexão acerca do tema.

Entendemos que, para trabalhar com a emancipação, é necessário conhecer, socializar e considerar tudo e todos que formam a estrutura escolar. O Seminário Integrado é o elo entre todos e tem o objetivo de proporcionar um trabalho integrador de caráter motivador, buscando uma nova forma educacional, em que todos os integrantes construirão uma escola mais prazerosa e assim terão satisfação e vontade em fazer parte dela.

### Considerações finais

Vivemos novos tempos em educação, que demandam novas práticas. Ainda que devamos reconhecer os limites, pois como nos diz Perrenoud: “Não há tempo de mudança significativa que não se tenha ancorado em uma visão bastante realista das restrições e das contradições do sistema educativo” (1991, p. 11). Para inovar a escola, temos de superar a inércia e o desperdício da reflexão e dar o curso a um novo paradigma no cotidiano do nosso trabalho. Todos nós, independente da função que exercemos na escola, precisamos ter algumas concepções teóricas e embasamentos pedagógicos; para isso precisamos ler, compartilhar ideias entre os colegas, enfim, precisamos de momentos de encontro para repensar a nossa prática e juntos fortalecer o novo Ensino Médio.

Para que tenhamos sucesso e consigamos mudar os altos índices de evasão e reprovação, a proposta precisa ser trabalhada de forma coletiva e comprometida, vista de forma respeitosa e significativa como uma oportunidade de mudança.

### Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 202p.
- PERRENOUD, P. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto alegre: Artes Médicas, 1991.
- SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio**. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens\\_medio.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1)>. Acesso em: 19 ago. 2012.

Parte 2:  
*O que emerge da  
prática em sala de aula?*



## **Seminário Integrado: novos e profícuos caminhos no Ensino Médio**

*Carmen Rubira*

E.E.E.M. Engº Roberto Bastos Tellechea  
carmenrubira@yahoo.com.br

A disciplina Seminário Integrado nas Turmas 10A, 10B e 10C, da E.E.E.M. Engº Roberto Bastos Tellechea, é regida por mim desde o início do ano letivo, com a implementação do Ensino Médio Politécnico. Devo confessar que se trata de um grande desafio, mas que também proporciona momentos de muito entusiasmo, principalmente pelas manifestações críticas dos alunos. Nesse sentido, posso citar a “curiosidade epistemológica” que vem se instalando aos pouquinhos no alunado, o que sabemos ser pilar do aprender. Dessa maneira, o conceito do fazer científico pode ser explorado e, principalmente, compreendido por eles.

Assim, procurei seguir a linha de aplicação dos projetos de aprendizagem, visto que atualmente são exigidas algumas habilidades aos professores, como: formar indivíduos com uma visão mais global da realidade, vincular a aprendizagem a situações e problemas reais e consequentemente preparar o aluno para aprender durante toda a vida.

[...] formar para a vida significa mais do que reproduzir dados, denominar classificações ou identificar símbolos. Significa: saber informar-se, comunicar-se, argumentar, compreender e agir; enfrentar problemas de diferentes naturezas; participar socialmente de forma prática e solidária; ser capaz de elaborar críticas ou propostas; e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado (BRASIL, 2002, p. 9).

Um dos fatores negativos, se não o maior entrave, está na efetivação da interdisciplinaridade, já que “desacomodar” os professores é tarefa árdua, e tampouco temos oportunidades de nos reunir para melhor direcionar os projetos.

### Segundo o professor João Beauclair:

Na verdade, a presença dos alunos na escola se reduz a uma participação insossa, vinculada a um cotidiano onde o que se pretende é apenas fazer valer o processo de transmissão e imposição de um conhecimento estanque, distanciado da realidade e, principalmente, imposto pela cultura escolar vigente.

Nesse sentido, o professor, ao desempenhar o papel de mediador do conhecimento, acaba por estimular o aluno a uma atitude ativa, passando a dar significado à escola e, principalmente, desejando aprender.

Todas as três turmas foram organizadas da mesma maneira, ou seja, discussão para levantar o ASSUNTO, depois o PROBLEMA. Nesse ponto, utilizei os ensinamentos socráticos, adotando uma atitude dialógica de questionamentos, a fim de que eles elaborassem e tornassem interessante a pesquisa na aprendizagem. Assim, cada turma refez o pensamento por diversas vezes, já que, ao serem convidados a responder as questões, iam assumindo novas posturas. Esse processo não foi fácil e denotou várias aulas. Afinal, os alunos ainda não sabem elaborar o pensamento crítico reflexivo voltado para sua autoformação, graças a um ensino vertical e estanque. Instalou-se aí o maior desafio: o aspecto motivacional, que não é conseguido pela boa vontade do professor apenas, mas pela formação continuada em sala de aula e de maneira contínua e integrada interdisciplinarmente.

Dessa maneira, partimos para uma nova etapa, qual foi descobrir juntos as áreas de interesse aos assuntos já estabelecidos em cada turma, definindo-se na Turma 10A a temática da MÚSICA, construindo a hipótese: A MÚSICA CONSTRÓI OU SE JUNTA À PERSONALIDADE INDIVIDUAL E/OU SOCIAL?

O corpus da pesquisa envolveu funcionários e professores da escola, alunos e familiares; a metodologia aplicada foi um questionário. Do mesmo modo atuou a Turma 10B, que desenvolveu a mesma temática, porém em trabalho complementar, visto que sua hipótese foi querer saber se O GOSTO MUSICAL REFLETE A PERSONALIDADE SOCIAL E/OU INDIVIDUAL. Eles tiveram como corpus de pesquisa familiares resi-

dentes com alunos da escola e na faixa etária de 15 a 60 anos. A Turma 10C optou pelo tema POLUIÇÃO e sua hipótese de que O ATO DE POLUIR É AÇÃO INDIVIDUAL COM REFLEXO NO COLETIVO OU É FALTA DE OPÇÃO? Essa turma também utilizou como método de pesquisa o questionário e realizou monitoramento de focos de lixo no bairro através de fotos tiradas a cada três dias.

Dessa maneira, fomos organizando o trabalho durante as aulas de Seminário Integrado sob a consulta de textos que eu levava para discussão em sala de aula, a criação de e.mail coletivo, onde se complementavam as leituras e planejávamos novas ideias. É claro que não consegui ‘agregar’ todos os alunos, mas à medida que o tempo passava e o trabalho ganhava sentido o número foi crescendo e a qualidade também progrediu.

A partir desse ponto, tornei-me “professora polivalente”, já que múltiplas visões se fizeram necessárias quando tentava estimular as aprendizagens interdisciplinares. Além disso, ao professor hoje não basta conhecer bem a sua disciplina. É preciso que conheça um pouco de todas, que tenha essa capacidade de se posicionar sobre as diferentes áreas do saber e que o faça com propriedade. Cito algumas possibilidades de ampliação do conhecimento, que foram sugeridas aos outros professores, em consonância com os alunos: na relação música e personalidade, o envolvimento da disciplina de Biologia abordando a questão do aparelho auditivo e abuso de decibéis com o uso de fones, ainda conhecer um exame de audiometria; História, explorando a questão da ditadura militar e a manifestação artística no período; Geografia, trabalhando os aspectos culturais regionais; Literatura, contribuindo com análise das rimas e sonoridade, etc.

Quanto ao assunto da poluição, teríamos o envolvimento da Química, abordando os aspectos de gases provenientes de lixões ou compostagem de resíduos; Geografia, mapeando o bairro; Filosofia, analisando a questão de convívio e preservação nas relações sociais; Artes, explorando a fotografia e também a pichação como poluente visual, etc. No entanto, nada disso aconteceu, visto que as solicitações dos alunos aos professores recebiam respostas como: “Não tenho tempo para Seminário Integrado. Isso não faz parte dos meus conteúdos”. Evi-

denciado fica o despreparo docente para a prática da politecnicidade em oposição a uma prática pedagógica fracassada e desmotivadora do ensinar-aprender. Resta-nos repensar o fazer docente sob a ótica da integração e mais ainda sobre a reflexão.

Ressalto que a disciplina de Português, também sob a minha regência, contribuiu com leitura e interpretação de textos sobre os assuntos música, poluição e relações pessoais, com a finalidade de ampliar a capacidade reflexiva e crítica. Além disso, auxiliiei na confecção do questionário após o levantamento dos dados e a análise e interpretação deles, objetivando a textualização de um relato de pesquisa. Nesse sentido, as já referidas turmas receberam base científico-metodológica de um projeto de pesquisa, o que acreditamos ter sido o ponto alto desenvolvido, já que “plantou-se a semente” da percepção da realidade com criticidade.

Ainda a disciplina de Português contribuiu com um texto crítico-reflexivo, ao qual denominamos depoimento, sobre a disciplina Seminário Integrado. A finalidade foi conscientizar o aluno da necessidade de ele se tornar uma pessoa crítica, para analisar a realidade bem como o seu envolvimento individual e coletivo, para aceitá-la ou transformá-la.

Assim, a sala de aula tornou-se um espaço promotor de aprendizagem e de reflexão teórico-metodológica na inter-relação teoria-prática como eixo estruturante da disciplina Seminário Integrado.

Isso fica evidenciado pelas palavras do aluno ao dizer: *A disciplina Seminário Integrado em minha opinião está sendo muito interessante, pois nós alunos pesquisamos assuntos de nosso próprio interesse e buscamos conhecimento para compreendê-los [...] envolve pesquisa, relação dos alunos com pessoas de fora da escola e a busca pelo conhecimento.*

### Considerações finais

O estágio de desenvolvimento em que estamos neste momento é buscar fundamentação teórica para embasar a interpretação e análise dos dados. Neste momento, os alunos realizam pesquisa em artigos publicados na internet, visto que é o recurso

de acesso possível à maioria. Isso acontece após rodas de conversa nas quais se busca entender os números da pesquisa, para agora e tão somente agora analisá-los, transformando-os em texto (relatório). Aqui eles são mediados por mim num processo dialógico na construção do saber, a fim de despertar, conforme Paulo Freire (1998), a “curiosidade epistemológica”.

Temos consciência de que o ano letivo foi pequeno para a execução de tão complexo trabalho, mas cada passo direcionado ao conhecimento da realidade foi um começo da caminhada que prosseguirá ao longo do Ensino Médio. Nesse sentido, os problemas enfrentados devem ser motivadores para que se busque o aperfeiçoamento da prática pedagógica a fim de que se obtenha uma integração das áreas do conhecimento. Assim, um projeto de intervenção e, principalmente, a compreensão da realidade sob a ótica da globalidade e da complexidade, uma perspectiva holística da realidade serão aprendizagem significativa.

Finalizando este relato e refletindo sobre a experiência docente que desenvolvi durante esse período letivo, não desconsidere a eficiência educativa de Seminários Integrados, mas critico a forma de aplicação como disciplina, já que reduziu carga horária das outras matérias e sua ocupação na carga horária não enriqueceu a dinâmica dialógica entre as áreas do conhecimento. Acredito que a plenitude de Seminários Integrados pudesse ser alcançada se regidos por um professor, porém esse desenvolveria regência pedagógica com base da Pedagogia de Projetos e com elasticidade de carga horária, para atuar durante a semana, ou melhor, articular a interdisciplinaridade aproveitando as temáticas dos projetos, já que muitos docentes atuam em dias e horários variados, impossibilitando a frequência em reuniões. Além disso, a maioria trabalha em outra(s) escola(s).

Nesse contexto, Seminários Integrados vêm se desenvolvendo a passos lentos, e seu propósito semântico globalizador deixa de ser atingido, restando trabalhos isolados dos professores que atuam nessa disciplina, perdendo-se grandiosas ideias dos alunos bem como o seu interesse em adquirir novos conhecimentos e perceber a pesquisa como fonte do saber e agir em sua própria vida.

### **Referências**

DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1997.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.



## **Seminário Integrado: exercício da curiosidade emergente**

*Clarisete Mendes de Oliveira*

E.E.E.M. Getúlio Vargas  
clari7@ig.com.br

A implantação do Seminário Integrado no currículo dos alunos do Ensino Médio trouxe incertezas e muitas descobertas. Desde as reuniões de professores para os planejamentos até o resultado parcial no final do ano letivo de 2012, passamos por angústias, mas vivemos momentos de intenso aprendizado. E com a curiosidade e a busca vieram as respostas. Com entusiasmo e positividade foi conduzido o trabalho de execução de um pré-projeto de pesquisa e a livre discussão de um tema que seria pesquisado pelos alunos. Nossas expectativas foram superadas e nossos medos, vencidos. Este é um relato de experiência que pretende contar como foi conduzido o Seminário Integrado no novo Ensino Médio Politécnico.

### **No contexto da escola e da turma**

Este relato apresenta uma síntese das atividades desenvolvidas com os alunos do primeiro ano do Ensino Médio Politécnico da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, referente ao Seminário Integrado – SI, na turma 102 com 33 alunos, durante o ano letivo de 2012.

Nossa escola encontra-se num bairro chamado Cohab II na cidade de Rio Grande e que, por ser uma escola de Ensino Médio e também ter cursos técnicos como Secretariado, Contabilidade e Comércio Exterior, recebe alunos de todos os bairros da cidade. Por isso podemos dizer que temos um público variado.

A direção da escola teve o cuidado de escolher professores que já tinham a iniciativa de trabalhar de forma interdiscipli-



nar para assumir essa responsabilidade de levar até os alunos essa nova proposta de aprendizado.

Após várias reuniões de planejamento entre os professores de SI, as atividades foram sendo desenvolvidas de maneira sincronizada nas diversas turmas, em que os professores seguiam uma sequência combinada na apresentação das propostas.

Primeiramente, nós, os professores, precisaríamos entender quais eram os objetivos dessa proposta e quais metodologias usaríamos para alcançar esses objetivos. Então percebemos que estávamos diante de um trabalho totalmente inovador e pioneiro no Ensino Médio e que, por isso, nos trazia muita ansiedade e insegurança. A cada reunião, fomos percebendo que teríamos que conduzir nosso trabalho com vistas a formar um novo perfil de aluno, que teríamos que dar as ferramentas e orientação e deixá-los livres e motivados para construir conhecimento. Então levamos a proposta para a sala de aula com esse espírito de liberdade e entusiasmo, apresentamos a proposta como se fosse uma nova disciplina, pois era a orientação que tínhamos no momento. Não lembro de ter enfrentado resistência significativa por parte dos alunos, porém foi possível perceber certa curiosidade, o que é normal diante do desconhecido e, nesse contexto, benéfico, pois o interesse de saber mais, no sentido de saber o que deveriam fazer para cumprir as tarefas e ser aprovados, acabou motivando-os de certa forma.

Nossas reuniões semanais de professores continuaram acontecendo durante o ano, em que podíamos trocar experiências e planejar os próximos passos a fim de tornar nosso trabalho integrado.

Nas primeiras aulas, a nova proposta de ensino foi apresentada aos alunos de forma positiva, enfatizando as vantagens que teriam, pois seria uma oportunidade de descobertas, em que poderiam, inclusive, obter um direcionamento profissional, já que têm a liberdade de escolher um assunto de seu interesse para explorar e aprofundar seu conhecimento e, quem sabe, descobrir uma profissão.

Foi fornecido a nós um material pela 18ª Coordenadoria Estadual de Educação (CRE) com noções básicas da ciência clássica, e esse material foi usado naquele início em que estávamos

procurando um caminho. Por isso é que, com a introdução ao pensamento científico, apresentamos os grandes filósofos e pensadores do passado, aqueles que, até hoje, são reverenciados como construtores do conhecimento científico, tais como: Sócrates, Platão, Aristóteles, Galileu Galilei, René Descartes, Isaac Newton, etc.

Como atividade avaliatória do primeiro trimestre foi feito um questionário desse conteúdo que os alunos responderam em grupos.

No segundo trimestre, partimos para atividades mais concretas e que tinham a ver com a realidade dos alunos. Por causa disso, trabalhamos o pré-projeto de pesquisa com seus itens de forma simples para que eles conseguissem entender e dar as respostas que precisávamos. E começamos a compor o pré-projeto a partir de um tema livre. Primeiramente, listamos os possíveis temas que poderiam despertar interesse e surgiram muitas ideias, uma variedade significativa de assuntos sobre os quais os alunos tinham real interesse em aprender, conhecer mais. Passamos algumas aulas discutindo a relevância de cada tema para amadurecer o pensamento e tornar a decisão de cada grupo mais consciente; escolhido o tema, cada grupo começou a escrever seu pré-projeto de pesquisa.

Nessa turma, que demonstrou ser bastante heterogênea, emergiram cinco temas após as discussões, que são:

- Drogas em meio aos adolescentes;
- Música;
- Teatro;
- Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs);
- Jogos em 3D.

O grupo que queria falar sobre as drogas estava preocupado em saber as causas e consequências do uso das mesmas; o que preferiu falar de música estava buscando um caminho, ou seja, estava um pouco perdido sem saber que ritmos trabalharia e, num primeiro momento, cada integrante pesquisaria um dos ritmos para que pudessem decidir por um deles até o final do ano, e dessa forma essa pesquisa ficou bem ampla, mas o número de alunos no grupo era suficiente para essa demanda. O grupo que pesquisou sobre o teatro foi para o lado histórico, falando de suas ori-

gens. O grupo que inicialmente queria pesquisar as doenças sexualmente transmissíveis mudou de tema e começou a pesquisar sobre o meio ambiente e foi a campo. Esteve na Secretaria Municipal do Meio Ambiente da cidade para descobrir as ações que estavam sendo desenvolvidas para a preservação do meio ambiente e voltou com folhetos e os dias e horários das coletas seletivas que aconteciam em cada bairro. Com isso houve uma divulgação na escola dessas informações para todos os alunos, de todas as séries, através de panfletos distribuídos e cartazes fixados nos pavilhões da escola. Por fim, o grupo que escolheu pesquisar os jogos 3D tinha uma forte vontade de construir um e já possuía algumas informações sobre como fazer, mas na escrita do pré-projeto esbarrou em sua maior dificuldade, o conhecimento teórico, autores que davam as instruções, já que eles obtinham esse conhecimento através de amigos da internet, do popular “boca a boca” e não da leitura da literatura necessária para a criação desse tipo de jogo.

Com as rodas de conversa oferecidas pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), foi sugerido que esses grupos distintos de pesquisa com temas tão variados poderiam encontrar pontos em comum e um ajudar o outro, como por exemplo: o grupo dos jogos 3D, que usará música e poderia dialogar com o grupo da música; o grupo que trata do assunto drogas poderia trocar informações com o que vai pesquisar DSTs, etc., porém não chegamos a esse patamar, tendo em vista que todos estavam focados demais em seus próprios temas e também tínhamos a missão de escrever o pré-projeto, já que havia ficado decidido que essa seria nossa prioridade para o primeiro ano, pois serviria de ponto de partida para a efetiva pesquisa que deveria seguir.

Na fase de escrita do pré-projeto, a cada aula de SI, os grupos pensavam e escreviam um item do projeto. Primeiramente tiveram que escrever a apresentação do tema escolhido, de forma a introduzir o assunto. Na aula seguinte, expuseram os motivos, ou seja, os porquês de escolher aquele determinado tema na justificativa. Na outra, escreveram o objetivo geral e assim, sucessivamente, até compor o projeto integralmente, o que foi feito pouco antes do final do ano letivo. Todos já estavam de alguma forma pesquisando para construir seu pré-projeto, e todos os grupos con-

seguiram terminar a escrita desse no tempo estimado, porém um dos grupos foi mais longe, pois antes mesmo da escrita do pré-projeto ele já havia coletado dados suficientes para criar o seu jogo em 3D.

O grupo dos Jogos 3D destacou-se, pois no encerramento do nosso ano letivo, quando fizemos a Mostra do Ensino Médio na escola, apresentou um jogo em 3D, criado por eles, que retrata o ambiente virtual da própria escola, com um personagem que tinha a missão de recolher copos descartáveis do chão da escola e, com isso, conseguia pontuação no jogo. Na data da apresentação, o jogo ainda não estava totalmente pronto, mas foi possível perceber com exatidão todo o ambiente retratado, e os seus autores apresentaram os recursos prontos e os que ainda estavam em andamento. Os alunos que assistiram à apresentação, de todas as séries do Ensino Médio, ficaram entusiasmados e aprovaram o jogo. Isso fez com que o grupo se motivasse ainda mais e então criou uma página no facebook chamada GV The Game, onde posta todas as novidades sobre a criação do jogo.

Durante o desenvolvimento do processo de aprendizagem desse novo método de ensino, ou seja, as aulas de SI, foi possível perceber que todos os alunos demonstraram aptidão nas tarefas desenvolvidas com a pesquisa e responderam muito melhor aos desafios propostos do que esperávamos, o que nos faz pensar que, por vezes, tendemos a subestimar nossos alunos, não exigindo muito por pensar que esses não corresponderão às nossas expectativas e, por vezes, desistimos diante das dificuldades. No meu caso, em específico, fiquei surpresa e extremamente feliz cada vez que notava a facilidade e rapidez com que os grupos construíam cada parte do pré-projeto.

Ao vê-los trabalhando em seu próprio projeto de pesquisa, lembrei-me das palavras de Pedro Demo sobre o que vem a ser aprender.

É preciso ter em mente o que é 'aprender', algo muito diferente do que ocorre nas escolas em geral. Segundo as melhores teorias hoje disponíveis, aprendizagem é um processo re-construtivo, tipicamente de dentro para fora, como se sugere em argumentações de fundo biológico. Maturama (2001) emprega o conceito de 'autopoiese' para designar a proprie-

dade de todo ser vivo de autoformação e auto-organização, no sentido de captar a realidade externa de maneira interpretativa própria (DEMO, 2009, p. 15).

Foi possível perceber essa teoria acontecendo nas aulas de SI, tendo em vista que eles é que precisavam organizar-se e tomar suas próprias atitudes, vindas de dentro de cada ser realmente. Mais adiante, Demo (2009, p. 18-21) define ainda melhor o que acontecia naquele momento em que nos reuníamos em SI ao afirmar que a aprendizagem exige condições específicas, todas de dentro para fora, que são: Pesquisa; Elaboração própria; Envolvimento; Avaliação; Orientação; Relação pedagógica. Foi justamente nesse ambiente e com essas condições que tralhamos o tempo todo. A partir da pesquisa, os alunos elaboravam tudo, desde o próprio tema; o envolvimento também se dá por conta dessa liberdade de escolha do seu tema; ao trabalharem um tema com o qual têm afinidade, o envolvimento é natural. Como a pesquisa acontece em grupo, acaba que uns avaliam os outros quando percebem que uns fazem mais e outros menos, e, ao avaliar-se, também se autoavaliam. O professor assume o papel de orientador, e a relação pedagógica se estabelece.

Lendo Marcos Bagno, pude entender por que é que meus alunos demonstravam relativa facilidade ao desempenhar as tarefas que lhes atribuía. Em seu “manual”, como ele mesmo chama, intitulado “Pesquisa na escola, o que é, como se faz”, encontramos uma série de esclarecimentos referentes à pesquisa escolar, e aponta para o fato de que o professor deve dar o direcionamento seguro, saber conduzir, guiar seu aluno para que esse não se perca no emaranhado de informações disponíveis nos variados meios de informação e comunicação.

Tudo isso junto cria um verdadeiro labirinto onde é muito fácil alguém se perder, a menos que tenha um bom fio de Ariadne<sup>1</sup> para se orientar. E esta é mesmo a palavra-chave: orientação. Se o professor abrir mão de seu papel fundamental de orientador da aprendizagem de seus alunos, estará se

---

<sup>1</sup> É uma bela princesa da mitologia grega que ajuda o herói Teceu a se guiar por um labirinto, amarrando a ponta de um novelo na entrada do labirinto; para sair, eles precisariam seguir o fio de volta.

responsabilizando pelo que vier a acontecer com eles ao tentarem atravessar esse labirinto, que na verdade é um grande campo minado (BAGNO, 2000, p. 14).

Imagino que, por conta de nossas incessantes reuniões e debates entre os professores, conseguimos ir para a sala de aula com certa segurança para transmitir aos nossos alunos, e eles perceberem que nós sabíamos o que queríamos deles fez a diferença.

### **Considerações finais**

É preciso considerar que estamos no início de um longo processo de mudança e transformação do ambiente educacional do Ensino Médio em nosso estado. Por isso sabemos que há muito que aprender, temos um longo caminho a percorrer, mas também sabemos que começamos, e isso já é um grande passo.

Alguns alunos ainda estão acostumados a receber tudo pronto e, por isso, não têm iniciativa; outros já se mostram mais dispostos e menos temerosos, apesar de também sentir a normal insegurança de um início. E o mesmo acontece com os professores: há os que não sabem lidar com as mudanças, uns apresentam mais resistência, outros menos.

Porém devemos pensar que essa mudança poderá servir para estimular a inteligência geral dos alunos, como sugere Edgar Morin (2011); uma inteligência ampla e irrestrita, favorecendo o exercício da curiosidade emergente e própria da infância e da adolescência, ao invés de aniquilá-la através de pura instrução mecânica. Pensando nisso, devemos tomar cuidado para não transformar SI em instrução mecânica, descuidando de aspectos individuais e motivacionais, valorizando o saber de cada um.

Penso que, se conduzirmos nossas ações pedagógicas para preencher uma real necessidade dos nossos alunos, eles poderão levar esse conhecimento para suas vidas e transformar suas realidades. Pois somente dessa maneira vamos conseguir, através desse ensino integrado, fazer com que eles passem a ser pessoas resolvidas e engajadas socialmente e saibam enfrentar e resolver seus problemas. Que descubram um mundo de conhecimento e saibam fazer parte dele e, com isso, comecem a sonhar e construir dias melhores!

Sabe-se que todas as experiências desse início serão muito importantes para construir um novo Ensino Médio, e o que outros professores poderão aproveitar deste relato é a simples exposição de fatos, ideias e reflexões e sobre como foi conduzido esse processo em meio às incertezas; e o mais importante foi a superação de profissionais que deram o seu jeito e tocaram um grande projeto para frente, não planejaram, mas executaram com sabedoria e profissionalismo todo esse projeto ousado do Ensino Médio Politécnico.

É possível dizer também, o que nos dá muito orgulho, que o grupo de professores de SI da E.T.E. Getúlio Vargas, por trabalhar em conjunto e ter sempre muitas perguntas, acabou encontrando suas respostas, e quando elas chegaram, percebemos que estávamos no caminho certo. Poderia resumir tudo em duas palavras: dedicação e confiança.

### Referências

- BAGNO, M. **Pesquisa na escola**. O que é, como se faz. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

## Uma análise sobre o trabalho desenvolvido nos Seminários Integrados

*Fábia Michelle da Silveira Pereira*

Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller  
fabiaclv@ibest.com.br

O presente trabalho foi realizado no Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller dentro da proposta da disciplina de Seminários Integrados. Fizeram parte do trabalho professores coordenadores dos Seminários Integrados, bem como os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio. A pesquisa realizada esteve aberta à participação dos demais professores da escola, visando à interdisciplinaridade.

Tudo começou com a escolha dos coordenadores dos Seminários Integrados, que, no caso do Instituto de Educação Juvenal Miller, foram escolhidos em função da disponibilidade de carga horária. Fomos surpreendidos pela escolha e ficamos receosos, visto que não tínhamos conhecimento suficiente em relação ao trabalho que deveria ser realizado e porque não tivemos tempo para refletir ou mesmo entender a proposta. Soubemos da escolha e logo em seguida já estávamos em sala de aula, sem ter muita clareza do que fazer. A maneira que encontramos para dissipar um pouco as incertezas foi realizar reuniões semanais em que o grupo trocava seus anseios e ao mesmo tempo trocava ideias para levar o trabalho adiante. Mesmo isso não foi uma tarefa fácil, pois, por mais que tenhamos tomado consciência da necessidade do trabalho em grupo e da troca de experiências e vivências, não estamos acostumados a isso; também não estamos acostumados a ouvir críticas (ou a aceitá-las) e, principalmente, não estamos acostumados a nos desacomodar. Dessa forma, até mesmo a formação do grupo e a realização das reuniões foram um pouco tensas no início.

Na ocasião em que a proposta foi realizada, encontrava-me na condição de professora contratada, portanto não tinha mais

tanto receio de enfrentar novos desafios, visto que, desde que iniciiei o trabalho no IEE Juvenal Miller, foram muitas as mudanças. No entanto, a diferença é que, dessa vez, não bastava apenas pegar um livro de uma nova disciplina, estudar os conteúdos e preparar as aulas. O desafio agora era não saber por onde começar. Logo no início, tivemos uma conversa com o professor Cristiano Ruiz Engelke, que nos deu, de certa forma, um norte para seguirmos em frente. Após, uma das integrantes do grupo teve a ideia de realizar uma espécie de questionário em que constavam perguntas como por exemplo: já participou de algum projeto? Tem acesso à internet? Sabe o que é pesquisa? Já realizou alguma? Que tema escolheria para um projeto? Com base nas informações coletadas, chegou-se ao consenso (no início conflito) de que o tema geral seria tecnologia<sup>1</sup>. A partir desse momento, organizamos algumas atividades em comum para trabalhar com os alunos. Toda semana trocávamos informações a respeito do que cada uma de nós vinha trabalhando, de que forma e quais os resultados obtidos.

### **Organização das atividades**

Partindo do tema geral – Tecnologia –, cada coordenadora foi realizando suas atividades com o objetivo de definir o tema escolhido, agora pelo seu grupo de trabalho (turma). As primeiras atividades foram em comum; cada uma de nós trabalhou aspectos sobre projeto de pesquisa, o que é um projeto e quais são suas etapas. Logo após essa caminhada inicial, cada coordenadora foi elaborando a sua própria maneira de trabalhar, no entanto algumas ainda preferiram seguir caminhos semelhantes.

Na turma em que desenvolvi o trabalho, já durante a tabulação do questionário conseguimos definir o tema a ser trabalhado. Um bom número de alunos da turma havia citado como interesse para pesquisa as Redes Sociais<sup>2</sup>. O próximo passo foi tentar

---

<sup>1</sup> O grupo recebeu a informação de que deveria ser um tema único por escola.

<sup>2</sup> Foi escolhido um tema geral para a escola, e cada grupo (turma) escolheu seu tema de trabalho com base no tema geral. Ficou estabelecido que cada turma trabalharia apenas com um tema; portanto foi selecionado o tema citado pela maioria da turma.

definir o que gostariam de saber sobre as Redes Sociais. No início, não foi muito fácil, pois eles não estão muito acostumados a ser agentes do processo, ou seja, estão acostumados a receber informações e não a buscá-las e, mesmo o tema sendo do interesse deles, não sabiam exatamente o que gostariam de conhecer sobre as Redes Sociais; além disso, não conseguiam ver muito claramente qual o objetivo do que estávamos fazendo.

Logo após ter sido trabalhada a noção geral sobre o que é um projeto de pesquisa e suas etapas, comecei o trabalho com textos que, de alguma forma, os fizessem pensar sobre as Redes Sociais<sup>3</sup>. A leitura era realizada em pequenos grupos, e em seguida eles tinham que colocar no papel as ideias gerais apresentadas no texto. Nem todos os alunos mostravam interesse em relação ao que estava sendo realizado; portanto alguns realizavam a atividade e outros não, alguns sequer liam os textos. Trabalhamos textos sobre o poder da internet em nossas vidas, sobre Redes Sociais, sobre a ideia de Panóptico<sup>4</sup>, sobre o que as pessoas deixam de fazer para estar nas Redes, sobre mudanças de comportamento em função do uso da internet, etc. Logo no início do trabalho, sugeri a leitura de dois livros –, *Redes Sociais na internet e Blog.com* –, de Raquel Recuero, bem como sugeri dois vídeos – *Nação digital e Crescendo Online*.

Como ninguém acessou o material, levei até eles alguns aspectos do livro que considero fundamentais para o entendimento do que são Redes Sociais e também fiz um resumo dos principais aspectos abordados nos vídeos.

Depois dessa etapa, partimos para o desenvolvimento do projeto propriamente dito. A ideia foi desenvolver um projeto de

---

<sup>3</sup> Tema escolhido pela turma: A influência das Redes Sociais na internet na vida dos adolescentes que estudam no Instituto de Educação Juvenal Miller. Problema: Quais as implicações, positivas e/ou negativas, do uso das Redes Sociais na internet pelos adolescentes que estudam no Instituto de Educação Juvenal Miller?

<sup>4</sup> Modelo de edifício criado pelo filósofo e economista inglês Jeremy Bentham e examinado pelo também filósofo Michael Foucault em seu livro “Vigiar e punir”. Em suma, trata-se de um mecanismo de vigilância, um edifício em formato circular, em cujo centro encontram-se um pátio e uma torre de vigilância; tal estrutura permitiria um processo de vigilância integral dos indivíduos que ali se encontrassem. A intenção de utilizar o texto foi buscar uma possível relação entre o mecanismo de controle citado e as Redes Sociais.

pesquisa que abordasse o tema Redes Sociais e que respondesse o problema proposto: Quais as implicações positivas e/ou negativas do uso das Redes Sociais na internet na vida dos estudantes do Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller? Para validar ou não nossas hipóteses em relação ao problema apresentado, criamos um questionário que abordou questões relevantes sobre o tema. O processo funcionou mais ou menos da seguinte maneira: Eu levava um material sobre, por exemplo, “como escolher um tema de pesquisa”, eles se reuniam em grupos e liam, eu explicava, tirávamos as dúvidas e eles partiam para o desenvolvimento. No início, eu deixava que eles fizessem em casa e trouxessem na aula seguinte. No entanto, nem todos traziam; então, depois de algum tempo, percebendo que o resultado não era satisfatório, solicitei que fizessem as atividades propostas em sala de aula. Assim aconteceu com todas as etapas trabalhadas. Alguns preferiam trabalhar em duplas e outros em grupos maiores; deixava isso a critério deles. Portanto, quando trabalhamos o material sobre o “tema de pesquisa”, fizemos toda a etapa de exposição e tiramos as dúvidas sobre o material, e depois os grupos ou duplas escreveram suas ideias sobre o tema. Assim aconteceu também com o Problema de Pesquisa.

Depois disso, eu li o que produziram e, a partir do que escreveram, estruturei três temas com seus respectivos problemas. Eles escolheram o que consideraram mais interessante para ser trabalhado.

Tentei criar com eles um contato além da aula para trocar material, etc. Nos conectamos via MSN e via e-mail; não funcionou como eu esperava, mas foi uma tentativa.

Depois disso, elaborei um Power point em que retomamos as etapas de um projeto de pesquisa e localizamos o que já havíamos realizado até então. Da mesma maneira que surgiram o tema e o problema de pesquisa, foram elaboradas também as hipóteses, os objetivos e a justificativa do trabalho. Depois de reunido o material que produziram individualmente ou em grupo, eu fiz uma síntese e, a partir do que escreveram, montei o trabalho. Nos últimos encontros que tivemos, trabalhamos em linhas gerais os tipos de pesquisa. Em um dos encontros elaboramos nosso roteiro de entrevista; essa atividade teve boa receptividade e surgiram algu-

mas ideias, como por exemplo criar um perfil em um site de Rede Social para disponibilizar o formulário ou os resultados.

Os encontros finais dos Seminários Integrados ficaram reservados à parte prática do projeto, ou seja, elaboração do roteiro de entrevista (questionário contendo 26 questões), entrevistas realizadas pelos alunos e a análise dos dados obtidos. Os estudantes realizaram as entrevistas na própria escola em momentos livres; as entrevistas realizadas foram trazidas para sala de aula e deu-se início à análise; essa atividade foi realizada em grupos. Com ajuda da professora de Matemática, os alunos construíram gráficos para expor os resultados obtidos. Todo este material foi reunido e montamos com ele um Banner como fechamento do trabalho<sup>5</sup>. A avaliação do trabalho foi realizada a cada encontro; procurei evitar a avaliação destacada por Saul (1995), na qual, a partir da relação que se estabelece entre professor e aluno. Muitos educadores acabam utilizando sua avaliação como arma contra o aluno. Portanto mais do que avaliar o que sabem ou entenderam sobre o assunto, procurei avaliar a construção, o processo, ou seja, a participação, o envolvimento em relação às atividades propostas.

---

<sup>5</sup> A pesquisa realizada por eles gerou resultados interessantes que permitiram uma reflexão sobre o uso das Redes Sociais pelos estudantes da escola, bem como respondeu o problema proposto pela pesquisa. Dentre os resultados, o trabalho revelou que 100% dos entrevistados acessam as Redes Sociais, 88% acessam as Redes há mais de dois anos, 92% acessam diariamente, 50% permanecem na Rede entre três e cinco horas, 24% acreditam que tiveram seu comportamento modificado de alguma maneira em função das Redes, 52% conversam com pessoas que não conhecem pessoalmente, 40% já tiveram um relacionamento que teve início nas Redes Sociais, 46% já se encontraram com pessoas que conheceram nas Redes Sociais, 86% consideram não ser possível conhecer totalmente uma pessoa através das Redes, 40% dos estudantes informaram ter deixado de fazer alguma atividade para acessar as Redes Sociais e ainda 50% dos estudantes informaram utilizar um perfil público, ou seja, não se preocupam em saber quem poderá ter acesso a suas informações.

Os resultados obtidos nas entrevistas realizadas pelos alunos apontam para mudanças significativas no cotidiano dos estudantes entrevistados, no entanto nem todas as mudanças são negativas. A pesquisa mostrou que o uso das Redes Sociais traz implicações negativas, mas também positivas na vida dos estudantes do IEE Juvenal Miller. Entre as positivas podemos destacar o fato de que alguns estudantes consideraram que com as Redes podem comunicar-se melhor e ficar melhor informados e acreditam que as Redes Sociais podem contribuir para um futuro melhor, ampliando a oportunidade de contato entre as pessoas, além de proporcionar uma maior interação com diferentes culturas.

Conseguimos enxergar ou pensar sobre algo, mais claramente, quando tomamos certa distância, ou seja, refletimos melhor o passado do que o presente, visto que o presente é momento de vivência e não de análise. As atividades realizadas fazem parte de um passado muito recente, portanto não são passíveis, pelo menos do meu ponto de vista, de um exame mais crítico.

Apesar disso, hoje consigo enxergar uma luz, mesmo que tênue, no fim do túnel. Mesmo o trabalho tendo acontecido de forma fragmentada, ou seja, foi sendo construído aos pouquinhos, com um pouco de incerteza e hesitação, alguns frutos foram colhidos. A fase de finalização e aplicação do instrumento de pesquisa foi uma das etapas mais produtivas e proveitosas; a turma, na sua maioria, participou da elaboração, trocamos ideias, discutimos alternativas, e vejo nisso um certo amadurecimento do grupo (incluindo a mim). Criamos um perfil no Facebook para trocar informações fora do período de aula; houve ainda uma resistência por parte dos alunos em relação a isso, talvez por não considerarem esse um espaço para assuntos relativos à escola.

### **Considerações finais**

Este relato procurou analisar os principais aspectos do trabalho que foi realizado dentro da disciplina de Seminários Integrados. Pode-se dizer que, ao longo do trabalho, sobraram mais dúvidas do que certezas, mesmo assim impressões puderam ser tiradas.

Algumas dessas impressões são positivas, como o fato de que tanto os professores coordenadores dos Seminários Integrados como os alunos precisaram se desacomodar, a possibilidade de nós professores trabalharmos em grupo e termos um espaço para a troca de experiências, o que não acontecia com frequência antes da proposta dos Seminários, além de trazer a possibilidade de pesquisa para dentro da sala de aula. Pudemos constatar na prática o que já nos dizia Paulo Freire (2000): que ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes do educando, exige risco, aceitação do novo e, sobretudo, uma reflexão crítica sobre a prática.

Como já foi dito anteriormente, o trabalho deixou também marcas não tão positivas, dentre elas a rapidez como tudo aconte-

ceu, o despreparo dos coordenadores dos Seminários, a insegurança em relação ao que vinha sendo realizado, falta de clareza de algumas informações e mesmo do que estava sendo proposto.

Até agora pude aprender que todo trabalho necessita de planejamento, de estudo e de objetividade; no entanto, nem sempre foi possível ter presentes todos esses elementos. Se tivesse que iniciar o trabalho hoje, não sei se faria dessa forma, portanto não acredito que este relato possa oferecer algum parâmetro para a realização de trabalhos futuros.

Vejo a proposta de realização de pesquisa no Ensino Médio como possibilidade, como um caminho que pode ser percorrido, de acordo com Moreira e Caleffe (2006, p. 19):

A pesquisa em pequena escala conduzida pelos professores não proporcionará respostas definitivas para melhorar a escola, mas poderá ajudar a entender por que as coisas são como são e tornar o pesquisador melhor informado sobre as implicações de agir de determinadas maneiras e não de outras. O conhecimento revelado pela pesquisa é inevitavelmente incompleto, mas ele pode e deve levar a uma melhora da qualidade de ensino nas escolas.

Dessa forma, não podemos desconsiderar a importância de tal proposição; no entanto, os primeiros passos dados nesse sentido, pelo menos até o momento, são ainda hesitantes e cercados de certa insegurança.

### Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória**: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

## Direitos humanos na saúde

*Janete Borges Silva*

E.E.E. M.Marechal Soares de Andréa  
nekajbs@hotmail.com

Este trabalho foi desenvolvido no ano de 2012 pelos alunos do primeiro ano, turma 101 da E.E.E.M. Marechal Soares de Andréa do Chuí. A turma é composta por vinte e dois alunos. Com base nos eixos temáticos sugeridos no documento de reestruturação curricular do Ensino Médio, optou-se para escolha por parte dos alunos do tema Direitos Humanos na Saúde, para que se fizesse uma pesquisa na comunidade para saber as reais condições do atendimento médico aos portadores de doenças que necessitam acompanhamento médico e tratamento contínuo. O tema decorre do prévio conhecimento das necessidades da população, o que desencadeou o interesse pelo aprofundamento desse conhecimento de maneira verídica, com embasamento na fonte.

Além da aquisição do conhecimento dos fatos, o trabalho ajuda a desenvolver técnicas de pesquisa, engajamento nas várias atividades propostas pelo grupo, a interdisciplinaridade e a união entre os pares (alunos e professores); esse projeto tem como finalidade a busca do conhecimento de forma direta na fonte; ele foi desenvolvido com o intuito de corresponder às novas normativas do Ensino Médio. A proposta é de um trabalho em que os educandos se envolvam em atividades diretas em busca de conhecimentos práticos, adquirindo assim uma vivência na sociedade a que pertencem.

O tema saúde pública é abrangente, o que possibilita envolver a interdisciplinaridade, pois

ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e o arrogante e a esperança em possibilidade (FAZENDA, 2008).

Os direitos humanos na saúde começaram a ser trabalhados em março de 2012 através de pesquisas bibliográficas e de campo; tiveram sua culminância no terceiro trimestre. Pretende-se fazer sua conclusão no final do terceiro trimestre, com a apresentação do seminário para os demais alunos do Ensino Médio.

### **Tema saúde na fronteira entre Chuí – Brasil – Uruguai**

O trabalho começou na primeira semana de março de 2012 com reunião entre os professores para o entendimento das atividades propostas. Entre discussões e estudos de textos de apoio chegamos à sugestão de lançar um questionário aos alunos para que optassem pelo tema a ser desenvolvido.

Após o levantamento dos dados, fez-se a tabulação desse, em que o resultado foi o tema disposto neste relato, dando ênfase a diabetes e hipertensão, que são os tipos de doenças que necessitam tratamento contínuo e dispõem de leis para esse atendimento.

Após essa etapa, foram elaborados os objetivos específicos das diferentes áreas de estudo. Logo após essa etapa foram distribuídas tarefas aos alunos divididos em cinco grupos. Dois dos grupos foram encarregados da pesquisa bibliográfica: um sobre hipertensão e outro sobre diabetes. O terceiro grupo foi selecionado para fazer a pesquisa de campo, entrevistar funcionário responsável do posto de saúde do município para saber sobre os índices de casos da doença, os tipos de atendimento dispensado, as leis e os recursos disponíveis. O quarto grupo, também encarregado de entrevista de campo, foi destinado a entrevistar o pessoal do posto de saúde do município e as unidades de saúde da cidade de Chuy Uruguai para saber como se dá a interação linguística, como se faz um atendimento a um paciente estrangeiro, visto que a cidade é de perfil turístico e de fronteira com o país vizinho.

O quinto grupo está encarregado de agrupar todas as informações coletadas pelos outros grupos para a estruturação do trabalho escrito.

Após as pesquisas, os alunos apresentaram as informações adquiridas com slides para professores e também para os colegas da turma 102, sendo tudo registrado em vídeo.

Em aulas posteriores, fizemos as discussões necessárias para melhorar alguns aspectos, como a postura dos apresentadores, tri-

lha sonora dos slides, aprofundamento dos conhecimentos em relação a alguns itens.

Esse trabalho culminou no terceiro trimestre; durante esse período desenvolveram-se atividades variadas de pesquisa, revisão dessas, troca de opiniões entre os alunos e com os professores das diversas áreas, apresentação dos resultados, montagem do projeto, elaboração de slides, o que proporcionou uma riqueza de detalhes ao seminário, e para os alunos demonstrou o quanto são capazes de descobrir novos conhecimentos de maneira prática, envolvendo-se com a comunidade e inteirando-se dos problemas da comunidade. Despertando assim o sentimento de pertencimento, tão importante para que sejam cidadãos atuantes. Como professora coordenadora das atividades, foi muito bom ver que os alunos se envolviam cada vez mais, e no final senti que as dificuldades do início foram superadas com o êxito das atividades. Também pudemos constatar a satisfação dos demais professores colaboradores do projeto.

Tivemos bastante dificuldade em começar o desenvolvimento das atividades devido ao fato de não se ter, de início, objetivos definidos, mas aos poucos com alguns esclarecimentos fomos em frente, e o trabalho fluiu de maneira satisfatória. Os alunos foram ficando entusiasmados com suas descobertas; demonstravam isso em cada aula de seminário para a qual traziam suas novas informações. Durante a primeira apresentação feita à professora responsável, demonstravam muita insegurança; depois esse foi um dos aspectos que melhorou bastante; assim quando se deu a apresentação para as demais turmas, foram bem recebidos; pôde-se perceber até grande surpresa por parte dos espectadores.

### **Considerações finais**

O trabalho de pesquisa envolvendo todos os educandos da classe de maneira articulada promoveu a união, a integração e o interesse desses por uma forma de trabalhar em comunidade.

Para Cortina (2003, p. 102):

Um modelo de formação de cidadania deve ter as seguintes características: autonomia pessoal (o cidadão não é nem vasalo nem súdito); consciência de direitos que devem ser respeitados; sentimento de vínculo com os concidadãos com os

quais são compartilhados projetos comuns; participação responsável no desenvolvimento desses projetos, com responsabilidades; e sentimento de vínculo com todos os outros seres humanos com busca por mudanças positivas na aldeia global.

Às vezes, estamos tão automatizados em nossas atividades que não percebemos que podemos reinventar formas de adquirir experiências que marcaram nossas vidas e de nossos alunos. Este trabalho começou de forma preocupante, mas no final tivemos a certeza de que, sim, podemos inovar e trazer o prazer do conhecimento adquirido com experiência.

### Referências

CORTINA, A. **O fazer ético: guia para educação moral.** São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

FAZENDA, I. Disponível em: [www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf). Acesso em: 19 ago. 2013.

PEREIRA, Graciane Regina. **A dimensão ambiental na educação profissional e tecnológica.** Disponível em: [www.sinasefe-sc.org.br](http://www.sinasefe-sc.org.br). Acesso em: 31 ago. 2012.

SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio.** Disponível em: [http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens\\_medio.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1). Acesso em: 19 ago 2012.

## **Relato de experiência: Seminário Integrado**

*Professor Julio Sosa*

E.E.E.M. Lília Neve  
sorjulio1@yahoo.com.br

*Alunos do Ensino Médio e  
Colegas de Seminário Integrado*

Sou professor estadual há 12 anos. Trabalho com a disciplina de História e estou na E.E.E.M. Lília Neves há dois anos, situada no quinto distrito da Vila da Quinta em Rio Grande. Atualmente ministro as disciplinas de História, Filosofia e Seminário Integrado nos turnos diurno e noturno.

Além disso, trabalho com a disciplina de História nas séries finais na Escola E.E. Médio Eng. Roberto Bastos Tellechea. Considero importante mencionar que sou professor das séries iniciais, com formação em Magistério, e lecionei durante 10 anos nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

Começarei então a relatar a experiência no Seminário Integrado com a turma 110, no diurno, e as turmas 114, 115 e 116, no noturno, aproximadamente 70 alunos oriundos da Vila Quinta e adjacências.

Iniciamos o trabalho com a proposta de conhecer a realidade em que está inserido nosso alunato. Com o objetivo de fazê-los também pesquisa e investigar sobre sua localidade. E com isso reconhecê-la.

### **Atividades pensadas e desenvolvidas**

Com esse objetivo, o mês de março começou com todos os professores da escola elaborando uma pesquisa/entrevista que seria aplicada pelos alunos nas localidades onde residem. O objetivo dessa atividade era conhecer a realidade das diferentes comunidades dos educandos a partir dos dados coletados.

Cada aluno do primeiro ano do Ensino Médio Politécnico ficou responsável por três entrevistas/pesquisas, que deveriam ser aplicadas na sua localidade de origem.

Foi marcada então uma data, na qual os alunos deveriam trazer as mesmas para a sala de aula. Essas foram tabuladas em conjunto com os alunos das turmas, sendo supervisionado por mim e por outros professores das turmas.

Após o levantamento de dados e da tabulação, foi solicitado aos alunos conversa sobre o levantamento realizado, quando foi debatido o sentimento diante dos resultados encontrados; construção coletiva de um relatório contendo uma conclusão sobre as informações obtidas; enumeração de assuntos em que gostariam de aprofundar seu conhecimento.

Diversos temas chamaram a atenção dos alunos, que ficaram preocupados com a realidade social de suas localidades. Uma coisa interessante foi eles mencionarem que muitas vezes não conseguiam perceber essas dificuldades. Mas, entre todos os temas, eles escolheram a educação. Pois o que mais chamou sua atenção foi a baixa escolaridade das pessoas entrevistadas.

Na sequência, foi produzido nas aulas de Matemática um gráfico com os dados tabulados para melhor compreender os resultados obtidos. Os alunos em grupos produziram então questionários que serão aplicados novamente nas comunidades para procurar entender e compreender as razões da baixa escolaridade. O professor de Português nesse momento colaborou na correção dos mesmos.

Os alunos da turma 110 realizaram trabalho de pesquisa teórica sobre a História do Ensino no Brasil e a Escola Pública.

As turmas do noturno escolheram como tema de projeto as profissões, o mundo do trabalho, as novas profissões e a necessidade da qualificação profissional. Temas relacionados com a sua realidade, pois a maioria já está inserida no mercado de trabalho.

No sábado dia 4/8, foi pedido aos alunos da turma 110 e aos alunos do noturno que produzissem um texto relatando uma experiência/vivência que tiveram ou gostariam de ter na escola. No sábado dia 11/8/2012, esse texto foi lido numa roda de leitura.

A turma de Ensino Médio, do turno da manhã, retornou à comunidade, como já foi mencionado, para buscar entender os

reais motivos do abandono escolar e de como isso afeta, no ponto de vista socioeconômico, aqueles e aquelas que não conseguiram concluir os estudos no seu devido tempo. Preocupados com a situação encontrada e chegando à conclusão de que a baixa escolaridade afeta não somente o lado econômico, mas a autoestima de quem não conseguiu estudar no devido tempo, os alunos propuseram como produto final de todo o trabalho uma campanha de esclarecimento junto à comunidade sobre a EJA. Pesquisaram sobre essa modalidade de ensino elaborando um texto e um folder que foi distribuído na comunidade convidando todos a concluir seus estudos. Importante salientar que essa foi uma iniciativa dos alunos, sendo uma resposta concreta ao problema levantado na pesquisa.

Quando fui convidado para assumir esse novo projeto de Ensino Médio, sendo responsável pelos seminários das turmas de primeiro ano, preocupei-me como seria o trabalho. E qual seria sua aceitação. Mas aceitei o desafio, pois acredito nessa mudança e nessa forma de ver a educação e de educar através da pesquisa e da autonomia.

Devo salientar aqui o grande entrosamento entre os professores da Escola Lília Neves, responsáveis pelos seminários integrados. Além de acreditarmos no trabalho proposto, criam-se, entre nós, laços de amizade que muito colaboram na construção e na busca do novo na educação. Aprendo muito com meus colegas de seminário e tenho muito a agradecer a eles, ou melhor, a elas.

Tenho aprendido com Freire que diz que ensinar requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador e enriquecedor. Tem sido gratificante ver os alunos elaborarem o seu conhecimento. Entre reclamações, naturais, pelas aulas aos sábados, eles têm encarado com entusiasmo a novidade. Ainda segundo Freire (1996), é digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido.

Exemplifico com a atividade da produção de narrativas de vivências escolares dos alunos, em que a princípio gerou reclamações, dúvida e “desesperos” por parte deles, que diziam não saber fazer. Mas que aceitaram o desafio e produziram textos excelentes.

No momento da roda da leitura, outro medo dos alunos, tivemos a experiência de textos bem produzidos e emocionantes, que atraíram a atenção de todos. Ainda com a leitura dos textos dos colegas, aqueles que não se dedicaram como deveriam à tarefa sentiram-se compelidos a refazer suas produções.

### Considerações finais

É importante que professores e alunos sejam curiosos e investigadores. “É preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache repousado no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano” (FREIRE, 1996). Faz-se necessário, portanto, que se proporcionem momentos para experiências, para buscas. O professor precisa estar disposto a ouvir, a dialogar, a fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar, debater e ser aberto para compreender o querer de seus alunos. Para tanto, é preciso querer bem, gostar do trabalho e do educando. Esta é a proposta de Ensino Médio Politécnico: incentivar a alegria de aprender e de ensinar.

Como todo novo é assustador e gera medo e receios, ainda mais se há comprometimento no trabalho, torna-se concebível acreditar que a mudança é possível.

Estamos começando um momento novo e plantando uma semente que certamente gerará frutos. Mudanças em educação não são imediatas e prematuras. Mas urge fazer a mudança gradativa, eficaz e oportuna para termos um educando autônomo, crítico e que seja um cidadão preparado para as vivências em sociedade.

### Referência

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

## **A aventura na experiência de Seminário Integrado**

*Liliani Furtado Ribeiro*

Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller  
lilianifribeiro@yahoo.com.br

O tema estudado no presente trabalho está sendo realizado no Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller na disciplina de Seminário Integrado. Estão participando do trabalho professores e alunos do 1º ano do Ensino Médio Politécnico (coordeno duas turmas: turma 103 com 28 alunos e turma 109 com 27 alunos).

Estávamos cientes das mudanças que ocorreriam no Ensino Médio e já esperávamos essas mudanças para o início do ano letivo de 2012. Foi então que, nos encontros que antecederam o início das aulas, recebemos a notícia de que seríamos coordenadores do Seminário Integrado. Um dos motivos para a escolha desse grupo de professores foi a disponibilidade de carga horária dos professores, ou seja, os professores com carga horária inferior a 30 horas/aulas preencheram sua carga horária como coordenadores do Seminário Integrado.

Ficamos apreensivas, pois tínhamos apenas quatro dias para entrar em sala de aula e ministrar uma disciplina que nem ao menos sabíamos do que se tratava. Foi então, que começaram as reuniões semanais, em que tínhamos a oportunidade de dividir com os demais colegas nossas dúvidas e anseios. Além das reuniões semanais, compartilhamos materiais e trocamos ideias através de e-mail com a mediação do SSE (Serviço de Supervisão Escolar) da escola. Não poderia deixar de citar a grande colaboradora de ideias e materiais: nossa colega Fábria Pereira.

Porém, apesar das trocas de experiências, reuniões, compartilhamento de ideias, muitas vezes nos deparamos com momentos difíceis: colegas deixando o grupo por não ter se adapta-

do, opiniões divergentes que acabavam colocando em risco a união do grupo. Percebi então que essa tarefa não era fácil, pois por mais que tenhamos e tomemos consciência da necessidade do trabalho em grupo e da troca de experiências, não estamos acostumados a isso.

Mas o grande desafio era saber por onde começar. No início do trimestre, assistimos a uma palestra do professor Cristiano Ruiz Engelke sobre Pesquisa Social e suas Tecnologias – Realização de Pesquisa no Ensino Médio, que nos possibilitou um norte a seguir.

Eu, como educadora, estou adaptada e não preparada para mudanças; ainda mais estas, que a cada semana eram reformuladas, deixando-nos assim um tanto perdidas e ansiosas. Acho interessante salientar que, se tivéssemos tido mais tempo para nos preparar, se tivessem oferecido formação continuada para esses coordenadores, com certeza o trabalho realizado atingiria satisfatoriamente o objetivo da proposta do novo Ensino Médio.

### **Aventura e experiência no seminário**

Iniciei as aulas de seminário esclarecendo aos alunos as mudanças que haviam ocorrido no Ensino Médio, o que era a parte diversificada, o Seminário Integrado, pois, assim como nós professores, os alunos estavam ansiosos para saber o que significava Seminário Integrado nos seus horários de aula.

Em um segundo momento, apliquei um questionário, ideia da colega Danielle, para conhecer melhor meu aluno. Através desse questionário, saberíamos se os alunos tinham acesso à internet em casa, se costumavam ler livros, jornais e com qual frequência, se tinham conhecimento do que era uma pesquisa, se já haviam realizado algum tipo de pesquisa, se já haviam participado de algum projeto escolar e a principal pergunta: qual tema gerador escolheriam para um futuro projeto escolar. Daí surgiram várias ideias como exemplo: drogas, gravidez na adolescência, lixo, música, meio ambiente, informática, etc... Todos os professores do seminário aplicaram o questionário nas respectivas turmas. Em uma das reuniões, decidimos através das ideias dos alunos qual tema gerador trabalharíamos com eles. Chega-

mos então ao tema geral do projeto: Tecnologia: Informação e comunicação. A partir daí, cada turma escolheria o tema específico a ser trabalhado ao longo do projeto.

Dando sequência às atividades, realizaram um trabalho em que foram abordados vários exemplos sobre projetos, e eles tinham que mostrar quais eram realmente projetos, segundo seus conhecimentos.

Em seguida, passamos a trabalhar o que é um projeto de pesquisa, quais as etapas de um projeto de pesquisa. A partir dessa atividade, cada coordenador seguiu em frente sem mais trabalhar de maneira conjunta. Eu e a colega Danielle nos reunimos e montamos um roteiro de atividade que seguimos até cada turma escolher seu tema específico.

Utilizando o Power Point, instrumentalizamos o conceito de pesquisa através de um modelo de projeto idealizado em uma escola de Porto Alegre, para sanar qualquer dúvida dos alunos sobre as etapas de um projeto.

Precisava ainda que os alunos tivessem um embasamento teórico sobre quais os tipos de pesquisa existentes, para mais tarde decidirem qual tipo selecionariam para aplicar no projeto. No Laboratório de Informática, dividimos a turma em grupos; a cada um caberia trabalhar um tipo de pesquisa. Cada grupo elaborou em Power Point seu trabalho, marcamos a data de apresentação e, utilizando o data show, apresentaram seus trabalhos para o restante da turma. Para finalizar essa etapa, juntamos todos os trabalhos e distribuimos uma cópia para cada aluno. Durante as apresentações, deixei que eles dividissem o tempo em que cada componente do grupo apresentaria sua parte e fiquei surpresa com a organização dos grupos; não esperava. O objetivo não era apenas entender os diferentes tipos de pesquisa, mas saber utilizar as ferramentas tecnológicas e saber posicionar-se em uma apresentação de trabalho.

Como atividade final, realizamos um trabalho individual com perguntas sobre os tipos de pesquisas trabalhadas.

Com a parte de definições finalizadas, partimos para a escolha do tema específico, lembrando que, durante a realização de todas as atividades, sempre os lembrava de que precisavam pensar no tema que queriam trabalhar. Chegamos à escolha do tema;

foram dados seis temas para ser trabalhados e precisávamos escolher um. Os dois temas mais votados foram: O uso de computadores nas Escolas Estaduais e As tecnologias utilizadas no Instituto Juvenal Miller. Sugeri então que uníssemos os dois temas: O uso das tecnologias nas Escolas Estaduais de Rio Grande.

Partindo do tema específico, elaboramos nosso problema: Quais tecnologias estão disponíveis e são utilizadas nas Escolas Estaduais de Rio Grande? Com nosso problema definido, partimos para a próxima etapa, que está em construção, as hipóteses e os objetivos do projeto. Nos últimos dois encontros, os alunos estavam ansiosos para saber em qual escola ficariam encarregados de fazer a pesquisa. Então resolvi ceder aos pedidos: deixamos a formulação das hipóteses e objetivos para os próximos encontros e definimos os grupos e as escolas. Para isso fizeram uma procura no site da Secretaria de Educação para ter acesso a todas as escolas estaduais da cidade que trabalham com Ensino Médio e Ensino Médio Politécnico e busca de endereços dessas escolas. Feito isso, cada dupla ou trio escolheu sua escola. Deixei que escolhessem os grupos e as escolas, sem interferir; alguns alunos optaram por ir a mais de uma escola; outros grupos optaram por fazer o trabalho com colegas não por afinidade, mas por residir no mesmo bairro. Partimos, enfim, para a formulação das hipóteses, objetivos e construção dos questionários, que já estão sendo aplicados em todas as escolas estaduais de Ensino Médio de Rio Grande.

Percebemos que ainda existiam turmas sem definição do tema. Foi então que, conversando com as colegas Danielle e Fabiane, professora da escola, que não é coordenadora dos Seminários, tivemos a ideia de passar o filme “Confiar”, que apresentava o perigo da internet e das redes sociais. Após a apresentação do filme, as turmas com dificuldade de escolha do tema finalmente conseguiram escolher o tema que seria trabalhado no projeto.

Uma das minhas turmas, a 109, ainda sem definição do tema, surpreendeu-me, quando cheguei à sala de aula após a apresentação do filme, pedi sugestões sobre temas e eles já haviam escolhido: Pedofilia na internet.

Além de pesquisas realizadas sobre Pedofilia, os alunos assistiram a uma palestra ministrada pela Polícia Federal sobre

“Os riscos da internet”. Finalizarão o trabalho com uma apresentação utilizando o Movie Maker.

Para um estudo a distância, as turmas possuem um e-mail para envio de atividades e trabalhos que não conseguem finalizar durante as aulas. Alguns trabalhos são realizados na sala de informática da escola e enviados para o e-mail; faço correções e, se apresentam erros, os alunos fazem a correção e enviam novamente o trabalho.

Sobre as avaliações, os alunos são avaliados em todas as aulas, presença, participação nas atividades que muitas vezes são realizadas em grupos, envolvimento na pesquisa e principalmente na autoavaliação. Como ainda não existe a interdisciplinaridade com as outras disciplinas, os alunos são avaliados somente na disciplina de Seminário Integrado. Na proposta do Ensino Médio Politécnico, todas as disciplinas precisam estar integradas no projeto.

A análise que faço a partir do trabalho que viemos desenvolvendo é que ele não está respondendo às expectativas que tinha quando o iniciei.

Talvez por minha falta de experiência em relação a trabalhar com projetos, penso que hoje, pelo menos no início, não deveria ter trabalhado tanto com teoria, pesquisa/projetos, mesmo sabendo da importância de uma fundamentação teórica; faria um pouco diferente, pois sabemos que os alunos não aderem a esse tipo de aula.

Estamos participando de um curso de informática em nossa escola, oferecido pela 18ª CRE; esse curso foi uma das solicitações dos professores do Seminário Integrado à escola. Na medida do possível, a escola tenta suprir nossas necessidades atendendo os pedidos dos coordenadores, como exemplo a liberação do Xerox, aquisição de um novo data show, TV.

Consegui recuperar um pouco a atenção e motivação dos alunos, tirando-os da sala de aula. As aulas no laboratório de informática, na sala de recursos e até mesmo no pátio da escola são muito mais produtivas.

É muito complicado desenvolver esse novo Ensino Médio sem a parceria dos colegas, pois somente uma professora, da área das linguagens, é que está fazendo um trabalho interdisci-

plinar conosco; e principalmente agora, com a troca de informações com outras escolas, é que percebo o quanto esse trabalho em equipe se torna importante, diria indispensável, para obter um projeto, um trabalho eficaz e coeso. Como defende Carlos, a interdisciplinaridade é uma prática que não dilui as disciplinas no contexto escolar, mas que amplia o trabalho disciplinar à medida que promove a aproximação e a articulação das atividades docentes numa ação coordenada e orientada para objetivos bem definidos (CARLOS, 2006, p. 7).

### **Considerações finais**

Para mim, este trabalho está sendo desafiador; estou aprendendo e me surpreendendo com tudo o que estou processando. O novo sempre é “aterrorizante”, mas ao mesmo tempo inspirador, e é assim que vejo essa nova proposta do governo.

Contudo, sabia que seria uma caminhada difícil devido às incertezas, à falta de conhecimento e experiência dos alunos e minha e de todos os problemas que enfrentamos desde o início do ano, quando nossa coordenadora vinha das reuniões do CRE e praticamente a cada encontro nos relatava várias mudanças em relação à nova proposta.

Não bastando, por se tratar de uma escola grande e de professores que não aceitam a proposta do Ensino Médio Politécnico, basicamente estamos trabalhando só, o que foge totalmente da proposta; e percebo o quanto essa parceria seria importante e o quanto facilitaria para nós coordenadores e também para os alunos; acredito que o projeto teria um maior sentido.

Como já mencionei anteriormente, passamos um filme em que a professora Fabiane é a única que está desenvolvendo um trabalho interdisciplinar conosco. Ela desenvolveu uma atividade fantástica e com certeza facilitou, promoveu dúvidas e críticas dos alunos, ajudando-os a se posicionar diante do tema proposto. Esse trabalho teve grande valia na construção desse novo saber.

Mas posso dizer que estamos nos empenhando e acredito que, quando se têm interesse, disciplina e boa vontade, tudo dá certo. E é assim que me dedico a essa “aventura”. Com certeza

haverá erros, mas esses nos servirão de experiência para que nos próximos anos possamos fazer um ano letivo mais atrativo, alcançando o objetivo dessa nova proposta, proporcionando aos alunos o contato com o mundo do trabalho, interligando o projeto com todas as disciplinas afins.

### **Referência**

CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafio e potencialidades. Programas de Pós-Graduação. CAPES, 2006.

## **Seminário Integrado: uma reflexão através da prática**

*Magda Medianeira Munhoz*

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas  
magdamedianeira@yahoo.com.br

Este trabalho discute parte das mudanças ocorridas no Ensino Médio no ano de 2012. Na reforma do currículo, a organização está constituída com base nas disciplinas obrigatórias e da parte diversificada. Para tanto, surge o Seminário Integrado como disciplina no Ensino Médio.

“Plano de Governo para o Rio Grande do Sul no período 2011-2014, os dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 – incluindo a concepção para o Ensino Médio no que diz respeito à sua finalidade e modalidades nela presentes –, além da Resolução sobre Diretrizes Curriculares para a Educação Básica emitida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que se encontra em tramitação no Ministério da Educação para homologação” (SEDUC-RS, p. 03. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2012).

Atendendo a lei, a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS) coloca-se na posição de buscar os caminhos para o desenvolvimento desse processo envolvendo suas escolas e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG para elaboração e possível efetivação.

Dessa forma, a Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, representada pela supervisão, começa o trabalho. Iniciando reuniões com sua coordenadoria e, em seguida, passando aos professores as informações referentes ao desenvolvimento dessa jornada.

A partir desse ponto, supervisão e professores passam a efetivar reuniões e estudos a respeito da nova modalidade de ensino no contexto escolar. Logo surge a necessidade de leituras e discussões mais profundas para a questão.

Muitas dúvidas fizeram-se presentes, e por vezes acontecia o desânimo em consequência da responsabilidade que uma mudança desse nível requer. Apesar da legalidade do fato, a aceitação e o medo do novo surgiam com muita frequência.

Talvez ressurja, nesse cenário, “a pedagogia do conflito”, na qual Moacir Gadotti atenta para os desafios que a educação impõe a todos os que estão nela inseridos:

... Dúvida é libertadora na medida em que permite “distanciar-se” em relação às diversas situações pedagógicas com as quais nós somos confrontados quotidianamente, em relação às teorias, à literatura pedagógica assim como às palavras de ordem, às quais essa última dá tal retumbância. Esse distanciamento passa pela interrogação crítica que a dúvida opera (p. 19, 1981).

Nesse grande movimento, o desafio faz parte de uma nova perspectiva social em que a educação é a grande vereda em que os resultados ainda ninguém sabe. No entanto, o compromisso está afirmado para a superação do ensino tradicional e alcance dos objetivos para a educação do pensar.

### **Proposta de trabalho**

#### **A TURMA VESPERTINA**

A proposta pedagógica para a disciplina de Seminário Integrado, relativo à minha prática, está norteada pela pedagogia progressiva libertadora. Portanto serve à busca do exercício que liberta os educandos para um aprendizado que se dá entre docência e discência e, citando Paulo Freire (2003), “quem ensina aprende o ensinar e quem aprende ensina o aprender”.

Não quero dizer com isso que as disciplinas ministradas por mim, Filosofia e Sociologia, também não estejam pautadas nessa ação. Sim, elas estão. Mas é que nunca as palavras de Freire estiveram tão perto de uma realidade possível.

As aulas começaram no final do mês de fevereiro de 2012. Havia, enfim, chegado o momento de colocar em prática todos os estudos concernentes à disciplina de Seminário Integrado. Nesse momento, as turmas ainda não conheciam essa disciplina ou como

ela aconteceria; por isso a expectativa dos professores em relação à reação dos alunos era grande.

A turma vespertina 107 possui 34 alunos. Adolescentes que têm a idade de 15 anos até 18 anos. Nas aulas de Sociologia e Filosofia, foi possível avaliar o nível de maturidade, o comprometimento com a escola e com a própria formação. Também um pouco da personalidade da turma.

Para chegar aos objetivos da disciplina, problematizei a realidade educacional, que eles vivenciaram até a chegada ao Ensino Médio. Propus que falassem do que gostavam e do que não gostavam na escola.

Alguns relatos mostram o sentimento dos alunos(as) sobre estar na escola

*... é muito ruim ficar sentado em uma cadeira toda manhã ou toda tarde, ouvindo o professor falar e depois fazer o que ele quer e na hora que ele quer. (aluna)*

*... não gosto de estudar para as provas...*

*Não consigo decorar; acabo sempre fazendo bobagem.*

*Para mim está bom, foi assim que eu cheguei até aqui... Faço tudo o que os professores me pedem, sempre fui uma ótima aluna, às vezes tenho dificuldade, mas estudo e passo nas provas.*

Foi com essas indagações que eu comecei a questioná-los, se eles já haviam pensado em uma maneira diferente de estar na escola e de constituir o aprendizado de outra forma. Alguma das respostas deles eram as seguintes:

*Seria bom se a gente pudesse ir lá para fora e não precisar ficar preso aqui na aula.*

*As aulas deveriam ser com a informática... Todas no laboratório de informática.*

*As aulas poderiam ser com música, a gente poderia trazer um violão e todos cantarmos para as horas passarem melhor.*

Para mim, já era esperada a reclamação do ensino tradicional. Esse fato abriu os caminhos para que eu pudesse instigá-los a uma nova prática educacional, chamada Seminário Integrado. A explicação sobre estudar através da pesquisa mostrou-lhes a pos-

sibilidade de aulas menos entediantes. As disciplinas poderiam ter um rumo em que o que cada indivíduo poderia ser a mola propulsora do aprendizado.

Nesse contexto, no intuito de estimular o conhecimento através da pesquisa e entusiasamá-los nesse novo significado do aprendizado, recomendei que escrevessem no caderno vários temas que chamassem sua atenção.

Essa proposta tinha como objetivo seus próprios anseios como ponto de partida para achar seu tema gerador da pesquisa. Fazê-los entrar em ação-reflexão da sua própria prática, quando o educando(a) descobre-se como sujeito do processo e não mero ouvinte do ato de assimilação.

Na aula seguinte, os alunos trouxeram seus temas. No entanto, já no começo da aula, um grupo resolveu perguntar se a turma inteira não poderia abordar o mesmo tema e fazer a pesquisa sobre drogas. Disseram perceber a presença das drogas inclusive entre os estudantes. Continuando a conversa sobre esse tema, percebi que a curiosidade versava em vertentes diferentes. Uns queriam saber sobre o dependente químico, outros sobre a consequência no lar dos usuários de drogas, outros daonde vêm as drogas.

Achei perfeito, e então foi combinado para a próxima aula que todos iriam trazer algum material a respeito do tema, concomitantemente começaríamos o trabalho da parte técnica da pesquisa.

No quarto encontro, a conversa teve que ser mais firme. A turma não havia cumprido com o combinado. Nesse momento, procurei lembrá-los das vantagens da disciplina e de que forma a atividade poderia ser útil.

Como forma de incentivo, apresentei o meu projeto de pesquisa, realizada na universidade, desde os primeiros passos até a monografia. Mostrei também o livro produzido pelos alunos da turma de primeiro ano de 2011, que partiu de um projeto de pesquisa de um professor de Física junto com outra professora de Português.

Nos encontros seguintes, os alunos não cumpriram novamente a tarefa de pesquisar sobre o tema. Passei a trabalhar os procedimentos da pesquisa científica. Ensinando passo a passo.

Reservando os últimos minutos da aula para conversar sobre o tema proposto. Nessa situação passou o mês de abril.

Para o mês de maio sugeri aos alunos que escrevessem alguma coisa sobre o tema. Nesse dia, havia poucos em aula. Os poucos relatos levei para casa e analisei, percebi claramente que eles não queriam, por algum motivo, falar no assunto.

Uma semana depois, no horário da aula de seminário, sugeri que trocássemos o tema. Mas mais uma vez havia poucos alunos(as), e deixamos para decidir no próximo encontro, em que toda a turma poderia conversar a respeito.

Acrescento aqui o registro de minha práxis pedagógica no meu entendimento de currículo, descrita da seguinte forma:

Essa compreensão de currículo como processo, e não como documento prescrito e encerrado, nos desafia à (re) leitura da realidade socioeconômica e cultural na qual estamos inseridos para, a partir dela e da sua problematização, buscar diálogo com o conhecimento sistematizado (MELLO, 2002, p. 11).

Por esse princípio percebi a disciplina como uma realidade a qual estava começando sua instauração. Às vezes, o professor quer uma resposta imediatista, sem que o alunado possa digerir um pensamento novo. Consequência do tempo para aplicar um determinado conteúdo.

Dando seguimento, na última aula de maio, eu precisava fechar o trimestre com eles, até porque, por questões administrativas e de carga horária, precisaria deixar a turma. Diante de uma disciplina em que a proposta é que o aluno surja em si mesmo e busque o conhecimento, a avaliação tinha que partir deles.

Nesse caso, considerei a LDB (Leis de Diretrizes e Bases), Darcy Ribeiro, em sua lei 9.394/96, indicando que o educando “não aprende para ser avaliado”, mas que a educação em valores agrega novas atitudes e valores.

Concluindo, fiz uma autoavaliação oral para que eles apreciassem o próprio desempenho. Orientei para que pensassem nos seus pontos fortes na aprendizagem. A partir daí, tentassem enxergar o que ainda precisava ser feito para eles construírem o aprendizado na disciplina de seminário.

Assim entreguei a turma, certa de que a preparação foi feita. A continuação do trabalho dar-se-á com certeza dentro da necessidade que os próprios educandos descobrirão com a orientação e condução do saber da professora que assume a turma.

#### A TURMA DA NOITE

A turma do noturno tem características bem diferentes se comparadas às turmas vespertinas. Por isso uma prática educativa que possa realmente trabalhar de forma interdisciplinar, abrangendo todas as necessidades e ao mesmo tempo as dificuldades que possam surgir para esses alunos que são, em maioria, trabalhadores.

Aposta-se na perspectiva interdisciplinar “via temas geradores”; moveu um trabalho pedagógico que a princípio não estava destinado à disciplina de Seminário Integrado, mas a proposta de trabalho da minha tarefa na docência.

A opção pelo trabalho com temas significativos, a partir da concepção freiriana, já é reveladora de uma visão de educação que parte da vivência, da existência, da realidade dos sujeitos envolvidos (MELLO, 2005, p. 88).

Por esse motivo, as minhas disciplinas de Filosofia e Sociologia, com a disciplina de língua portuguesa da professora Clarinete, foram unidas e um trabalho interdisciplinar começou.

Apresentamos um vídeo “Por que os países são diferentes”. Esse tema tinha como finalidade trabalhar as relações de trabalho em Sociologia e em Português a elaboração de texto e escrita.

Por essa razão e por questões administrativas, fui novamente inserida na disciplina de Seminário Integrado. Uma vez que o pensar e conhecer os conceitos através de pesquisa já era uma prática natural.

Essa atividade poderia ser trabalhada com pesquisa, mergulhando no real, captando a lógica do aprender descobrindo a própria realidade contextualizada, despertando o desejo de mudança social a partir da investigação científica.

Dessa forma e já no terceiro e último trimestre do ano letivo, a proposta de trabalho teve que ser intensificada. Os alunos,

ainda seguindo as atitudes de um modelo antigo em educação, agora percebem, então, a necessidade de responder à disciplina que até esse período foi levada sem muita consideração.

Nesse período diminui consideravelmente a quantidade de alunos nas turmas noturnas. Isso se dá por conta do ENEM, e aqueles que estavam desempregados entram na escola para se qualificar; quando conseguem um emprego, param de estudar. Por esse motivo, a professora de História, Ticiane, convidou-me para participar do projeto que ela já estava realizando com sua classe, tendo como tema a saúde.

A metodologia agora é estimular os alunos a buscar o conhecimento, tendo na pesquisa o meio para se chegar. A escolha do assunto será deles, e as professoras serão apenas orientadoras de todo o processo.

Para incentivá-los, foram oferecidas palestras na escola, esclarecendo questões sobre saúde pública. Desenvolveram tarefas na biblioteca, para que eles se sentissem em um ambiente bem próprio de pesquisa.

Nessa oportunidade, foram oferecidos artigos com abordagem em saúde nos mais variados focos. Os educandos organizaram-se em grupos. Mantendo o tema saúde, puderam escolher em qual das vertentes iriam desenvolver suas pesquisas.

Em outra ocasião, foi proporcionado um momento de questionamentos do tema com a curiosidade de cada um. Para que pudessem assim descobrir qual a investigação que gostariam de buscar com o trabalho.

A partir daí começaram a construção de seus textos. Nesse aspecto, a orientação e o material foram dados, mas tiveram dificuldades de compreensão. Provavelmente pelo pouco tempo que nos restava para o encerramento.

Várias ideias para a exposição dos trabalhos, como em portfólio, vídeo, pôster, etc., sempre com a preocupação de mostrar-lhes a importância de um trabalho fidedigno. O clima foi de produção pessoal, o que eles gostaram bastante.

Uniram-se em dupla desenvolvendo suas pesquisas. Foi combinado com eles um dia especial, para que os grupos apresentassem para o grande grupo a produção realizada e acontecesse, por fim, o seminário propriamente dito.

Em pastas, organizaram o trabalho, contendo capa, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, anexos e bibliografia. Os assuntos versaram sobre agrotóxicos, sexualidade, drogas, câncer, saúde da mulher, alimentação saudável.

A apresentação foi completamente oral, e usaram a própria pasta para demonstração. Cada grupo compartilhou com os demais a importância de ser o autor do próprio trabalho. A atenção e o respeito com a produção dos colegas foram marcantes.

As pastas foram recolhidas para avaliação. Na devolução, eu e a professora Ticiane escrevemos uma mensagem aos grupos, com o intuito de motivá-los a continuar a produzir e registrar com carinho e autenticidade todo o desenvolvimento cultural por eles construído.

No livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, em suas primeiras palavras, versa exatamente sobre a situação atual, do novo modelo de educação.

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa – progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno do que gira esse texto (p. 11, 2003).

Ali Paulo Freire sintetiza o trabalho a ser desenvolvido dentro do contexto escolar a partir da ideia de se promover uma educação emancipatória. Paulo Freire já previa a nova era da educação. Ou seja, não há mudança sem trabalho.

Para educadores, é impossível ficar longe de uma constante formação, sempre preenchida com a práxis. Essa deverá estar direcionada agora para a autonomia do educando, fato que exige muito comprometimento por parte dos educadores e educandos.

A disciplina de Seminário Integrado tem a incumbência de atingir os objetivos, do modelo de educação, que vai em busca da reformulação da sociedade. “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino (MORIN, 2001, p. 20).

Dessa forma, percebe-se o trabalho até aqui desempenhado muito tímido. Motivo talvez seja a falta de direcionamento, que está subtraído pela falta de estrutura para o trabalho.

Mesmo assim, o esforço de todos é inegável, o que torna esse momento mais prazeroso, apesar dos medos e da inseguran-

ça. Lembrando aqui a “filosofia crítica da educação”, a qual demonstra as dificuldades dos educadores.

A filosofia da educação não é uma iniciação à filosofia antiga ou contemporânea. Seus limites situam-se exatamente entre a educação e a pedagogia atual, as ciências da educação de um lado e a filosofia do outro (GADOTTI, 1985, p. 37).

É importante registrar a falta de interesse dos educandos para estudar e realizar qualquer tarefa. Suas dificuldades para a mudança já eram esperadas. Essa advém dos anos em que a educação era assentada em princípios de reprodução de uma sociedade.

Outra questão é procurar responder, a partir da prática na disciplina de Seminário Integrado, o que é, afinal, essa disciplina, no Ensino Médio? Como levá-la aos educandos?

Para essas indagações há uma única certeza: traçar os objetivos da disciplina para o primeiro, para o segundo e para o terceiro anos. Conforme os objetivos, os educadores terão com clareza as metodologias e as didáticas a serem aplicadas.

No trabalho desenvolvido nos dois turnos, a intenção é desenvolver nos educandos a vontade de conhecer qualquer tema através da pesquisa. Para isso, mostrar os caminhos e as possibilidades de repercussão intelectual e social.

Para encerrar, é imprescindível falar da necessidade de avançar nessa disciplina e que, para tal, o professor pesquisador terá que ter apoio e mais tempo para esse trabalho. Que a escola não se torne no processo de humanização dos educandos a desumanização para os educadores.

### **Considerações finais**

É primordial, neste momento, fazer a leitura da sociedade que se tem e a sociedade almejada por utopia ou possibilidades. Não raro, as pessoas reclamam e proclamam uma sociedade mais justa e humanitária.

Normalmente, a culpa é dos políticos que não administram bem a nação. No entanto, a educação tem a oportunidade, por vezes, de promover a mudança. Os educadores são os pensadores da nossa sociedade.

Para Gramsci, a escola unitária daria conta de retirar a dicotomia de “educação cultural e instrução para o trabalho”; conforme seu entendimento, “raiz do problema, das estratificações de classe”.

Na escola atual, em função da crise profunda da tradição cultural e da concepção da vida e do homem, verifica-se um processo de progressiva degenerescência: as escolas de tipo profissional, isto é, preocupadas em satisfazer interesses práticos imediatos, predominam sobre a escola formativa, imediatamente desinteressada. O aspecto mais paradoxal reside em que este novo tipo de escola aparece que é levada como democrática, quando, na realidade, não só é destinado a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-las em formas chinesas (GRAMSCI, 2001, p. 49).

Para tanto, o educador deverá despojar-se de antigas concepções pedagógicas. Examinar todos os teóricos e teorias que possam ajudar na construção de uma sociedade melhor e trazer para sua prática educativa, preparando-se, assim, para a educação que trabalha a “incompletude do ser” (FREIRE, 1998).

Ao contrário, os educadores estão reforçando a escola que forma homens para o trabalho e a outra que forma indivíduos intelectuais. Os primeiros trabalharão para a sociedade capitalista, e os últimos desempenharão funções de domínio da inteligência.

No relato das atividades ficou clara a resistência que os educandos apresentam para o ato de desenvolver, por si, qualquer tarefa de construção. Fato preocupante, pois o futuro da sociedade depende de cidadãos autônomos.

No entanto, também fica claro que os educandos, ao descobrirem-se capazes de produzir conhecimento, respondem à altura em que são exigidos. O que nos leva a questionar e buscar o motivo do desinteresse por eles apresentado.

Por isso a necessidade de estudar o pensamento de Gramsci, de Paulo Freire e outros tantos pensadores. Eles apontaram os problemas sociais, possibilitam reflexões para transformações e indicam caminhos.

Daí o imperativo de mudança nos paradigmas da educação: educar com a pesquisa, levando os estudantes para a pesquisa, pois:

Uma investigação desse caráter rejeita a distância tradicional entre sujeito e objeto, buscando participação ativa da comunidade em todo o processo. Se esse é um processo coletivo, é necessário buscar uma horizontalidade na reação escola-comunidade, tão real quanto seja possível, dadas as diferenças e distância que historicamente as separaram (MELLO, 2004, p. 36).

É tempo de reconstrução nos caminhos da educação; no entanto, as políticas educacionais deverão respaldar esse momento, ofertando todas as estruturas que possam tornar possível essa nova visão em educação.

### Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GADOTTI, M. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 6. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1985.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LDB. **Leis de diretrizes e bases**. Darcy Ribeiro ([http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf)).
- MELLO, M. **Pesquisa participante e educação popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Ed. Cortez, Instituto Paulo Freire, 1997.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 128 p.
- SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio**. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens\\_medio.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1)>. Acesso em: 09 ago. 2012.



## **Seminário Integrado – formação profissional e qualidade de vida: ações para um futuro melhor**

*Silvana Monteiro Damasceno*

E.E.E.M. Prof. Carlos Loréa Pinto  
smdgeo@gmail.com

O referido relato constitui-se em um espaço de troca de saberes, de vivências e experiências entre professores, alunos, funcionários, Coordenadoria de Educação, Universidade, associação de moradores, empresários e demais membros da comunidade do bairro Cohab IV, onde se localiza a E.E.E.M. Prof. Carlos Loréa Pinto.

O processo de discussão sobre o Ensino Médio Politécnico deu-se em forma de conferência. A primeira instância foi a escolar, apresentada em julho de 2011, quando foram eleitos delegados representantes para participar da Conferência Municipal e da Regional em novembro de 2011.

A partir de então, reunimos um grupo na escola com assessoramento da coordenação pedagógica da escola para estudar os textos encaminhados pela SE/RS e complementados com outros textos, como: Currículo, Interdisciplinaridade, Pedagogia de Projetos, Avaliação Emancipatória, entre outros. Em fevereiro de 2012, foram apresentados a todos os colegas a proposta pedagógica para o Ensino Médio, o Regimento Referência e especialmente a metodologia de trabalho e a avaliação final. Discutimos a base curricular e o funcionamento do 1º ano com a definição do componente curricular Seminário Integrado, definindo, assim, os coordenadores da disciplina, escolhidos primeiramente para complementar a carga horária e finalmente pela disponibilidade para estudar e integrar essa nova proposta junto aos colegas.

O Ensino Médio Noturno contempla três turmas do 1º ano de Politécnico com três coordenadores de três horas para a disci-



plina de Seminário Integrado em sala de aula com orientação e para reuniões de planejamento e avaliação de todos os trabalhos desenvolvidos.

### **A caminhada do seminário na escola**

A proposta do Ensino Médio Politécnico no Noturno foi discutida e avaliada com os alunos formados em grupos de estudos para leitura e discussão de textos com os quais construímos a pesquisa sócio-antropológica para definir o perfil do nosso aluno, suas necessidades e interesses do público pesquisado.

Apresentamos os dados ao coletivo de professores e de alunos, e várias questões foram levantadas, como: necessidades dos alunos a serem inseridos no mercado de trabalho, qualificação profissional, preocupação com as condições de sobrevivência, sustento pessoal e familiar.

Construímos a partir dessas informações questões pertinentes ao futuro profissional do nosso aluno, como: O que fazer? Como fazer? Onde fazer? Seu ramo ou atividade afim?

A pesquisa foi aplicada nas três turmas dos primeiros anos do Ensino Médio, envolvendo cerca de 45 alunos. As informações foram quantificadas e definidas em áreas de preferência e interesse no conhecimento para a atuação profissional dos nossos alunos, como: Administração de Empresas, Direito, Medicina, Engenharia, Educação e Jornalismo foram as mais citadas. Após a apresentação dos resultados e a construção coletiva das formas de ação, estimulamos e incentivamos um trabalho interdisciplinar.

Criou-se um grupo de discussão on-line, o Google Groups, em que cada aluno e professor criaram o seu e-mail para ser inserido no grupo da Escola Carlos Loréa Pinto. As atividades foram sendo desenvolvidas e a produção de questionamentos com o grande grupo (alunos/professores). A primeira atividade foi pesquisar a origem das disciplinas, seus pensadores e sua relação com as profissões e as áreas desejadas pelos alunos, que posteriormente foi postada no grupo formado pela turma e compartilhada com o grande grupo da escola.

Organizamos então algumas saídas de campo, para as quais levamos questionamentos referentes às teorias estudadas e pesquisadas na sala de aula, laboratório de informática e biblioteca.

A 1ª saída foi a visitação ao jornal Agora (Foto 3), a TV e Rádio FURG (Foto 4), locais importantes no desenvolvimento das temáticas trabalhadas com relação à importância e à atuação do profissional da área das Comunicações, em especial o jornalista. As disciplinas envolvidas na elaboração do relato foram Geografia, Português, Biologia, Química e Educação Artística.

A 2ª saída foi organizada a partir dos questionamentos dos alunos com relação ao Porto do Rio Grande, com destaque para o Polo Naval. Agendamos uma visitação à Superintendência do Porto do Rio Grande (Foto 5), o que foi bastante esclarecedor, principalmente nas questões da gestão e do funcionamento da área portuária, que se encontra em plena expansão e desenvolvimento econômico. Foram trabalhados vários conceitos na área da Química e da Biologia, e elucidamos algumas dúvidas com a Geografia e a História na formação do novo espaço geográfico da cidade a partir do seu atual momento econômico. O relato da atividade foi organizado na disciplina de Língua Portuguesa na aplicação das formas de linguagem e estrutura do texto apropriadas para a produção do relatório feito sobre a visitação.

O Museu da PUC – Porto Alegre foi nossa 3ª saída de campo, o que também proporcionou uma interatividade dos experimentos com momentos ricos e intensos de aprendizagem, despertando em todos o interesse pelo conhecimento.

Finalizando as nossas atividades, realizamos um Seminário das Profissões (Foto 1 e 2) com a participação de alguns profissionais da área da Saúde, Educação, Administração de Empresas, Gestão Portuária, Jornalismo e da Psicologia, que possibilitaram a discussão, a reflexão, as dinâmicas de integração e socialização do grupo trabalhado, pois o diálogo dos palestrantes foi ao encontro da proposta e do conhecimento até então construído através da pesquisa pelos alunos.

Seguem abaixo alguns registros das atividades citadas acima, cuja proposta procura através da construção do conhecimento colocar ativamente o aluno como protagonista na busca do saber. Para isso acreditamos na interdisciplinaridade entre as diferentes áreas do currículo no qual a pesquisa passa a ter um papel fundamental na apropriação e construção do conhecimento.



Foto 1:  
Apresentação  
Seminário



Foto 2:  
Alunos  
Seminário  
Integrado



Foto 3:  
Visitação  
Jornal Agora



Foto 4:  
Visitação TV e  
Rádio – FURG



Foto 5:  
Visitação ao  
Porto – RG/RS

As turmas de Seminário Integrado do 1º ano do Ensino Médio Noturno da Escola Carlos Loréa Pinto trabalharam a pesquisa e a relação entre diferentes áreas do saber com esse objetivo; partiu-se do interesse do aluno, valorizando o comprometimento, a escrita e auxiliando na reorganização de conhecimentos disponíveis em que esses deveriam reformular de acordo com suas necessidades e entendimentos.

A avaliação ocorreu ao longo de todo o processo, tendo em vista ser a avaliação um processo político-pedagógico de permanente construção e (re)construção de saberes, de pensar e (re)pensar o ser e estar no mundo.

A Escola Carlos Loréa Pinto, a despeito das limitações que se impõem ao nosso desejo de fazer uma educação efetivamente de qualidade, com respeito ao direito de ser e querer ser de cada cidadão, tem buscado realizar ações que possibilitem aos nossos alunos compreenderem o aprendizado diário (dos conteúdos) como ferramentas necessárias ao exercício pleno da cidadania e sendo fundamentais para uma melhor inserção e participação na vida em sociedade e na busca por um futuro melhor.

Dessa forma, o desenvolvimento de nossas ações/intervenções pedagógicas foi pautado em uma instituição de ensino que esteja articulada com a vida, com a melhoria da comunidade, pois, segundo o documento da 1ª Conferência do Ensino Médio, “o Ensino Médio, enquanto última etapa do Ensino Básico, tem a responsabilidade de preparar o(a) aluno(a) para a inserção no mundo do trabalho e na vida em sociedade, dando-lhes subsídios que se configurem em ações fundamentadas, tomadas de decisões e posturas éticas” (p. 02, 2011).

O Seminário Integrado – Formação Profissional e Qualidade de Vida: Ações para um futuro melhor é um espaço permanente de estudo, discussões, reflexões e problematizações envolvendo todos os componentes curriculares do Ensino Médio, que numa estratégia metodológica de palestras, grupos de estudos, rodas de conversa, pesquisa-participante e saídas de campo possibilitaram aos alunos do Ensino Médio pensarem/repensarem em diferentes perspectivas de futuro, de inserção no mundo do trabalho, de formas de atuação na e com a sociedade.

O Seminário é uma construção coletiva que está voltada às demandas e necessidades expressas por nossos alunos através de um questionário socioantropológico que objetivou conhecermos o perfil político, econômico, social e cultural de nosso público. A par desse estudo, no que se refere ao Ensino Médio Noturno, ficou latente a questão da formação profissional e da inserção desse grupo de alunos no mercado de trabalho.

De acordo com o documento da 1ª Conferência Estadual do Ensino Médio, “o trabalho interdisciplinar, os projetos e as pesquisas como estratégias metodológicas viabilizam o estudo de temáticas transversais, as quais aliam teoria e prática, concretizando-se por meio de ações pedagógicas integradoras e ainda tem

por objetivo dialeticamente integrar as áreas do conhecimento e o mundo do trabalho” (p. 04, 2011).

A preocupação desse grupo de alunos com relação às perspectivas de futuro deve-se ao baixo poder aquisitivo e à necessidade urgente de garantir o próprio sustento, bem como o da família, quando esse é o caso. Isso faz com que esse grupo de alunos, apesar dos sonhos, do desejo de cursar uma universidade, de se qualificar para o trabalho, de atuar em setores produtivos que tragam reconhecimento social, profissional e bons salários, o que lhes propiciaria melhores condições de vida, abandone seus objetivos por conta da necessidade imediata de sobrevivência e de sustentar-se, ficando reféns de atividades menos valorizadas, menos reconhecidas e que lhes possibilitem o mínimo.

O Seminário busca trabalhar com as diversas potencialidades, com as múltiplas inteligências e com a capacidade de superação de cada um, de forma que novos caminhos/horizontes possam ser apresentados a esse grupo de alunos.

Uma das ações/intervenções desse Seminário Integrado foi realizada no final do ano letivo de 2012, em parceria com a 18ª CRE, Universidade Federal do Rio Grande, Empresas Públicas e Privadas de Rio Grande e outros setores que trabalharam e se engajaram em nossa proposta, com a realização de um **Seminário de Profissões**, em que profissionais de diferentes campos/áreas de atuação estiveram em contato com nossos alunos, destacando o perfil profissional necessário a determinada função; as possibilidades de atuação; a qualificação necessária; a responsabilidade da função, entre outros aspectos.

Ainda segundo o documento da 1ª Conferência Estadual do Ensino Médio, “(...) a construção do currículo dos itinerários na iniciação profissional integrada ao Ensino Médio somente será possível mediante o trabalho coletivo que integre professores, representantes sindicais e representantes do setor produtivo, além das universidades (...)” (p. 03-04, 2011).

A organização da escola e o sucesso da nova proposta político-pedagógica do Ensino Médio Politécnico estão na sua autonomia, na qual a escola decide a distribuição dos seus recursos humanos, seu espaço físico e seu número de alunos compatíveis com o bom desenvolvimento das atividades, contando sempre com

professores capacitados e engajados nessa nova modalidade de ensino; mas para isso acontecer, é necessário um espaço adequado de trabalho, pois a precariedade dos recursos tecnológicos e a carência de pessoal para apoio em biblioteca, laboratório de informática e ciências dificultam o processo da pesquisa.

As participações em formações continuadas são de extrema importância para o êxito da proposta, e o Cirandar: rodas de investigação desde a escola proporcionou aos professores o diálogo, a troca de experiência e a socialização das dúvidas e dos anseios para com o novo ou diferente. Com isso pôde auxiliar fundamentalmente no processo de construção do conhecimento.

Acreditamos que essa ação/intervenção, bem como, de acordo com a experiência adquirida no convívio com esse grupo de alunos e conhecendo parte de sua realidade, busca ampliar as possibilidades futuras de nossos estudantes, incentivando e estimulando que seu percurso de formação seja permanente. Portanto o mesmo não se encerra na escola, sendo a mesma uma parte da longa trajetória a ser percorrida. É importante demonstrar a esses alunos o seu potencial criativo e que os mesmos podem ser/alcançar o que desejarem desde que para isso haja dedicação, comprometimento, estudo, formação, qualificação e vontade de ser e querer ser.

### **Considerações finais**

O Seminário Integrado foi um espaço que oportunizou o diálogo entre as disciplinas de forma coletiva, interligando os diversos saberes oriundos dos conhecimentos sistematizados e específicos de cada disciplina com o contexto social, político, econômico e cultural de nossa comunidade, tomando como referência as demandas da localidade, entre as quais a formação profissional, vinculada a uma qualidade de vida melhor, que possa propiciar condições mais dignas de inserção, participação e permanência junto à comunidade, de forma que os sonhos possam materializar-se a partir de uma realidade concreta, caracterizada pela justiça e pela equidade social.

Tendo como missão a oferta de um ensino de qualidade que contribua para a formação de cidadãos críticos, portanto cons-

cientes das formas de pensar e agir no mundo, a Proposta de Ensino Médio Politécnico traz para nós educadores o desafio de construir uma escola que esteja atenta e participando de forma decisiva e organizada das transformações sociais, acompanhando as inovações tecnológicas e científicas e colaborando com o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do país, promovendo mudanças na metodologia de trabalho e nas formas de ser/estar/participar da comunidade.

Para isso, é preciso ter uma escola aberta, democrática, que ouça os anseios de sua comunidade e que possa reunir condições de atuar nos problemas existentes, sendo a mesma uma força importante na construção de um novo modelo de sociedade, com melhor distribuição de renda, acesso aos bens públicos, respeito aos direitos individuais, acesso a cultura, esporte, lazer, alimentação, moradia, ao conhecimento, entre outros.

Entendemos que trabalhar a partir do interesse do aluno e das suas necessidades é o principal elemento para atingir os nossos objetivos, pois somente fazendo essa relação é que estaremos contribuindo para a sua formação qualitativa, que irá refletir e intervir diretamente em sua comunidade, gerando assim uma condição de vida melhor individual e coletivamente.

### Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GALIAZZI, M. C. **Construção curricular e rede na educação em ciências**: uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e Cultura, 1996.

## **Seminário Integrado: dificuldades e expectativas**

*Ticiano Cougo Cardoso*

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas  
ticipougo@ibest.com.br

Este relato destina-se a descrever e avaliar a trajetória percorrida como docente da disciplina de Seminário Integrado durante o ano de 2012. A introdução desse componente curricular faz parte do processo mais amplo de reformulação do Ensino Médio, inaugurado no início do referido ano letivo, na condição de eixo articulador do currículo escolar, com a missão de relacionar a realidade social aos conhecimentos formais, em projetos interdisciplinares por meio de uma metodologia investigativa. Mais do que descrever as atividades desenvolvidas nessa disciplina, tem-se o propósito de compartilhar dúvidas, anseios, dificuldades, experiências e expectativas.

Em 2012, teve início um processo de reestruturação curricular do Ensino Médio nas escolas da rede estadual no RS. A reforma foi sendo implantada para fazer frente à fragmentação dos conteúdos e ao distanciamento dos mesmos da realidade dos alunos e, também, pelos altos índices de reprovação e abandono e pelo grande número de jovens entre 15 e 17 anos estarem fora da escola.

Na prática, além de aulas dos componentes curriculares do Ensino Médio, os alunos devem desenvolver projetos com atividades práticas e vivenciadas relacionadas com a vida, a sociedade e o mundo do trabalho. As metodologias são interdisciplinares, baseadas em pesquisas pedagogicamente estruturadas, articuladas através dos Seminários Integrados.

Na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas (Rio Grande-RS), estabeleceu-se que, para o desenvolvimento dos Seminários Integrados, cada turma de 1º ano ficaria sob a coordenação de um professor.

### **A construção da proposta**

Conforme a orientação recebida no início do ano letivo, o coletivo de professores da escola esboçou, em conjunto com a supervisão, propostas de projetos em cada área do conhecimento a partir de um tema gerador que contemplasse a realidade da escola e da comunidade. Como fruto dessa discussão, considerou-se que as mudanças advindas do crescimento econômico vivenciado pelo município poderiam motivar a realização de pesquisas e reflexões sobre seus impactos sobre a população.

Vários professores, todavia, acreditavam que não deveria haver determinação prévia em relação aos temas de pesquisa, deixando essa escolha a critério dos alunos; nossa intervenção deveria concentrar-se na questão metodológica. Diante desse impasse, decidimos dedicar as primeiras semanas de aula para conhecer os alunos e seus interesses.

Nesse meio tempo, foi-nos apresentado pela 18ª Coordenadoria Regional de Educação, como sugestão a ser avaliada, um material de apoio centrado nos fundamentos históricos, filosóficos e metodológicos da pesquisa científica, que foi acolhido como referência.

Na turma que coordenava (117 – noturno), após a apresentação da proposta de trabalho, foi feito um levantamento das áreas de interesse, de forma individualizada, buscando identificar possibilidades de estudo que contribuíssem para a construção de projetos de vida, abrindo novas perspectivas de realização profissional e pessoal. Posteriormente buscou-se delimitar e justificar a temática escolhida.

Nesse momento, vários problemas começaram a surgir: a grande variedade de temas (incluindo áreas com as quais não possuía a mínima familiaridade); a dificuldade em agrupar alunos com temáticas semelhantes (os grupos tendem a se formar por afinidades pessoais) e a própria dificuldade dos alunos em delimitar e justificar suas escolhas.

Os obstáculos encontrados conduziram-nos a repensar os rumos do trabalho. Chegamos, então, à conclusão de que um projeto coletivo seria muito mais viável e enriquecedor, pois poderíamos contemplar múltiplas formas de abordagem sobre o mesmo

tema, onde cada um contribuiria conforme suas possibilidades, habilidades e interesses. Dessa forma, a ideia inicial de pensar as mudanças vivenciadas pela população do município foi resgatada e problematizada por meio de um produtivo debate.

Várias questões foram levantadas: mercado de trabalho, moradia, educação, saúde pública, mobilidade urbana, violência, preservação ambiental, etc. Por escolha consensual da turma, elegeu-se a questão da saúde no município como tema de pesquisa, pois a maioria sentia-se bastante vulnerável por desconhecer seus direitos e o próprio funcionamento do sistema. Lembrou-se que esse não é um tema restrito nem, tampouco, isolado, pois possui relação direta com as condições de vida das pessoas (trabalho, moradia, educação, ambiente, etc.) e também com as questões políticas, possibilitando várias formas de abordagem. Salientou-se, ainda, a relevância social do projeto, que deve contribuir não apenas para o conhecimento de cada um individualmente, mas para a conscientização e melhoria das condições de vida da sua comunidade por seu possível efeito multiplicador. Propôs-se que, para o próximo encontro, cada um deveria trazer sua contribuição em forma de questionamentos sobre o tema.

Devido à percepção de que muitos tinham uma visão restrita sobre a questão da saúde (suas preocupações limitavam-se à carência do atendimento médico-hospitalar), organizou-se a primeira oficina com o tema “O Direito à Saúde no Brasil e o SUS”, sob a orientação da Enf. Olga Cardoso (membro do Conselho Municipal de Saúde).

Após uma dinâmica inicial, para descontrair e integrar o grupo, lançaram-se os questionamentos: “O que é saúde?” e “O que precisamos para ter saúde?”, convidando os alunos a registrar suas ideias em um cartaz, de forma a construir um conceito. Foram destacados vários fatores associados à promoção da saúde: alimentação, trabalho, educação, transporte, saneamento básico, entre outros. O debate sobre o tema foi enriquecido pelos esclarecimentos sobre a história, os princípios e o funcionamento do SUS, salientando a conquista de direitos e a importância da participação dos cidadãos (controle social) para a efetivação do sistema.

A partir dessa atividade, a turma organizou-se em grupos dedicados a pesquisar temáticas mais específicas (ex.: relação en-

tre saúde e trabalho), realizando uma visita orientada à biblioteca da escola para buscar subsídios teóricos para embasar a pesquisa. Foram utilizados como fonte de consulta, predominantemente, artigos extraídos de periódicos (Mundo Jovem, Superinteressante, Revista de Geografia, etc.), estimulando-se, também, a consulta a outras fontes fora do horário de aula. Nesse momento, orientou-se quanto à metodologia apropriada para citações e referências bibliográficas.

No encontro seguinte, foi promovida outra oficina, organizada pela Profa. Luciane Cougo dos Santos (Bióloga da Secretaria Municipal de Saúde, atuando na Vigilância Ambiental), com o tema “Saúde – Fatores Ambientais”. A turma foi dividida em três grupos, sendo proposto para cada um um estudo de caso distinto. A partir da descrição das características de um bairro fictício e dos casos atendidos na UBS local, contando com uma maquete (para melhor visualização do contexto) e material informativo sobre o tema (folders), o grupo foi desafiado a identificar o problema de saúde em questão, sua relação com o contexto socioambiental, que ações deveriam ser tomadas e que órgãos/agentes deveriam estar envolvidos na solução/prevenção do problema. No decorrer da atividade, salientaram-se o levantamento de hipóteses, a busca de informações e as discussões nos grupos. A atividade foi finalizada com a apresentação dos grupos e o debate das questões suscitadas, estabelecendo uma relação com a vivência dos alunos.

Na sequência, os projetos de pesquisa foram retomados a partir dos registros efetuados, evidenciando os objetivos e avaliando os resultados obtidos até então, de modo a planejar as próximas atividades. Além do aprofundamento sobre as questões levantadas, os grupos organizaram pesquisas de campo (nas suas comunidades) por meio de entrevistas. Havia, também, intenção de assistir a uma reunião ordinária do Conselho Municipal de Saúde, o que, no entanto, não foi possível devido a alterações no calendário de reuniões do mesmo.

Os resultados da pesquisa de cada grupo foram organizados em portfólios e o conhecimento socializado por meio de um seminário, no qual foram apresentados os seguintes projetos: “Saúde e trabalho na adolescência”, “Os agrotóxicos nos alimentos

que consumimos”, “Saúde e sexualidade” e “Crack: um problema social”. A avaliação dos projetos foi realizada de forma coletiva, buscando apresentar sugestões de aperfeiçoamento e aprofundamento das pesquisas realizadas.

Enquanto docentes, reconhecemos que a realidade do Ensino Médio está aquém do desejável e que os elevados índices de evasão e repetência reclamam a realização de mudanças. O currículo, em especial, precisa ser revisto para aproximar-se da realidade dos alunos, de forma a atender suas necessidades e desenvolver suas potencialidades. Conforme Salmaso:

A abordagem do conhecimento como construção, e não mera reprodução, deve integrar o cotidiano escolar que se pretenda crítico e democrático. Se não ancorado e arraigado na realidade dos sujeitos, o conhecimento escolar pode se reduzir à prática de um ensino descontextualizado, compartimentalizado e fundado no acúmulo de informações, ainda que trabalhado com recursos didáticos e tecnológicos tidos como eficazes (SALMASO, 2010, p. 59).

Por outro lado, a forma como a reestruturação do Ensino Médio vem sendo implementada tem gerado muita angústia devido à celeridade e à falta de informações e subsídios consistentes para sua realização. A responsabilidade de pôr em prática uma proposta que ainda não foi minimamente absorvida dificulta, inclusive, a formulação de um posicionamento mais claro a respeito desse processo.

Ademais, é preciso considerar que, conforme Alonso (2007, p. 175),

A mudança assim concebida é um processo que deverá ocorrer no próprio local de trabalho, ou seja, na própria escola, a partir dela, e não comandada pelos níveis superiores da administração. Somente dessa forma, ela poderá expressar as verdadeiras necessidades e intenções dos que aí militam, tendo como consequência o comprometimento de todos e a garantia de que as novas ideias serão aplicadas e produzirão mudanças efetivas no coletivo.

As experiências anteriores precisam ser consideradas, ponderando suas lacunas, contradições e potencialidades, pois o sentimento de descontinuidade em relação às políticas educacionais

talvez seja uma das maiores causas de resistência às novas proposições. De acordo com Contreras,

A perspectiva do modelo de formação de professores como intelectuais críticos sugere que os professores devam participar ativamente do esforço para desentranhar a origem histórica e social do que se apresenta como 'natural', para conseguir captar e mostrar os processos pelos quais a prática de ensino fica presa em pretensões, relações e experiências de duvidoso valor educativo (CONTRERAS, 2002, p. 185).

Na experiência acumulada, destacou-se a dificuldade em estabelecer um elo com as demais disciplinas, ou seja, a abordagem interdisciplinar ficou a cargo somente do professor de Seminário Integrado responsável pela turma. As discussões sobre as mudanças curriculares ainda não estavam atingindo os demais professores, o que certamente dificulta a construção de uma proposta da escola.

Além dos entraves estruturais comuns a todas as escolas, acredito que a situação foi particularmente agravada pela dimensão da clientela atendida (14 turmas de 1ª série, distribuídas em três turnos), o que dificulta a organização de um planejamento coletivo, visto que muitos professores ainda trabalham em outras escolas.

As turmas do noturno, em especial, representaram um grande desafio para o desenvolvimento desse projeto. A realização de atividades no contraturno, e mesmo aos sábados, foram bastante limitadas em decorrência dos compromissos de trabalho ou familiares e mesmo das dificuldades de transporte. A continuidade do trabalho também se vê prejudicada pela baixa frequência de alguns alunos. Ao mesmo tempo, certamente são os que mais demandam uma nova metodologia que dê significação à aprendizagem desenvolvida, pois muitos veem na escola apenas a oportunidade de certificação dessa etapa do ensino.

Devido à afinidade de propostas e da disposição dos horários de aula, passamos a trabalhar a disciplina de Seminário Integrado em conjunto com a turma 118 (orientada pela Profa. Magda Munhoz). Essa troca de experiências foi bastante positiva e também possibilitou a otimização das atividades presenciais, conferindo maior agilidade ao trabalho.

A problematização em torno de temáticas diretamente relacionadas às suas vivências parece ter despertado o interesse das turmas na busca pelo conhecimento que possa contribuir para a resolução de problemas concretos. A articulação com os demais componentes curriculares ainda não é uma realidade pela dificuldade em realizar um planejamento conjunto. A abordagem interdisciplinar, porém, destacou-se nas atividades realizadas.

Acredito que, independente do produto/resultado final, o processo em si já torna o trabalho bem-sucedido, pois os constantes desafios foram encarados como motivação para a construção de outros caminhos na relação ensino-aprendizagem.

### Considerações finais

Apesar de tudo, surgiram algumas possibilidades frutíferas. As muitas dúvidas e dificuldades comuns promoveram a aproximação entre os professores responsáveis pela coordenação dos seminários sob a orientação da supervisão. A troca de experiências e impressões é, certamente, imprescindível para a superação dos obstáculos. Porém ainda carecemos de referências que nos auxiliem nesse processo, sobretudo no que tange à metodologia da pesquisa (parece-nos ser necessário construir um modelo próprio para essa etapa do ensino), bem como em relação às formas de avaliação. Esperamos que os encontros de formação contribuam nesse sentido.

### Referências

- ALONSO, M. A Supervisão e o desenvolvimento profissional do professor. In: FERREIRA, N. S. C. (org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SALMASO, J. L. **Autonomia e construção do conhecimento: a ação supervisora nos processos formativos na educação básica**. São Paulo: Sinergia, v. 11, n. 1, p. 57-60, jan./jun. 2010.



## **Aprendizagens coletivas no Seminário Integrado**

*Prof.<sup>a</sup> Denise Seixas Cruz*

E.E.E.M. Lília Neves  
deniseixascruz@yahoo.com.br

Primeiramente, farei uma breve apresentação para melhor entendimento do presente trabalho. Sou professora de Geografia há dezenove anos na E.E.E. Médio Lília Neves, localizada na Vila da Quinta. Atualmente, ministro as disciplinas de Geografia, Religião e Seminário Integrado.

Além disso, realizo a minha formação continuada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG em Geografia. Conto com o apoio de seis bolsistas na disciplina de Geografia; eventualmente eles participam das aulas do Seminário Integrado.

A partir desse momento, começarei o meu relato de experiência no Seminário Integrado com uma turma de primeiro ano do Ensino Politécnico, turma 113, do turno da tarde. Nessa fazem parte aproximadamente quarenta alunos oriundos de diferentes localidades, como: Taim, Ilha dos Marinheiros, Vila Carreiros, Povo Novo, Palma, Quinta, entre outras, uma vez que a nossa comunidade escolar recebe educandos do seu entorno.

Sendo assim, nós professores, buscamos conhecer melhor a realidade onde está inserido o nosso educando. Até mesmo fazê-lo pesquisar e investigar a sua localidade, problemas e os anseios das mesmas. Ou seja, trazer a comunidade para a escola e vice-versa. Articulado a tudo isso e aos interesses dos alunos, pensamos o nosso trabalho sobre o Seminário Integrado.

### **Atividades**

Partindo dessa premissa, começamos no mês de março de 2012, quando foi construída por todos os professores da escola,



uma entrevista. A pretensão era conhecer a localidade onde moram esses educandos a partir de dados coletados. Cada aluno do primeiro ano do Ensino Médio Politécnico ficou responsável por três entrevistas, as quais foram aplicadas nas suas comunidades.

Em um dia determinado, eles deveriam trazer as mesmas para a sala de aula. Essas foram tabuladas em conjunto com os alunos da turma 113. Três pibidianas dividiram a turma em pequenos grupos, foram coletando e escrevendo no quadro as informações obtidas em cada questão da pesquisa. Isso foi realizado com o intuito de melhorar a visualização do grande grupo de alunos, além de facilitar a tabulação dos dados. Tudo supervisionado por mim e pela professora de Espanhol. Registro nesta escrita a importância das pibidianas como mediadoras e articuladoras do processo de ensino-aprendizagem.

Após o levantamento de dados e da tabulação, foi solicitado aos alunos:

- 1 - construção coletiva de um relatório contendo uma conclusão sobre as informações obtidas;
- 2 - enumeração dos assuntos em que queriam aprofundar seus conhecimentos.

Os mesmos escolheram como tema de pesquisa a educação. Isso porque ao longo da atividade observaram a baixa escolaridade em suas comunidades. Para melhor visualização e entendimento, resolvemos confeccionar gráficos em parceria com a professora de Matemática.

Na sequência do trabalho, produzimos no grande grupo algumas hipóteses sobre o porquê da baixa escolaridade. Em seguida, a turma foi dividida em pequenos grupos, elaboraram uma entrevista ou questionário para ser aplicado em suas respectivas comunidades. A professora de Língua Portuguesa está nos ajudando com as devidas correções.

Permeando tudo isso, contamos com a fundamentação teórica, em que o professor de História tem contribuído com a história da educação e seus principais pensadores. Também agregamos como subsídio o material (filmes) que a 18ª Coordenadoria Regional de Educação – CRE nos enviou, para fomentar, aguçar e despertar o interesse dos alunos em nosso trabalho.

Criamos um portfólio da turma 113; essa ideia surgiu da experiência que adquiri com o Pibid, onde temos em nosso subprograma da Geografia o portgeo. Sendo assim, na turma 113, acordamos que a cada encontro um aluno(a) é responsável pela escrita, a qual é uma síntese dos acontecimentos e assuntos ocorridos na sala de aula.

Mario Osório Marques (2001) afirma: Escrever é preciso. Concordo com o autor, pois a partir do exercício de minha escrita, da escrita do outro e com o outro tecemos o nosso conhecimento, socializamos a nossa aprendizagem individual e grupal.

Tive fases, no desenrolar do meu trabalho, de preocupação, desânimo. Foram dolorosas, devo confessar. Para superar essa fase conturbada, precisei confiar em mim, no meu trabalho, na minha capacidade, no meu aluno, nas propostas de trabalho, além de estudar e pesquisar, ser perseverante e flexível. O que me fortalece é o trabalho coletivo. Através da permuta de livros, conversas, diálogos, até de pequenos gestos, como um abraço, um sorriso, um afago, elogios e palavras de incentivo. Pois o nosso grupo de professores seminaristas reúne-se uma vez por semana das 17h30min às 19h na própria escola. Nesse espaço-tempo planejamos, organizamos, refletimos, trocamos materiais e experiências. Além de ser “a hora” do desabafo, integração, de ouvir o outro, de união, aproximação dos saberes e também de acolhida como seres humanos, com suas dúvidas, incertezas. Ou seja, o apoio dos amigos seminaristas e da supervisão é essencial. É um sustentáculo em nossa aprendizagem. Dessa maneira, somos todos sujeitos aprendentes.

Outro aspecto relevante foi minha indicação para fazer parte do Seminário Integrado. Foi um momento de valorização, reconhecimento profissional. Agradeço a confiança e sei da minha responsabilidade com o meu trabalho, a escola e, principalmente, com o meu aluno, peça-chave de todo o processo educacional.

Como afirmei, houve momentos difíceis, mas que foram compartilhados com o grupo e superados através da cooperação, quando um colega faz uma sugestão, uma observação ou quando esse traz algum texto ou mostra uma atividade que realizou e deu certo. Ficou explícito que não podemos paralisar

frente aos novos desafios educacionais. Esses podem impulsionar a busca por novas alternativas, como a pesquisa. Concordo com Demo (1996) quando afirma que devemos educar por meio de pesquisas, formando um aluno questionador, atuante, tornando-o um ser crítico, formando assim um sujeito autônomo, que argumenta, tem seu próprio posicionamento, mas sabe ouvir o outro e respeitar o próximo. Nesse contexto, o aluno deve sentir-se parte integrante desse processo. Segundo Maria Cecília Góes (1997), um sujeito interativo que elabora conhecimentos sobre objetos em processo necessariamente mediados pelo outro e constituídos pela linguagem, pelo funcionamento dialógico. É isso que estamos vivenciando em nosso trabalho, além da importância do diálogo no processo de aprendizagem de alunos e professores.

### **Considerações finais**

Devemos ressaltar: estamos no início, não sabemos aonde vamos chegar, porém o nosso trabalho tem sido uma conquista diária e gradativa. Vamos seguindo passo a passo com boa vontade, dedicação e persistência por uma educação transformadora e de qualidade.

Tenho percebido que os educandos estão bastante envolvidos e comprometidos com as atividades propostas em nosso trabalho, porque é um tema de interesse deles, uma produção e construção do grupo. Isso não é algo imposto e determinado por alguém. Esses são os protagonistas do trabalho em todos os momentos.

Percebe-se, no entanto, que nem tudo são flores; há inúmeras dificuldades, falhas, erros, receios, ansiedades, medos, dúvidas e angústias. Mas também se sabe que são necessárias e que fazem parte do processo de aprendizagem. Ora avançamos, ora retrocedemos. Fazemos a nossa práxis docente, onde realizamos ação-reflexão-ação, de forma que podemos avaliar constantemente nosso trabalho coletivo.

### **Referências**

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

GÓES, M. C. **As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1997.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

## Seminário Integrado e as TICs

*Sizeli Freitas David*

E.E.E.M. Prof. Carlos Loréa Pinto  
sizelidavid@hotmail.com

Este relato apresenta a caminhada do turno da noite na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto, a partir de 28 de fevereiro de 2012, em direção à adaptação ao Ensino Politécnico e implantação da disciplina de Seminários Integrados nas turmas de primeiro ano do Ensino Médio.

A Escola Professor Carlos Loréa Pinto dividiu a disciplina de Seminários Integrados entre três professores, ficando cada um deles responsável por um dos primeiros anos. Assim ficou acordado que eu ficaria com a turma 105, porém começamos a trabalhar de forma conjunta, compartilhando expectativas e angústias. Foram feitas reuniões entre supervisão e os professores da disciplina para juntos traçar os primeiros procedimentos. Foi realizada uma conversa de apresentação da proposta e de escuta dos alunos sobre essa nova metodologia de ensino e aprendizagem. Também foram feitas reuniões com os demais professores. Concluímos que precisávamos conhecer melhor nosso aluno e o ambiente em que ele está inserido para embasar o nosso trabalho a partir da sua realidade, de seus interesses e expectativas. Assim sendo, montamos um questionário socioantropológico que foi respondido pelos alunos e analisado pelos professores dos Seminários Integrados e pela supervisão da escola.

A partir da análise dos dados dessa pesquisa, partimos para o desenvolvimento das atividades próprias dos Seminários Integrados, focando o objetivo nas profissões, visto que ficou bem claro que tanto eles como seus pais tinham uma preocupação muito grande em relação à formação profissional.

### **Seminário Integrado no laboratório de informática**

As disciplinas de Seminários Integrados acontecem na terça-feira no laboratório de informática. É importante ressaltar que, por tratar-se de um trabalho coletivo, os outros coordenadores desenvolvem sua atividade de pesquisa também nesse dia. Comprendemos que o aluno é fruto de uma nova era, a era da informática, e por isso decidimos que precisávamos inovar, criar novas formas de atrair o interesse e a participação do aluno. Foi assim que investigamos como a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) poderia auxiliar na disciplina de Seminários Integrados. Buscamos uma alternativa para a motivação das turmas, trabalhando com o computador e a internet.

A utilização de grupos vem sendo bastante difundida atualmente, e sua eficácia, ainda que não totalmente comprovada, permite estudos qualitativos ampliados. Com essa ferramenta o aluno pode continuar trabalhando em determinadas tarefas propostas em seu tempo livre, criando laços com a disciplina. Pelo resultado alcançado, acreditamos que o bom gerenciamento desses recursos pode permitir um ganho real nas relações de ensino-aprendizagem na disciplina de Seminários Integrados, bem como em outras áreas de conhecimento.

Inicialmente, utilizamos o Google Grupos para criar os grupos Lorea Pinto, cada turma em um grupo. Em um segundo momento, cada um criou o seu e-mail (necessariamente do Google) para ser inserido no grupo. Essa tarefa foi colaborativa: aqueles que já tinham e-mail ajudavam aqueles que não tinham criado.

As primeiras atividades foram inseridas, e logo descobrimos uma ferramenta mais atrativa para eles, que foi logo implantada: e testada, o Google Docs (atualmente Google Disco). As atividades são inseridas alguns dias antes da aula presencial, possibilitando que o aluno possa a qualquer tempo, quando possível, entrar em contato com a atividade, preparando-se através de pesquisas prévias. Caso o aluno não tenha acesso à internet fora do horário escolar, a tarefa pode ser desempenhada no horário da aula, não afetando sua relação com a disciplina.

Já as atividades no laboratório acontecem de forma lenta, devido a vários fatores, principalmente as dificuldades em ensi-

narmos com a utilização das TICs. Muitas vezes, essas vêm pelo despreparo, mas na maior parte do tempo vêm pela falta de tempo para aprender como utilizá-las e para preparar atividades envolvendo as novas tecnologias, assim como a falta de estrutura física adequada, a falta de computadores em número adequado, entre outros. Mesmo assim, acreditamos que o envolvimento com as TICs nas aulas de Seminários Integrados tem promovido maior interesse pelas atividades por parte dos alunos.

As novas tecnologias de informação proporcionam facilidades no meio didático da educação. Podemos afirmar que os professores atualmente estão frente a uma nova geração, que utiliza a internet, assim como outras tecnologias praticamente todo o tempo em que não estão na sala de aula. Portanto, como a internet tem transformado comportamentos e ideias, com uma avalanche de ferramentas interativas, é uma boa oportunidade para aprendermos a utilizar essas ferramentas para (re)construir a internet e ditarmos o rumo do conteúdo abordado e da tecnologia. Ensinar na e com a internet atinge resultados significativos quando ela está integrada em um contexto estrutural de mudança do ensino-aprendizagem, em que professores e alunos vivenciam processos efetivos de comunicação abertos, de participação interpessoal e grupal (LEITE e LEÃO, 2009).

Porém alguns alunos ainda não têm intimidade com as ferramentas tecnológicas, como podemos perceber nas seguintes falas:

*Já nas aulas de informática eu não gosto muito, devido os computadores estarem precários e eu não entender muito de internet.*

*... para mim é um susto, pois não tenho conhecimento do computador; é um pouco chato ter que depender dos colegas para ter acesso e mecher [sic]. Talvez se tivermos mais aulas com frequencia [sic]. Teremos mais habilidades.*

*... às vezes não consigo entrar e aí as professoras vão achando que a pessoa não quer fazer.*

Outra problemática é a visão que os alunos têm sobre a centralidade da ferramenta no processo educativo:

*Para mim, a 1º coisa a ser colocado é em nosso laboratório em mais condições de ser usado com facilidades...*

*O conseto [sic] novo de ensino é bom, mas precisa melhorar, pois os computadores estão ruins. Mas melhorando os computadores o ensino ficará melhor.*

*... eu acho que a partir do momento que os computadores ficarem bons, as aulas serão mais proveitosas.*

Para Moran (2004), os professores, em qualquer curso presencial, precisam aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula melhor equipada e com atividades diferentes. Em alguns momentos, o professor leva seus alunos ao laboratório conectado à internet para desenvolver atividades de pesquisa e de domínio das tecnologias (segundo espaço). Essas atividades se ampliam a distância, nos ambientes virtuais de aprendizagem conectados à internet, o que permite diminuir o número de aulas e continuar aprendendo juntos a distância (terceiro espaço). Os cursos precisam prever espaços e tempos de contato com a realidade, de experimentação e de inserção em ambientes profissionais e informais em todas as matérias e ao longo de todos os anos (quarto espaço).

Assim, explorar todos esses espaços é uma tarefa desafiadora, pois um único professor parece não ter tempo nem condição de atuar nos quatro espaços simultaneamente. Essa, porém, não deve ser a preocupação imediata. Como qualquer avanço tecnológico, um tempo de preparação para um melhor aproveitamento deve ser considerado. No caso da escola, essas mudanças devem ser graduais, ainda que constantes numa única direção: a apropriação de novos espaços didáticos por parte dos professores, não apenas como prática pedagógica, mas como interação entre professor e aluno. Essa integração e participação ativa de alunos, professores e equipe diretiva no processo de aprendizagem podem ser percebidas na fala dos alunos:

*Por mim esse ensino está excelente [sic] e deve cada vez ficar melhor, mas depende de todos não só professores e também não só alunos...*

*... tá perfeito para o meu primeiro ano no colégio ta [sic] tudo bem os professores e os diretores estão de parabéns.*

As atividades propostas no Seminário têm proporcionado que os alunos leiam e escrevam, como sendo artefatos culturais fundamentais em sua formação, bem como na aquisição de novos conhecimentos.

Com isso pretendemos explorar essa interatividade, permitindo que o ensino a distância se configure como uma sequência do ensino presencial, o que pode ser traduzido como uma oportunidade de formação continuada dos estudantes (LEVY, 1998). Ainda que focado para as disciplinas de seminário, podemos perceber a necessidade dos estudantes terem seu interesse despertado e mantido através de recursos que possam ser acessados fora da sala de aula, em casa, no momento em que o estudante dispuser de tempo para realizar as tarefas.

Essa nova metodologia de ensino é um desafio para professores e alunos, pois muitos estão acomodados e temem o novo, preferindo muitas vezes um método de ensino tradicional, pois se sentem mais familiarizados:

*Eu não gosto de fazer trabalhos pela internet porque não entendo nada, eu gosto mais de ter aula na sala passando no quadro e copiando para o caderno porque eu vou entendendo mais a matéria. [...] Portanto eu gosto mais de ter matérias no caderno do que fazer [sic] pesquisa na internet.*

*Bom eu acho que esse ensino Póliteguinico [sic] não está agradando muita gente, pois muitos não têm tempo e vontade de fazer as atividades eu gostei um pouco por conta dos passeios e atividades...*

Porém a maioria dos estudantes está receptiva a essa nova metodologia:

*Eu gosto desse modo novo de ensino, pois nós aprendemos coisas tanto dentro da sala de aula quanto fora dela.*

*... eu acho uma ótima ideia, porque fica uma aula diferente, não fica aquela aula rotineira de todos os dias. Copiando copiando. Fica uma aula extrovertida. Por mim pode continuar com esse meio de aprendizado. Muito boa essa ideia e apoio com certeza [sic] esse novo método.*

Precisamos lembrar que esse trabalho está sendo desenvolvido com estudantes do turno da noite, dos quais a maioria trabalha durante o dia todo. Mesmo assim, o tempo destinado à leitura

e escrita nos grupos ocorreu fora do horário escolar. Apesar de não possuímos um mecanismo que controle o tempo real de envolvimento dos estudantes com os grupos, podemos notar em suas respostas bem como em seus comentários em sala de aula que o tempo dedicado ao trabalho nos grupos está sendo satisfatório.

Considerando que estamos iniciando a caminhada, são naturais nossos anseios e angústias. Também se entende que, para o aluno que está acostumado a receber tudo pronto, ocorram uma determinada inquietação, algumas dificuldades e até mesmo certa resistência ao novo. Por isso apostamos nas TICs para tornar o trabalho de todos mais atrativo e enriquecedor.

### Referências

LEITE, B. S.; LEÃO, Marcelo Brito Carneiro. A Web 2.0 como ferramenta de aprendizagem no ensino de ciências. In: SÁNCHEZ, J. (Ed.). **Nuevas Ideas en Informática Educativa**, Vol. 5. Santiago: Universidad de Chile, 2009.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

MORAN, J. M. Novos desafios na educação – a internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, M. (Org.). **Saberes e Linguagens de educação e comunicação**. Pelotas: Editora da UFPel, 2001.

## Qualidade de vida numa perspectiva socioambiental

*Alda Maurem Gonçalves*

E.E.E.M. Santa Vitória do Palmar  
aldamaurem.barrios.60@gmail.com

*Elba Hernandez Rodrigues*

elbasvp@yahoo.com.br

*Kátia Virginia Silveira Corrêa*

prof.katiavirginia@gmail.com

Considerando que a escola é um espaço onde ideias e práticas pedagógicas podem apontar caminhos a percorrer o turno noturno do Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar apresentou propostas para melhorar a qualidade de vida de seus alunos.

Através de um projeto interdisciplinar, desenvolvido durante o 1º semestre de 2012, nas turmas de primeiros anos com aproximadamente 90 alunos, buscaram-se alternativas para que cada aluno em equilíbrio consigo mesmo se tornasse um agente de transformação, agindo positivamente no meio ambiente.

O objetivo geral foi repensar comportamentos, apontando novas atitudes para a formação de hábitos saudáveis, coerentes com uma vida sustentável.

### Atividades

No mês de março, começamos as discussões em grupo com os profissionais da educação, criando em grupo um pré-projeto, quando também definimos alguns critérios de avaliação.

Em abril e maio, em sala de aula, formaram-se grupos de trabalho, de forma democrática e dentro do eixo temático proposto; cada turma escolheu o tema a ser abordado. Foram feitas então pesquisas e estudos dirigidos.

Nas aulas de História, foi estudado o processo de elaboração dos alimentos desde a antiguidade aos dias atuais, comparan-

do os meios de conservação dos alimentos através do tempo; também assistiram ao filme “A dieta do palhaço”, analisando a dieta norte-americana-padrão e seus prejuízos para a saúde.

No mês de junho, começamos a preparação para o seminário. Fatores como postura, tom de voz, coerência e coesão das falas e preparação de roteiro fizeram parte de nossas discussões.

Orientados pelas professoras de Inglês e Espanhol, alunos criaram um cardápio saudável, organizaram uma ceia e fizeram a pirâmide alimentar nos dois idiomas.

Nas aulas de Matemática, preparam um questionário para uma enquete com o objetivo de traçar um perfil da nossa comunidade escolar e posteriormente transformaram os resultados em gráficos que retrataram a realidade encontrada.

Nas aulas de Física, os alunos prepararam cartazes relacionando a quantidade de calorias ingeridas no consumo de determinados alimentos e o gasto em atividades físicas.

Em julho, realizamos uma Semana Estudantil, marcando a culminância do projeto.

No dia 10, foram distribuídas aproximadamente 250 sacolas retornáveis. Essa foi a forma que encontramos para intervir em nossa comunidade em favor da diminuição do uso de sacolas plásticas.

No dia 11, a nutricionista Alexandra Riveiro palestrou sobre alimentação saudável, tirando dúvidas que surgiram durante as pesquisas.

No dia 12, assuntos como doenças causadas pelo sedentarismo, aditivos alimentares e alimentação saudável foram apresentados pelos alunos através da realização de seminário; também através de uma prateleira denominada “Frankenstein”, alunos compararam o prejuízo para a saúde e meio ambiente, causados por alimentos modificados e suas embalagens; em contrapartida visualizaram cesta com frutas e legumes que naturalmente se encontram em porções individuais e até mesmo sua “embalagem” pode ser consumida.

No dia 13, ao som de música, a prof.<sup>a</sup> de Educação Física ministrou uma sessão de macroginástica, em que alunos e professores interagiram num divertido momento de descontração; após, participamos de uma ceia preparada pelos alunos, em que

sanduíches naturais foram servidos em uma bela mesa decorada com o arco-íris da saúde, feita com a orientação da professora de Arte.

Entre cortes e recortes, alinhavos e costuras, consolidamos ideias que se transformaram durante o processo.

O pré-projeto, pensado e planejado pelos educadores, foi reestruturado ao longo da caminhada. Cada turma teve autonomia para decidir como desenvolveria o tema proposto.

Os projetos são mais parecidos com roteiros de viagem do que como planos de vôo. Quando tratamos de projetos, não estamos nos referindo a uma programação rígida, mas a um grande eixo norteador das atividades de um grupo. Algumas partes do projeto devem ser planejadas de forma a evitar muitas alterações (...). No entanto, há outras instâncias de um projeto que não só podem, como devem sofrer alterações, correções, enfim, replanejamento e reavaliação (ALMEIDA; JUNIOR, 2000, p. 51).

O resultado do projeto não nos surpreendeu, pois, quando um grupo de educadores abraça uma causa e quando estudantes têm a oportunidade de “extravasar” o potencial que possuem, o resultado não é só satisfatório, mas extraordinário.

Assim, estudantes que não se enquadravam em nossos padrões de disciplina participaram ativamente de várias facetas do projeto.

Analisando o desfecho de nosso trabalho, quase esquecemos as dificuldades enfrentadas. Quando um de nossos colegas mostrou-se resistente, tivemos que mudar o foco do trabalho já em andamento de uma turma, porque tínhamos apenas o conhecimento empírico e não o científico e não sabíamos como conduzir o estudo. Então, no meio do “caos”, ideias geniais dos próprios alunos mudaram a situação.

O apoio mútuo e incondicional entre educadores, supervisão e gestores foi determinante para o sucesso do trabalho.

Ainda caminhamos timidamente no pensar e agir interdisciplinar, mas aguardamos com grande expectativa os novos desafios desse semestre.

### **Considerações finais**

A disciplina de Seminário Integrado e Projetos, apesar do estranhamento inicial, construiu uma ponte de discussão entre as áreas do conhecimento.

Ressignificar o “conteúdo” desafiou nossa práxis, alimentou conversas e estreitou laços de relacionamento. Ivani Fazenda (2008, p. 15) reconhece o poder do trabalho em equipe: Acreditamos que nossa força estará na parceria, em que poderemos criar novos perfis de cientistas, desenvolver novas inteligências, abrir a razão.

Seminário Integrado e Projetos é um espaço entre a Geografia e a Matemática, entre a História e a Química, entre a Física e a Literatura, dedicado, planejado, estruturado ou desestruturado para oportunizar o desenvolvimento da criatividade!!

### **Referências**

ALMEIDA, F. J.; FONSECA JUNIOR, F. M. **Projetos e Ambientes Inovadores**. Brasília: Ed. Parma Ltda., 2000.

FAZENDA, I. (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.



Parte 3:  
*Compreensões sobre  
o processo CIRANDAR*





## **O sujeito aprendente pela escuta no contexto da roda de conversa do Cirandar**

*Vilmar Alves Pereira*

Universidade Federal do Rio Grande  
Vilmar1972@gmail.com

Este relato é fruto de reflexões e vivências a partir da participação no processo de formação na proposta de Formação Cirandar: rodas de investigação desde a escola. O foco do relato é discutir e vivenciar o processo de implantação do Novo Ensino Médio Politécnico no contexto da 18ª Coordenadoria Regional de Educação. Dessa forma, procura apresentar as impressões de um educador que se coloca na condição de sujeito aprendente a partir das escutas e das falas possibilitadas pelo diálogo que emerge nas Rodas de Conversas. Desse modo, a partir do contexto do grupo que se reuniu na Escola Getúlio Vargas, apresenta falas e inquietações que emergiram no processo. Ficou até agora reforçada a grande contribuição que as Rodas de Formação propiciam ao sujeito aprendente e o quanto vale a pena apostar na escuta dos educadores se quisermos fazer uma formação emancipadora de fato.

### **Contexto das atividades**

Este relato emergiu de reflexões realizadas a partir de atividades realizadas no contexto da programação da proposta de Formação Cirandar: rodas de investigação desde a escola entre os dias 16 e 19 de julho de 2012 a partir das Rodas de Conversas com professores coordenadores dos Seminários Integrados. Essa formação é fruto de uma parceria entre 18ª Coordenadoria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul com a Universidade Federal do Rio Grande numa perspectiva de aprendizagens coletivas. Neste texto, destaco especialmente a experiência que tive no encontro que ocorreu na Escola Getúlio Vargas.



A atividade desenvolvida consistiu na apresentação da proposta de formação continuada aos educadores Professores Coordenadores dos Seminários Integrados e dirigentes da escola relativa às demandas e aprendizagens mediante o contexto do Novo Ensino Médio. Após a apresentação pela professora Maria do Carmo (FURG), alguns educadores de imediato se manifestaram. Lembro que alguns até questionaram as exigências de mudança de perspectivas que a proposta sugere. No entanto, em suas falas, logo comecei a identificar o quanto já fazem ou desenvolvem essa perspectiva sem muitas vezes nomeá-la. Lembro-me do exemplo da educadora de Português, que desenvolve atividades com a professora de Sociologia e Filosofia. Lembro-me do relato de outros dois educadores que apresentaram a partir da temática geradora do lixo uma atividade que envolveu educandos de forma interdisciplinar na busca de alternativas para enfrentar essa problemática a partir da disciplina de História em parceria com outras disciplinas. Essas ganharam ainda mais expressão quando trabalhamos em pequenos grupos de fala, mas essencialmente de escuta. Também me lembro de ouvir educadores mencionarem a exigência que essa proposta possui no sentido de repensarmos a gestão da escola, a organização curricular e os tempos escolares. Entre as dificuldades, a falta de encontro entre os educadores para poder desenvolver atividades de forma interdisciplinar.

#### **Análise do processo de formação**

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. (...) O amor é também diálogo... Amor é compromisso com os homens e não uma relação de dominação (...). Somente rompendo a supressão é possível restaurar o amor. (...) Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo (FREIRE, 2005, p. 91-92).

Sugere desse modo, pelo diálogo, uma cultura dialógica da não violência. Uma cultura do diálogo para a inclusão amorosa do ser humano nas relações que apontam para a alteridade como ponto de partida e de chegada e nunca como meio para dominá-la. A Roda de Conversa possibilita o exercício dessa postura.

Outra condição, de acordo com Freire, que é imprescindível, é a humildade, pois como afirma: “Não há diálogo sem humildade: conversar sobre o mundo não pode ser um ato arrogante. Grandes encontros dos homens sobre sua ação no mundo perdem o sentido se parte deles não possuir a humildade” (FREIRE, 2005, p. 92). Quanta humildade percebi naquela tarde! Vários educadores dizendo “nós não sabemos bem certo do que se trata, mas queremos tentar acertar”. Lembro que nesse momento Maria tranquilizou o grupo questionando o que é o certo. E desafiando a cada grupo em cada escola a construir o seu “certo”.

Um sentimento de sujeito aprendente emergiu forte em mim ao ouvir tantos relatos e lembrei-me novamente de que nos questiona sobre o tipo de diálogo que estabelecemos:

Como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro e nunca em mim?

Como posso dialogar se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança diante dos meros “isto”, em quem não reconheço outros eu?

Como posso dialogar se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente” ou são “nativos inferiores”?

Como posso dialogar se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar se me fecho à contribuição dos outros que jamais reconheço e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e só em pensar nela, sofro e definho? (FREIRE, 2005, p. 93).

Todas essas questões reforçam a premissa do autor de que “autossuficiência é incompatível com o diálogo”. O verdadeiro diálogo se estabelece na humildade e na coragem de colocarmos nossas práticas sob suspeita. Isso tudo indica que dialogamos quando acreditamos numa proposta; a minha disponibilidade para o diálogo deve partir da confiança que deposito na perspectiva das Rodas de Conversas Riograndinas do Programa Cirandar.

Freire também aproveita para chamar a atenção para algumas contradições que estabelecemos em nossas práticas discursi-

vas quanto vamos ou estamos nas escolas em processos formativos. Em geral, elas apontam para nossas imposturas político-pedagógicas, como entende que: “Falar em democracia e silenciar o povo é uma farsa (...). Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira (...) não existe tampouco diálogo sem esperança” (FREIRE, 2005, p. 94).

O princípio da coerência no diálogo é requisito relacionado à nossa forma de pensar e de agir, pois: “Não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro” (FREIRE, 2005, p. 95). Esse pensar verdadeiro, para Freire, além de ser um pensar ético, viver eticamente deve ser pensar crítico, oposto ao pensar ingênuo, pois “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo” (FREIRE, 2005, p. 96).

Mas como deve começar esse diálogo em nossa prática docente? Freire afirma que ele emerge na busca pelo conteúdo programático. E aqui aparecem normalmente duas posturas: a do educador bancário e o modo como concebe os conteúdos e a do educador dialógico e sua postura em relação aos saberes. Fiquei pensando sobre como essas perspectivas estão presentes em nós e como vão aparecer no trabalho que estava sendo proposto. Isso mexe direto com a nossa formação.

Eis como Freire descreve a primeira postura:

Para o “educador-bancário”, na sua antidialogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos. E essa pergunta responderá ele mesmo, organizando seu programa (FREIRE, 2005, p. 96).

De modo diferente,

para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução, organizada, sistematizada, acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 2005, p. 97).

Contrário a qualquer forma de submissão, subordinação e dominação, o diálogo sugerido por Freire aponta para relações que têm como ponto de partida o respeito pelos sujeitos em seus diferentes contextos. Reconhece também os saberes oriundos “do

mundo da vida” e os potencializa. Isso pressupõe sensibilidade pelos diferentes:

Simplesmente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial quase umbilicalmente ligado ao mundo da natureza de que se sentem mais partes que transformadores, para, à maneira da concepção “bancária”, entregar-lhes “conhecimento” ou impor-lhes um modelo de bom homem, contido no programa cujos conteúdos nós mesmos organizamos (FREIRE, 2005, p. 97).

Aqueles que negam o diálogo (os dominadores) atuam sobre os homens para doutriná-los e adaptá-los e não para educá-los. Desse modo, o grande potencial da dialogicidade na educação é libertação para vencer as condições de opressão nas relações de poder ainda tão cristalizadas pela postura do sujeito que se credibilizou como racional e portador de sentido ao mundo.

Em termos de metodologia, onde se traduz essa dialogicidade? Nos temas geradores. Mas o que é mesmo um tema gerador? “Um universo mínimo temático” (FREIRE, 2005, p. 101). E de onde emanam os temas geradores? “Será a partir da situação presente, existencial concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política” (FREIRE, 2005, p. 100).

O tema gerador não está pronto e deve ser trazido pelos educandos e pelo educador. Freire sugere um buscar temático nos contextos concretos: “O momento desse buscar é que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2005, p. 101).

Essa investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que deve ser igualmente dialógica. Respeitando os diferentes sujeitos, Freire acredita que não se trata de ter nos homens objetos de investigação, mas sua compreensão de mundo e linguagem, em que se encontram inseridos e envolvidos com seus temas geradores.

Sobre os temas vários grupos apresentaram apontamentos e indícios de trabalhos nesse sentido. Foi isso que senti na forma amorosa e afetiva que Maria nos proporcionou naquela tarde de

inverno. Lembrei de um livro que estou lendo do conhecido educador Moacir e que tem um ítem muito especial do seu livro, em que a partir da p. 166 descreve que “a Roda de Conversa tem dessas coisas: uma história puxa outra”. Também senti o quanto os educadores almejam desenvolver essa proposta. Sem receituários prontos, mas com a vontade de aprender, colocamo-nos numa perspectiva de abertura e de ser mais pelo movimento criado pela roda e pela escuta.

Ao sair desse encontro, dei-me conta dos grandes potenciais que as rodas possuem e de aprendizagens que tive apenas num encontro desses educadores. Lembrei da importância do diálogo, conforme nos demonstra FREIRE (2005) na *Pedagogia do Oprimido*. Diálogo sempre como um ato de amor, de escuta e de esperança como vemos.

### **Considerações finais**

O que aprendi com esse encontro é que todos somos possuidores de saberes. Aprendi que basta apenas a partir de uma disposição de fala e de escuta para como sujeitos aprendentes resignificar aquilo que cotidianamente fazemos e que não damos muitas vezes a importância que possui. Aprendi que é necessário termos coragem de colocar as nossas práticas sob suspeita não para julgamentos, mas para compartilhar as nossas convicções. Senti que esse processo apenas está iniciando. No entanto, me senti muito feliz por perceber esse movimento que emerge da escola a partir dos desafios que são propostos à escola. Se assim continuarmos, podemos estar contribuindo de maneira relevante para a construção de um novo paradigma, pautado em novas experiências formativas. Fica reforçado que o caminho se faz caminhando e que os educadores querem caminhar. De minha parte, foi muito significativo sentir-me sujeito aprendente a partir do exercício da escuta.

Ainda curioso com o que ouvi naquela tarde, retornei à mesma escola no dia 15 de agosto, também à tarde. Novamente fiquei muito satisfeito com o que presenciei. Estávamos em torno de 30 sujeitos aprendentes. Entre eles apenas seis não haviam escrito seu primeiro relato. No entanto, manifestaram suas dúvidas

sobre como realizar. Esse encontro aumentou ainda mais a esperança e o sonho de que é possível mudar; basta almejar e colocarnos nessa perspectiva.

Outra questão que me chamou atenção de forma positiva, propiciada pela abertura ao diálogo, foi quando foram feitas a discussão e a avaliação da participação dos educadores no encontro de Bagé. A maioria ressaltou que foi positiva. Como decorrência emergiu a discussão no grupo sobre avaliação emancipadora, temática central do encontro de Bagé. Nesse momento, percebendo as contradições em que por vezes podemos cair, uma educadora assim se manifestou: “Olha gente, eu não quero fazer de conta que estou trabalhando com avaliação emancipadora e me enganando e enganando meus alunos (...) eu quero de fato que ela seja emancipadora”. Percebi a força dessa intervenção e, na ocasião, pedi a palavra para reforçar a postura dessa e de outras educadoras que se colocaram à disposição para que o Novo Ensino Médio Politécnico dê certo porque assim almejam. As aprendizagens são inúmeras. Paro por aqui porque pretendo ouvir no próximo encontro os relatos das práticas educativas que estão sendo desenvolvidas.

Em 10 de novembro, tive a oportunidade de participar do encontro em forma de seminário no qual buscamos realizar algumas sínteses. No grupo que integrei, estavam duas educadoras dessa escola que reforçaram a importância e o compromisso no sentido de buscar implementar o Novo Ensino Médio Politécnico. A roda girou com muitos exemplos e aprendizagens que ocorreram no processo formativo. Percebemos coletivamente algumas teses sobre essa modalidade de ensino: 1) Toda mudança pressupõe diálogo, e sem essa metodologia proposta pelo Cirandar essa compreensão ficaria abafada; 2) É necessário repensarmos os tempos e espaços escolares para que possamos progredir no Ensino Médio; 3) Politécnica não é uma modalidade de ensino, mas uma concepção e exige um estudo profundo; 4) As rodas do Cirandar contribuíram significativamente para aproximar os professores do seu fazer e de práticas que já vinham realizando; 5) Temos que repensar a concepção de avaliação; 6) Discutir mundo do trabalho significa compreender o trabalho como dimensão integrante

do ser humano em suas múltiplas dimensões produtivas, que transcendem a concepção formal e mecânica de trabalho como mercado que restringe e apequena o ser humano.

### Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Org. Ana Maria Araújo Freire. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- FREIRE, P.; GADOTTI, M.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SOUZA, M. L. **História de professores de Química em Roda de Formação em rede**: colcha de retalhos tecida em partilhas de narrativas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

## **Cirandar: Rodas de Conversa e reflexão na formação**

*Ana Laura Salcedo de Medeiros*

Universidade Federal do Rio Grande  
analaurasm2@hotmail.com

Neste relato, apresento as aprendizagens formativas vivenciadas na semana de 16 a 19 de julho de 2012 nas Rodas de Conversa com os professores, coordenadores e supervisores do Seminário Integrado (SI) da 18ª CRE<sup>1</sup>. Envolveu aproximadamente cem educadores da educação básica, de órgãos gestores e da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

A proposta das Rodas (SOUZA, 2011; WARSCHAUER, 2001) é no sentido de um espaço coletivo de formação com o relato do outro; assim se diferencia de reunião e encontro por ter um movimento dialógico. Nesse contexto, a proposta formativa é denominada “Cirandar: Rodas de Investigação desde a Escola” com produções de relatos narrativos pelos professores do Seminário Integrado, que serão lidos, reescritos e socializados num processo recursivo de escrita, que gera a autoformação e a formação com o outro.

### **Análise das atividades**

Apresento a reflexão de professora com diferentes vivências na área da educação, tendo o objetivo de pensar sobre os espaços formativos acadêmico-profissionais (DINIZ-PEREIRA, 2012).

Vivências docentes de professora da educação básica nas redes públicas de ensino em São Paulo-SP e Rio Grande-RS. Em São Paulo como Professora Orientadora de Informática Educati-

---

<sup>1</sup> 18ª Coordenadoria Regional de Educação – Rio Grande – Santa Vitória do Palmar – São José do Norte – Chuí.

va, trabalhava na escola municipal na formação continuada dos professores com o uso das tecnologias de informática, assessora-va o desenvolvimento dos projetos de sala de aula, acompanhava, auxiliava e apoiava as atividades desenvolvidas no laboratório de informática com os professores e os educandos. Devido ao trabalho no laboratório de informática, fui convidada para atuar no Núcleo de Ação Educativa 3 (NAE 3) do município de São Paulo, que abrangia diversos níveis educacionais. Minha ação era na área pedagógica, e as atividades consistiam na construção e efetivação do projeto político-pedagógico, bem como no acompanhamento da ação educativa em que assessorava escolas de Ensino Fundamental, de Educação Infantil e creches. Atualmente, minha caminhada docente caminhou para o Ensino Superior.

Assim, a participação da segunda etapa de formação nos núcleos<sup>2</sup> proporcionou-me lembrar as diferentes caminhadas docentes que trilhei. Em todos os momentos me perguntava: o que estaria fazendo se fosse um desses professores? A resposta vinha dos belos relatos, muitas vezes entrecortados por afirmações de não sei fazer.

Ficava pensando, é realmente difícil enxergar nosso trabalho; afinal, temos grande parte da mídia, da sociedade, de grupos opostos à educação pública nos apontando supostos erros. Tenho quase certeza de que, se estivesse do outro lado, estaria me sentindo da mesma forma, mas acreditando que uma mudança para o Ensino Médio é essencial. Com os 28 anos de Educação Básica que tenho, sei que é muito ruim o sentimento de educar para passar no vestibular, ensinar para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Que aprendizagens são essas?

Durante essa semana, fui colecionando frases, impressões, relatos, angústias, alegrias e uma maior massa corporal, afinal, foram lanches maravilhosos em cada núcleo.

No núcleo Juvenal, estava ainda iniciando a minha reflexão. Tinha a expectativa de um endurecimento e não aceitação da proposta – minha primeira leitura errônea. Os colegas estavam

---

<sup>2</sup> As escolas foram organizadas por núcleo, denominados Juvenal, Getúlio, Lília, São José e Santa Vitória do Palmar.

abertos, demonstraram a necessidade de ser ouvidos e de partilhar suas perspectivas de novo olhar para o Ensino Médio com a proposta de Politecnia e dos Seminários Integrados.

Nesse dia, minha escuta foi para algo que me fez acreditar que a proposta vai dar certo. A frase foi: “Vão diminuir o número de aulas, no terceiro ano vamos ficar sem alunos”. Olha só, contrariando o senso comum, professor quer estar na sala de aula, trabalhando, ensinando, aprendendo e principalmente estando com os alunos.

Núcleo Lília, mais expectativas. Outros professores, outras realidades, a mesma proposta que contempla essas especificidades de cada região, escola, sala de aula, professor.

Já iniciou de uma maneira simpática e acolhedora: um caderno encapado com esmero com lindas cores, a figura de uma menina sorridente é ofertada a todos os que chegam. Somos recebidos com um sorriso duplo. Já tive a percepção de que seriam muito bons e produtivos os diálogos em roda e assim foram!

Das diversas frases, relatos, narrativas, o registro que me inquieta, escrito no meu novo caderno, que agora é meu companheiro de formação nas rodas que virão, é a frase: “Agora começou a nossa formação!” O que chama a atenção é que essa professora não estava esperando uma palestra. É muito bom ver esse movimento nas escolas; isso mostra que estamos traçando um caminho de reconhecimento formativo.

Os professores, ao narrarem sua prática nos Seminários Integrados, revelam como estão construindo o processo da interdisciplinaridade. É isso, um processo; agora mostram preocupação na pesquisa de estrutura científica. Com certeza, em algum momento vão perceber que a pesquisa é para além disso, é aprendizagem a partir da construção do conhecimento.

Em São José do Norte inicia uma marola de trocas entre sujeitos aprendentes em formação. Esse caminho de aprendizagem foi permeado de novos relatos, preocupações e a fala uníssona: “Estamos sozinhos”. Penso que a cada etapa dessa proposta de Rodas de Conversa, escrita, leitura crítica e reescrita, a solidão vai ser minimizada. Alguém vai ler o meu relato de sala de aula, interagir comigo, dar-me sugestão, e eu vou fazer o mesmo. Sozinhos não estamos!

Getúlio, novas descobertas, aprendizagens e conhecimentos. Um lanche maravilhoso, muito acolhedor. Falas próximas dos outros núcleos, entremeadas de narrativas de sala de aula do Seminário Integrado, trabalhos bem planejados, contextualizados e com enfoque interdisciplinar. A grande dúvida era: “Não sei se estou fazendo certo”. Tenho claro que é difícil o professor enxergar seu trabalho como autor, organizador e autônomo. É mais um dos processos que fazem com que aposte na proposta formativa do Cirandar. “O caminho se faz ao andar”, parafraseando Antônio Machado<sup>3</sup>. Esse é sentimento ao ouvir essas histórias da sala de aula.

Santa Vitória do Palmar, uma linda cidade desconhecida até então para mim. Novos relatos, narrativas e angústias. A frase marcante foi: “Não existe experiência anterior de Seminário Integrado, estamos aprendendo fazendo”. Novamente o processo presente. Novamente o caminho, o fazer e o aprender.

Esse relato busca reafirmar a importância da formação acadêmico-profissional. Narrei a primeira etapa do “Cirandar: Rodas de Formação desde a Escola”. Essa proposta formativa começou com as Rodas de Conversa; registrei minhas impressões, reflexões, sentimentos e observações. Minha percepção para essa primeira roda é que o caminho está sendo percorrido, os sentimentos de solidão e a insegurança do que está sendo feito é certo ou não, faz parte do processo, da caminhada formativa.

Tenho essa convicção pela leitura que faço da minha própria caminhada. O movimento de escrita da minha sala de aula conduziu-me para um olhar distanciado do meu fazer; no início isso é angustiante, mas ao longo do tempo percebi o quanto me possibilitou refletir a minha práxis.

Freire (1979) aponta a práxis de ação reflexão como um processo de conhecimento em que

Ao nível humano, o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Como presenças no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que nos permite conhecer o nível reflexivo. Precisamente por causa

---

<sup>3</sup> <http://ocanto.esenviseu.net/destaque/machado.htm>.

disso podemos tomar nossa presença no mundo como objeto de análise crítica. Daí que, voltando-nos sobre as experiências anteriores, possamos conhecer o conhecimento que nelas tivemos (p. 87- 88).

Dessa forma, a práxis é a leitura e ação-reflexão-ação das ações docentes e ideias, numa perspectiva da construção criativa de uma educação que proporciona aos estudantes questionarem o mundo e problematizarem a realidade. Assim, desmistificando as ilusões sociais e desvelando os processos ocultos de dominação. Isso através de práticas pedagógicas que proporcionam a leitura de mundo.

Nesse sentido, a escrita, o compartilhar dos registros, a leitura crítica do outro mostraram-me que posso ser autônoma e autora, mesmo dialogando com muitos autores e teóricos; dessa forma refletindo na qualidade do meu trabalho docente. Um exercício do processo de ação-reflexão-ação de Freire.

A estruturação do “Cirandar” por diálogo, escrita de relato, leitura crítica entre os pares, elaboração do parecer, reescrita e novas Rodas de Conversa, é um facilitador para a análise das atividades desenvolvidas no Seminário Integrado, possibilitando uma reflexão sobre a constituição e função do Ensino Médio e a proposta de concepção da politécnica.

### **Considerações finais**

Na minha caminhada docente, tenho um registro histórico semelhante ao que está acontecendo nesse momento na proposta de politécnica. Refiro-me ao ano de 1989; o Partido dos Trabalhadores ganhou as eleições municipais, e Paulo Freire foi convidado para dirigir a Secretaria Municipal de Educação. Foi uma grande mudança na forma de organizar a escola, com um compromisso intenso com a educação popular. Como proposta administrativa e pedagógica, Paulo Freire pautava-se no acesso e permanência da população nas escolas, na gestão democrática, na qualidade da educação e na formação permanente dos docentes.

Outra implementação foi a inserção no planejamento coletivo da escola que atuava na proposta de um tema gerador com característica interdisciplinar, muito próximo da proposta de politécnica; a diferença é que era discutido nos horários coletivos de

formação permanente dos docentes no espaço escolar. A isso se juntava a proposta de interação dos educadores com a comunidade, em que, após a visita do entorno da escola e à casa dos alunos, chamado de estudo da realidade, os professores levantavam um tema gerador, posteriormente adaptado aos conteúdos de cada disciplina.

Conhecer a comunidade da escola para organizar o planejamento de sala de aula é o primeiro passo da proposta de implantação da interdisciplinaridade na proposta freiriana e é descrito por Pernambuco (2001):

É o momento de compreender o outro e o significado que a proposta tem em seu universo e ao mesmo tempo permitir-lhe pensar, com certo distanciamento, sobre a realidade na qual está imerso. É o momento da fala do outro, da decodificação inicial proposta por Paulo Freire, quando cabe ao professor, ou ao organizador da tarefa, ouvir e questionar, entender e desequilibrar os outros participantes, provocando-os para mergulhar na etapa seguinte. Esse primeiro momento constitui o estudo da realidade (ER) (PERNAMBUCO, 2001, p. 33).

No início, havia resistência por parte dos docentes, como agora nessa proposta do Seminário Integrado, mas aos poucos fomos adequando nossa realidade à proposta do tema gerador, passando a fazer parte do cotidiano da escola. A proposta da Secretaria da Educação era a autonomia escolar, permitindo a gestão no seio da escola de projetos pedagógicos próprios, que, com apoio da administração, pudessem acelerar a mudança na escola (FREIRE, 2000, p. 79-80).

Essa experiência me possibilitou a aprendizagem de que a proposta de Seminário Integrado e Politecnia tem chance de dar certo e não é reversível. Se mudar a administração, os professores que atuam nos SI não voltam ao que eram antes. Isso aconteceu comigo; mesmo no Ensino Universitário existe a consulta aos conhecimentos dos estudantes e elenca-se um tema gerador.

Para finalizar, os leitores deste meu relato podem aproveitar a esperança de que as atividades desenvolvidas no SI estão no caminho formativo, pois fazem parte de um processo de formar-se ao formar, de aprender ao ensinar e no processo de fazer aprendendo.

### Referências

- DINIZ-PEREIRA, J. E. **O ovo ou a galinha:** a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1772/1380>>. Acesso em: 23 jul. 2012.
- FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 149 p.
- FREIRE, P. **A Educação na Cidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 144 p.
- PERNAMBUCO, M. M. C. A. Quando a troca se estabelece: a relação dialógica. In: PONTUSCHKA, N. N. et al. **Ousadia no Diálogo:** Interdisciplinaridade na escola pública. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Cap. 1, p. 19-35.
- SOUZA, M. L. **Educação Ambiental na Escola:** interações nas vivências de um trabalho coletivo. 2004. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Ambiental, Departamento do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.
- SOUZA, M. L. **História de Professores de Química em Roda de Formação em rede:** colcha de retalhos tecida em partilhas de narrativas. Ijuí: Ed. Unijui, 2011.
- WARSCHAUER, C. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

## O que tem de conteúdo no Seminário Integrado?

*Márcia Von Frühauf Firme*

E.E.E.M.Silva Gama  
vonfirme@gmail.com

O presente relato é sobre o processo de formação acadêmico-profissional de professores de Seminário Integrado nas escolas públicas integrantes da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (18ª CRE). Os encontros ocorrem em cinco grupos de escolas, envolvendo dezenove escolas estaduais pertencentes às cidades de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí.

Participam desse processo, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Galiazzi, cem (100) professores de Seminário Integrado, coordenadores pedagógicos, professores representantes da CRE e professores e alunos da pós-graduação da FURG. Esse processo de formação iniciou em março e segue até novembro de 2012.

Durante os encontros presenciais que acompanhei, os professores compartilharam experiências vivenciadas nas aulas de Seminário Integrado, angústias, dúvidas e desafios.

Inicialmente a proposta do Cirandar: rodas de investigação desde a escola foram apresentadas para os professores e coordenadores pedagógicos das escolas estaduais pertencentes à 18ª CRE. Essa apresentação incluiu as atividades a serem desenvolvidas pelos professores, bem como o cronograma das mesmas.

Na semana de 16 a 19 de julho, iniciaram as primeiras idas às escolas polos; essas agrupavam diversas escolas próximas. No primeiro dia, a escola polo foi o Juvenal Miller, no segundo dia Lília Neves e Instituto São José, no terceiro dia Getúlio Vargas e, no quarto dia, Colégio Santa Vitória.

O primeiro encontro com os professores iniciou pela apresentação e conversa a respeito do que se está fazendo na discipli-

na de Seminário Integrado, seguido da apresentação da proposta do relato escrito, leitura e discussão por meio de uma roda de conversas e do cronograma. A atividade da escrita do relato ocorre devido à potência dessa na formação, pois, de acordo com Gonçalves, Galiazzi e Lindemann (2007, p. 229), além de a *escrita propiciar o diálogo, ela contribui para organização do pensamento do próprio autor*.

Partimos então para maravilhosos cafés, em que, além de degustar os bons quitutes, também podemos intensificar nossas relações de parceria entre os participantes e conhecer melhor a infraestrutura das escolas.

Após o café, reunimo-nos em pequenos grupos, procurando colocar um representante de cada escola em cada grupo, para contar a experiência vivenciada no trabalho desenvolvido no Seminário Integrado (disciplina que possui 25% da carga horária do 1º ano de Ensino Médio Politécnico, adotado no estado do Rio Grande do Sul a partir de 2012). Essa tem a função de integrar as diversas disciplinas escolares.

No segundo encontro, que ocorreu nos dias 13 a 16 de agosto, iniciamos com uma conversa sobre avaliação, pois alguns professores participaram de um encontro em Bagé em que esse tema foi discutido. Após essa conversa, ficou combinado intensificarmos essa discussão no próximo encontro a partir da leitura dos textos sobre avaliação trabalhados em Bagé. Seguimos com a reapresentação do site e das datas para escrita e postagem do relato e esclarecimento de dúvidas. Realizamos um levantamento do número de relatos impressos trazidos e distribuídos em duplas para a leitura. Então fomos para o café.

Retornando, reunimo-nos nas duplas para fazer a leitura e ouvir as contribuições no relato do colega. Esse momento dos pequenos grupos foi de escuta por meio da *leitura do outro sobre o que escrevemos também pode apontar para aquilo que não conseguimos ver* (GONÇALVES; LINDEMANN; GALIAZZI, 2007, p. 232). Segundo os autores, o outro tem a capacidade de dizer o que ainda é desconhecido, e o *diálogo estabelecido entre autor e leitor é um reconhecimento da necessidade de ouvir o outro, de aprender com o outro* (p. 229). A partir da escrita e da leitura é que se potencializa o processo de formação dos professores, pois *a escrita e a leitura são*

*atividades dialógicas que contribuem, respectivamente, para a organização do pensamento e para contrapor à palavra do autor uma contrapalavra, dentre outros aspectos (Ibidem, p. 235).*

Tanto no primeiro como no segundo encontros, em alguns dos polos, a conversa sobre avaliação seguiu para os conteúdos, sobre a diminuição da carga horária de determinadas disciplinas e, portanto, prejudicando o desenvolvimento de determinados conteúdos. Mas que conteúdos são esses?

### **Análise do processo de formação**

Uma das frases ouvidas nos encontros refere-se à aceitação da proposta, como pode ser evidenciada a seguir: “Tanto professor como aluno precisam aceitar a proposta”. Será que é uma questão de aceitar ou de nos envolvermos mais com a proposta, pois, segundo uma das professoras, “precisamos estudar mais, conhecer melhor a proposta do Seminário Integrado”. Nos encontros, normalmente existe “muita informação e pouco espaço para debate e discussão”. Será que, em algumas das nossas aulas, também temos esse tipo de atitude: de deixar pouco tempo para discutir sobre o que foi estudado, trabalhado?

A partir dessas frases, lembro de um tema discutido em um dos polos: o conteúdo. Há uma preocupação no que se refere à quantidade de conteúdo específico em determinadas disciplinas que estão diminuindo sua carga horária em detrimento do Seminário Integrado. Nesse contexto, é interessante conversarmos a respeito do nosso entendimento sobre conteúdo, pois, de acordo com Veiga (2008, p. 277),

O termo conteúdo é mais que uma seleção de conhecimento oriundo de diferentes campos do saber elaborado e formalizado cientificamente, abarcando concepções, princípios e fatos, procedimentos, atitudes, valores e normas que são colocados em jogo na prática pedagógica.

Para a autora citada, o conteúdo é um dos elementos estruturadores da organização da aula e considerado fundamental para concretizar as intenções educativas, estando relacionado aos objetivos. O conteúdo passa a ser um veículo para o desenvolvimento das capacidades do aluno, envolvendo valores, atitudes e pro-

cedimentos. Nesse sentido, o respeito ao outro, o trabalho em grupo, a escrita, a leitura, a interpretação, a argumentação oral e escrita constituem também conteúdos a serem desenvolvidos na aula.

Segundo Gandin e Cruz (2008, p. 13), “os conteúdos são preestabelecidos pela ‘cultura’ escolar e, portanto, não são questionados; dirigem tudo e são repetidos ano a ano”. A partir dessa concepção é que os alunos não percebem um trabalho diferenciado como sendo conteúdo.

Considerando o significado de conteúdo atribuído por Veiga (2008) e por Gandin e Cruz (2008), ao pensarmos no planejamento de nossas atividades para a sala de aula, podemos nos questionar a respeito do conteúdo que será trabalhado, como por exemplo: Esse conteúdo é importante para quem? De quem é esse conteúdo? O que eles ensinam? Para quem ensinam? A quem ensinam? O que os estudantes aprendem a partir desse trabalho? A quem servem esses conteúdos? Estou sendo cidadão ao fazer esta sala de aula? O conhecimento do aluno é considerado nesse planejamento? As questões elencadas possibilitam ao professor pensar a respeito dos conteúdos a serem trabalhados e das atividades que serão realizadas, favorecendo o planejamento de uma proposta educativa emancipatória da sala de aula (GALIAZZI, GARCIA, LINDEMANN, 2004).

Nesse contexto, a aposta é “desacomodar o que está acomodado” a partir do “escutar o aluno”, de certa forma “entrar no mundo deles”, “acreditar no resgate de conhecer nosso aluno”, pois, de acordo com Souza (2010, p. 30), podemos:

[...] transformar o espaço da escola em lugar de acolhimento e escuta ao que o outro diz, mesmo que esse outro seja muito diferente; apostar na argumentação, enquanto possibilidade de empoderamento do discurso para além do senso comum, articulando, numa perspectiva interdisciplinar, abordagens de temas polêmicos de interesse da comunidade escolar; entre outras.

A proposta do Seminário Integrado possibilita aos professores escutarem os alunos; também favorece que nós professores sejamos escutados a partir do momento em que nos sejam proporcionados encontros de formação como esse Cirandar: rodas de investigação desde a escola, tendo em vista que a docência não

se dá no isolamento, mas na interação entre os pares. A formação de professores é assim entendida, em que todos aprendem juntos em comunidades de aprendizagem. Outro componente necessário nesse entendimento é a importância das ferramentas culturais e de sua apropriação para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, com destaque no diálogo, na leitura e na escrita na formação de professores pela pesquisa (GALIAZZI, 2003).

Outro fato relevante ouvido de um professor de Seminário Integrado é: “tendo um espaço para compartilhar as experiências fica mais fácil. Uma ideia vai complementando a outra. Esse espaço é importante”. Ou seja, esse espaço de formação acadêmico-profissional proporcionado para os professores dessa disciplina passa a ter a possibilidade de trabalhar em grupo. O professor que lê, estuda e partilha experiências de sala de aula e de vida em Rodas de Formação em Rede deixa de estar sozinho em sua tarefa docente (SOUZA, 2010) e passa a participar de uma rede de apoio, sentindo-se mais encorajado para desenvolver seu trabalho docente.

No grupo, os professores podem desenvolver um trabalho colaborativo, que, de acordo com Veiga (2008, p. 270), é:

um dos principais desafios que os docentes vêm enfrentando no decorrer da aula é o desenvolvimento de um trabalho colaborativo, com ações mais coesas. A partilha de experiências em equipes estimula o próprio desenvolvimento profissional dos docentes. Os diálogos entre os pares e alunos sobre a experiência de trabalho conjunto constituem formas importantes para ressignificar o processo didático que ocorre durante a aula.

Nesse sentido, segundo a autora (p. 270), *a organização do processo de trabalho da instituição educativa deve propiciar situações de encontro e intercâmbio entre os professores para quebrar o isolamento profissional e o individualismo que caracterizam o trabalho docente*. No entanto, para que isso seja possível, é preciso ter mais tempo disponível para o trabalho de formação coletiva nas escolas. É necessário haver mudanças nas escolas e no sistema educacional, oportunizando a formação de grupos de formação acadêmico-profissional, responsáveis, organizados e compromissados com a educação.

De acordo com Araújo (2007), a vivência de um projeto de pesquisa colaborativa possibilita ao professor uma compreensão sobre o conceito de formação, que, por sua vez, relaciona-se ao movimento de aprendizagem, possível no âmbito de um projeto de formação, que é assumido pelo educador, no sentido de pertença e, sobretudo, na dinâmica coletiva. Ou seja, o entendimento do papel do grupo como forte evidência de que as dinâmicas formativas precisam considerar a dimensão coletiva, presente no movimento de aprendizagem. Como evidenciado em uma das frases ouvidas em um dos encontros: *Não somos professor, somos professores, sempre no coletivo; estamos sempre aprendendo com paradas e rupturas. A partir disso, quanto mais colegas se envolvem com o trabalho, mais fácil de trabalhar.*

É no grupo que podemos encontrar juntos a direção a ser seguida, os próximos passos, e deixar de *sentir como se estivesse em uma corrida onde não se conhece a pista, conforme as curvas chegavam a decidir na hora para onde ir.* Pensar no coletivo na escola, professores, estudantes, coordenação e direção, favorece o *tentar buscar fazer o diferente. Montar um projeto que tenha qualidade, não apenas fazer por fazer.* E assim acreditar que *longe é um lugar que não existe,* pois de acordo com um dos relatos ouvidos em um dos encontros, *os alunos problemas na sala de aula são os melhores alunos do seminário.*

### Considerações finais

Durante esses encontros de formação acadêmico-profissional, exercitamos a escuta do outro, partilhamos experiências, conhecemos realidades de outras escolas, não apenas fisicamente, mas também contada pelos professores.

A partir da escuta e da partilha de experiências vivenciadas pelos professores de Seminário Integrado, escrevemos o relato, atividade essa interessante para ser trabalhada com os estudantes para o exercício da escrita e como meio de conhecer-se melhor.

Também trouxemos a discussão sobre conteúdos, que conteúdos são trabalhados na disciplina de Seminário Integrado; diria que são conteúdos que contribuem para a formação de um ser humano melhor, e isso inclui todos, professores e alunos.

O fato de reclamarmos, de recebermos muitas informações, como no caso do encontro sobre avaliação que ocorreu em Bagé, e termos pouco tempo para discutir nos faz pensar sobre o que fizemos em nossas aulas.

A partir desse relato e das frases dos professores, percebemos a necessidade da partilha, do trabalho no coletivo de professores e alunos. Para tornar isso possível, apostamos na formação acadêmico-profissional em grupo, no coletivo, nas escolas, proporcionados por espaços de formação e de planejamento na própria escola, podendo interagir com outros espaços de formação.

### Referências

- ARAÚJO, E. S. O uso do portfólio reflexivo na perspectiva histórico-cultural. In: **30. ANPED**. Caxambu, MG, 2007. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT08-3310—Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT08-3310—Int.pdf)>. Acesso em: mar. 2011.
- GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- GALIAZZI, M. C.; GARCIA, F.; LINDEMANN, R. Construindo Caleidoscópios: organizando unidades de aprendizagem. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. (org.). **Educação em Ciências**: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- GANDIN, D.; CRUZ, C. H. C. **Planejamento na Sala de Aula**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GONÇALVES, F.; LINDEMANN, R. H.; GALIAZZI, M. C. O diário de aula coletivo na formação de professores de ciências: reflexões à luz de uma perspectiva sociocultural. In: GALIAZZI, M. C. *et al.* **Construção curricular em rede na educação em ciências**: uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- SOUZA, M. L. **Histórias de Constituição e Ambientalização de Professores de Química em Rodas de Formação em Rede**: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. 2010. 182f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul.
- VEIGA, I. P. A. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula**: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008.

## Um passeio pelas cirandas

*Cleiva Aguiar de Lima*

Instituto Federal Riograndense  
cleiva.lima@riogrande. ifrs.edu.br

Passeio é uma palavra que me remete à infância... Passear, sem pressa, acompanhando os assuntos dos mais velhos, as brincadeiras das crianças ou ainda contemplar a paisagem dos diferentes lugares nos quais estive com minha família na minha infância. Infância cujas doces lembranças me constituem até hoje... A brincadeira de Roda com a canção: *Ciranda cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar*” é uma delas... assim que talvez tenha sido a palavra “cirandas” que despertou em mim essas reminiscências.

Então conto brevemente a “meia-volta” que dei nessa Ciranda... Nessa roda de formação desde a escola. Desde minha formação na graduação, acredito e participo de processos de formação. Acredito que a inconclusão do ser humano, como propõe Freire (2005; 2006a; 2007), é um processo a ser vivenciado e para o qual devemos investir em processos formativos. No início, pensava que era responsabilidade única e exclusiva minha; agora sei que depende de políticas públicas e de incentivo por parte dos gestores e que esses processos formativos necessitam ocorrer em espaços coletivos com leitura, diálogo e escrita.

Assim, prontamente aceitei o convite para acompanhar uma semana de formação em Cirandas. Rodas em que a formação docente é pensada e realizada de modo diferente, original e muito produtivo, no meu entender. Então, na semana de 13 a 17 de agosto, frequentei as rodas ocorridas nos diferentes núcleos. Não foi possível participar de todas, mas pude perceber o modo de “formar-se ao formar”, característico do grupo. A primeira Roda de Conversa de que participei ocorreu na Vila da Quinta, na escola Lília Neves, depois, à tarde, no Colégio Lemos Junior. Na quinta-feira em uma escola no Chuí. Rodei ou cirandei por essas rodas

com vontade de conhecer o novo Ensino Médio Politécnico, que está sendo implantado no Rio Grande do Sul, este ano na primeira série e, como soube, nas séries seguintes gradativamente.

A participação em três tardes fez-me entrar em contato com mais de vinte professores de cada vez e em cada núcleo, com escolas diferentes. Pude lembrar do tempo em que atuava como professora estadual e pude aprender um pouco mais sobre a formação de professores.

### **O princípio do passeio**

Em cada núcleo, as atividades começavam sempre com a palavra dos colegas professores. Um momento inicial de explicação da dinâmica do encontro e... palavra à disposição. Muita catar-se nesse momento. Queixas, dúvidas, anseios, críticas ao governo e indiretamente ao ser professor de hoje, que se choca entre o que é possível e o que é solicitado. Para minha surpresa, passados 18 anos desde quando eu era professora estadual, as queixas se repetem, alguns discursos vazios insistem em voltar à tona: “a culpa pelos alunos não saberem ler ao chegar ao Ensino Médio é do Fundamental”; “é impossível, além de tudo, termos que avaliar todos os alunos individualmente”. Com contratos de 60 horas semanais e mais as atividades em casa, realmente penso ser impossível...

Mas, além desse momento inicial, houve relatos do encontro promovido pela Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul em Bagé. Esses um pouco mais suaves, diretamente proporcionais à mobilização de quem participou. Nesse caso, além de elogiar a palestrante, houve também crítica em relação ao pouco espaço para o diálogo e que o conteúdo, ainda que interessante, era demasiado para o tempo de apresentação. Mas o tema central – a avaliação foi em parte discutida. Como avaliar, o que é reprovar, como promover a aprendizagem, o tempo de cada um... foram aspectos que permearam as discussões. Claro que encharcadas de resistência a um novo formato formativo, que busca romper com práticas enraizadas no fazer pedagógico da maioria dos professores e das escolas. Os Seminários Integrados buscam romper com a lógica disciplinar, e com isso a avaliação é um dos pontos essen-

ciais e que precisa ser redimensionado. Junta-se a isso o processo formativo, que se propõe a oportunizar o exercício de relatar o que é possível e o que tem sido feito.

Num terceiro momento da tarde, geralmente depois de um saboroso café, organizado cuidadosamente e revelador da importância dada ao outro e a esse processo de formação, seguiam-se as discussões. Nesse momento, a ideia era que os relatos, previamente elaborados, fossem lidos em duplas para, numa primeira leitura, suscitar discussões, encaminhamentos e, mais do que isso, mostrar que escrever não é fácil, mas é preciso – para parafrasear Mario Osório Marques (2008).

Essa minha singela participação, na qual tive a oportunidade de revisitar a realidade do Ensino Médio, foi uma “meia-volta” de aprendizagem, um tempo de retomar algumas questões. Coloquei-me diante do meu trabalho e fiquei pensando em como estou contribuindo para a formação de jovens e adultos, no caso do PROEJA. Percebi que a ideia dos Seminários Integradores já havia sido experienciada por nós com a primeira turma do Proeja com as “aulas diferenciadas” nas quartas à noite. E nesse caso, sem registro sistematizado, sem reflexão sobre isso, perdeu-se no tempo e na minha memória. Assim que reconheço, ou volto a reconhecer, o valor do registro e da escrita e percebo nesse processo de formação proposto um diferencial ao assumir a escrita também como modo de pensar (GALIAZZI, 2003; MARQUES, 2008).

Num desses encontros, ao final, uma colega no Lemos disse: “Precisamos saber mais do ser humano, por que não trazer um palestrante da FURG?” A resposta foi dada, reforçando a possibilidade de aprendermos juntos a partir de nossas experiências cotidianas. Mas penso agora, ao escrever, que uma possibilidade seria que os próprios professores das escolas, atuantes, conhecedores do ser humano, para além de construtos teóricos, que conhecem a realidade do Ensino Médio e dos alunos na prática, pudessem assumir o papel de “palestrantes”. Por que não trazer registros de professores sobre esse tema e, numa espiral recursiva, complexificar esse entendimento com aporte teórico? Essa seria uma forma, a exemplo do processo de formação que está em andamento, de que os conhecimentos fossem construídos *desde* a escola.

Nesse sentido, o processo de formação em andamento busca possibilitar que os professores construam conhecimento sobre o Seminário Integrado a partir de sua vivência, *desde a escola*. Essa tarefa, além de fundamental, é possível, porém difícil, pois a credibilidade perdida pelos professores ao longo do tempo fá-los tarefairos, cumpridores de aulas sem tempo, espaço e vontade de escrever e refletir.

### Considerações finais

Participar dessas Cirandas trouxe para mim várias aprendizagens. As aprendizagens dizem respeito à maior valorização de processos formativos em Rodas, Rodas de conversa, de café, de diálogo, de escuta de escrita e de leitura. E ao mesmo tempo me provoca uma inquietação: “como os professores irão se apropriar disso?” Talvez não seja nesse tempo e nem do mesmo modo para todos, mas romper com práticas bancárias (Freire, 2005) desde a formação continuada é um passo para repensar a sala de aula. A valorização dos professores passa por valorizar a possibilidade que eles têm de construir conhecimento sobre seu fazer pedagógico. E nesse caso, quem melhor dos que estão vivendo os Seminários Integrados para escrever e falar acerca deles? Nenhum teórico dará conta de fazer entender um processo dinâmico, que requer tempo e que talvez não seja compreendido de imediato.

Assumir a inconclusão significa, nesse caso, entender que nunca estaremos prontos para os desafios que se apresentam em cada momento. Os seminários integradores podem ser considerados uma novidade, que, por ser imposta, gera desconforto. Mas o que dizer da dificuldade/resistência com a escrita que está posta desde sempre na vida escolar de professores e alunos? Perceber que a aprendizagem se dá em um processo e que para escrever não há receita, pois cada um faz o seu caminho, organiza o seu modo de pensar, é compreender que uma novidade educativa (nem tão nova assim e para qual nem todos os professores estão mobilizados) precisa ser também aprendida e apropriada. E se cada um de nós se der conta de quão difícil é fazer algo diferente, aprender coisas novas, já teremos dado um passo importante em nossa formação. Passo importante para pensar e nos colocar-nos no lugar dos estudantes, que também devem estar apreensivos e ansiosos

com tanta novidade. Com isso podemos perceber que não basta saber o conteúdo disciplinar e a importância dele para que os alunos aprendam e consigam mobilizar-se para aprender.

Esses Encontros Riograndinos sobre Investigação na Escola, um programa de formação acadêmico-profissional pautado na escrita de relatos de sala de aula e na leitura por pares, pretende responder a uma questão: como aprenderemos sobre Seminários Integrados? Pelo que eu pude perceber, será a partir da aprendizagem de cada um e do coletivo. E não a partir de palestras que fazem aqueles que criaram a proposta dos Seminários Integrados e que, embora esteja fundamentada teoricamente, será na prática que irá se efetivar. Acredito que é fundamental entendermos que é preciso mais do que ouvir teóricos mostrando-nos o caminho. Há outras formas de aprender, e essa forma de aprender a pensar, a partir da escrita individual e partilhada, a partir de uma escrita recursiva, dialogada entre os pares e a prática é que pode potencializar esse inédito-viável (FREIRE, 2005; 2006c), proposto nesse jeito de fazer a formação: Cirandas: rodas de investigação desde a escola.

Avante! O Ensino Médio no Brasil precisa mudar, e nós professores precisamos nos assumir como sujeitos, capazes de construir conhecimento sobre nosso fazer pedagógico, no processo, fazendo, refletindo sobre o que fazemos e complexificando nosso conhecimento e com isso nossa prática.

### Referências

- FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003. 288 p.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2008. 154 p.

**Cirandar: rumo a comunidades  
aprendentes na formação  
acadêmico-profissional em roda**

*Maria do Carmo Galiuzzi*

Universidade Federal do Rio Grande  
mariagaliuzzi@furg.br

*Elisabeth Brandão Schmidt*

*Aline Machado Dorneles*

*Ana Laura Salcedo de Medeiros*

*Andrei Steveen Moreno Rodriguez*

*Cezar Soares Motta*

*Jaqueline Ritter*

*Jose Roberto Lima Dias*

*Márcia Von Frühauf Firme*

*Vilmar Alves Pereira*

*Vivian dos Santos Calixto*

*Então começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado), eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.*

Carlos Drummond de Andrade, O mistério das palavras

Este texto apresenta os fundamentos que sustentam o processo de formação em Cirandas de Rodas de Investigação a partir da escola. Como colocado no texto que abre este livro, o nome do processo de formação não foi uma escolha aleatória. O título traz a síntese de alguns dos pressupostos que alicerçam nossas ações e que serão apresentados neste texto. Se Drummond tivesse conhe-

cido nossas Cirandas, não ficaria com pena de nós por conta do que temos desfrutado em encontros de escrita e leitura crítica, mesmo que ainda muito tenhamos que cirandar.

A ciranda em nossa cultura funde diferentes linguagens e aciona instâncias racionais e sensíveis de seus participantes, constituindo-se em uma manifestação de conagração e alegria individual e coletiva que tem raízes portuguesas, como bem é a origem de muitos dos professores envolvidos no Cirandar. Na cultura brasileira, muito presente na brincadeira de crianças, tem conteúdo socioafetivo e expressão simbólica que favorecem o desenvolvimento físico, emocional e intelectual dos participantes. É uma dança democrática que não estabelece hierarquia. Não tem solista (LOUREIRO, LIMA, 2013).

No título também está a ideia de comunidade aprendente, um conjunto de pessoas que com um objetivo comum desenvolve atividades juntas. Em nosso caso, a intenção é a formação acadêmico-profissional, que tem como atividade comum a produção de relatos sobre nossa sala de aula, baseada na função epistêmica da escrita. São esses pressupostos que apresentamos a seguir para fortalecer nosso argumento de que a formação acadêmico-profissional em que professores registram, conversam, escrevem, reescrevem e problematizam suas práticas educativas em Rodas de Formação na Escola e assim partilham os sentidos atribuídos a suas práticas, promovem espaços de pesquisa, planejamento e de organização das ações educativas em um processo de construção de parcerias e de formação acadêmico-profissional. Nossa aposta formativa está na constituição de comunidades aprendentes sobre ser professor, com o objetivo de compreender e desenvolver práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem dos participantes. Essas duas ideias são primeiramente discutidas para posteriormente apresentarmos algumas avaliações registradas no dia de avaliação do Cirandar na FURG no dia 10 de novembro de 2012.

### **Comunidades aprendentes**

Para entender melhor a aposta formativa do Cirandar, é preciso pensar no conceito de comunidades aprendentes (LAVE, WENGER, 1990). Organizar-se em comunidades aprendentes é constituir grupos de afinidade com interesses e objetivos comuns.

Tendo uma base de conhecimentos e práticas compartilhadas, os participantes interagem, colaboram e cooperam em parceria, com valorização das diferenças, atuando a partir da inserção em miniculturas teóricas e práticas em constante reconstrução.

Comunidades aprendentes são grupos em torno de interesses comuns, estabelecendo relações de pertencimento que se intensificam ao longo do tempo. Atuam em torno de objetivos coletivos, compartilhando experiências, preocupações, problemas e paixões a partir de uma área de conhecimento ou de prática. Aprendem uns com os outros, organizando-se, orientando-se e redirecionando suas ações em função dos objetivos propostos e dos resultados alcançados.

Comunidades aprendentes caracterizam-se como grupos que compartilham experiências, objetivos, preocupações e paixão em relação a algum tema ou prática e que procuram aprender construindo sinergias entre os participantes. Segundo Wenger (1990), essas comunidades operam a partir de um engajamento mútuo em torno de uma atividade com metas comuns, partilhando repertórios e produções dentro de áreas de interesse comum.

Nas comunidades aprendentes se assume que as aprendizagens são produzidas na interação social, tomando como princípio epistemológico a participação partilhada em práticas culturais e discursos sociais, aprendizagens situadas em que participantes mais experientes mediam as aprendizagens dos menos experientes, visando a todos se tornarem participantes ativos em seus contextos. As aprendizagens realizam-se na coparticipação, implicando desenvolvimento de identidades marcadas pelos coletivos em processos negociados de convivência e crescimento.

As comunidades não surgem prontas. Assumem suas características a partir de opções em termos de diálogo interno-externo, espaços público-privados, aceitar o familiar-promover a novidade, participação intensa-participação periférica. Ao longo do processo, aprendizagens ampliam-se e relacionamentos e compreensões se intensificam.

Nessas comunidades, há acompanhamento continuado e avaliação das iniciativas e estratégias de ação implementadas, assim como dos resultados produzidos, visando a aprendizagens no coletivo. Os resultados são partilhados e discutidos, envolvendo

os participantes nas decisões em relação a continuidades e mudanças. Grupos aprendem a ser comunidades aprendentes ao longo de sua existência.

A constituição de comunidades aprendentes implica desenvolvimento de marcas do coletivo emergentes em projetos conjuntos, construídos a partir de uma base comum de conhecimento e de práticas. Constroem-se em espaços de acolhimento dos participantes, com valorização da diversidade, possibilitando a manifestação de pontos de vista em diálogos que valorizam as diferenças; espaços de construção de sentimentos estéticos de participação e de autoria. Admitindo, em sua constituição, uma diversidade de participantes, esses tendem a construir ao longo de sua existência marcas que caracterizam os coletivos com perspectivas e conhecimentos compartilhados, envolvendo todos em um aprender reconstrutivo, decidido coletivamente, num processo de fazer junto.

Comunidades aprendentes organizam-se em torno de um domínio comum, realizando-se o atuar como comunidade orientado por essa base comum e visando maior complexidade de conhecimentos e práticas. A comunidade estrutura-se em torno de elementos compartilhados, ainda que com respeito às diferenças e possibilitando aos participantes investirem e especializarem-se em aspectos de interesse próprio, em integração com o domínio comum assumido. Caracterizam-se pela valorização da diversidade como modo de aprender e reconstruir conhecimentos e práticas. Todos são desafiados a manifestar seus pontos de vista e a contribuir com os colegas, ensinando e aprendendo juntos. Ainda que as produções partilhem teses ou argumentos produzidos coletivamente, cada participante manifesta-se a partir de pontos de vista próprios, contribuindo para as aprendizagens da comunidade. Nas autorias individuais estão as possibilidades de reconstruções coletivas. Organizam-se de modo que todos possam ampliar a complexidade de seus conhecimentos e práticas. A partir de objetivos compartilhados, as comunidades estruturam-se numa articulação de lideranças, poder e autoridade, com valorização da confiança, do respeito à diversidade e à abertura ao novo. Liderança e poder são consequência da habilidade de contribuir com as aprendizagens de todos.

As comunidades aprendentes surgem como espaços de afinidade em torno de ideias, propósitos e empreendimentos comuns. Envolvem os participantes em diferentes dimensões, ética, estética, política e técnica, compartilhando modos de ação e agindo no sentido de intensificar partilhas a partir de sentimentos estéticos em relação ao grupo, construindo uma ideia de pertencimento à comunidade. Desenvolvem-se em uma cultura de confiança, colaboração, cooperação em parceria. Partilhando conhecimentos e habilidades, com vistas a aprendizagens dos participantes, as comunidades constituem-se no respeito e abertura ao diferente, implicando distribuição de poder e esforços em torno de objetivos e metas acordados em comum.

As decisões são tomadas coletivamente, assumindo de forma sistemática o foco em torno de objetivos acordados e com a responsabilidade individual e coletiva para o desenvolvimento da atividade conjunta e do alcance dos objetivos e metas propostos. Membros individuais aprendem a fazer, com os outros, o que não conseguiriam realizar sozinhos, em interação, colaboração e cooperação em parceria. Os participantes interagem entre si com respeito à diversidade e à aceitação do diferente, incentivando sua manifestação. Com isso criam-se culturas de confiança, com clima de abertura para o diferente e para assumir riscos, indicadores de aceitação de mudanças e valorização de espaços para a emergência de oportunidades de aprender.

Nas comunidades aprendentes, teoria e prática entrelaçam-se no discurso e na ação. Constituem uma minicultura dos grupos, partilhada e constantemente reconstruída num processo de ação/reflexão/ação, espaços de afinidades em que as manifestações orais e escritas dos participantes estão estreitamente relacionadas com suas práticas.

Nesses contextos amplia-se o entendimento de prática, incluindo nela todo um conjunto de quadros de referência, ideias, ferramentas, informação, estilos, linguagem, histórias e documentos partilhados de forma explícita ou não.

No Cirandar: rodas de investigação desde a escola, não estamos pensando que o processo de formação ingenuamente vai constituir comunidades aprendentes com parceria e colaboração, mas é na continuidade que está a aposta de favorecer sua emergência.

### **A formação acadêmico-profissional do professor pela escrita**

Outra das apostas formativas do Cirandar está em pensar na articulação entre a escola e a universidade em torno da proposta de formação acadêmico-profissional, que, como afirma Diniz-Pereira (2008, p. 01), a escola e a universidade “deveriam compartilhar responsabilidades em termos da complexa tarefa de preparar novos profissionais da educação”. E acrescenta-se: não só novos, mas sim de ser a escola e a universidade lugar de formação permanente. Nóvoa (2009), concordando com a partilha de responsabilidades entre a escola e a universidade na formação de professores, afirma que “ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”. Seguindo essa perspectiva, Pimenta, Lima (2008) entendem que, ao promover a presença do estudante de licenciatura no cotidiano da escola, abre-se espaço para apreender a realidade. Estar na escola possibilita assim ao professor em formação inicial deparar-se com realidades diferentes.

Para Pimenta, Lima (2008), é importante ressaltar a importância de os professores de escolas entenderem-se partícipes da formação em coletivos de professores. Esse modo de pensar a formação encontra ressonância na proposta de Nóvoa (2009, p. 36) de que “a formação de professores deve passar para ‘dentro’ da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens”.

E como fazer uma formação permanente fugindo dos formatos de cursos sem continuidade? Por isso que a terceira de nossas apostas está na escrita recursiva como pesquisa.

De acordo com Araújo (2007), é pela linguagem normalmente escrita que se tem a possibilidade de ter acesso aos conhecimentos, seus significados e compreender como esses são construídos. Nesse aspecto, a formação com produção de registros partilhados tem sua gênese na reflexão, na interação com os outros, na ação externa, o que não dispensa o processo de autoimplicação de quem o produz. Ou seja, na produção de escritas partilhadas, dá-se a relação dialética entre o inter e o intrapessoal.

O uso de relatos lidos e discutidos entre pares na aprendizagem docente revela-se como possibilidade efetiva de tornar visível o que normalmente é invisível, o pensamento do professor em seu processo de formação. Nesse sentido, seu uso na formação pode ser potencializado pela mediação motivada pelo reconhecimento de seu valor enquanto instrumento formativo, com a possibilidade de que quem escreve nele se autoimplicar e debruçar crítico-reflexivamente sobre seu processo de formação, significando a sua própria aprendizagem.

De acordo com Galiazzi (2003, p. 50), “a construção profissional do professor está alicerçada em um sujeito que pesquisa sua ação, que reflete sobre o que faz, construindo uma prática fundamentada”. Considerando que não há formação do professor no singular, por meio da escrita os professores podem vivenciar registrar e refletir sobre diversas situações relativas a docência. Nessa perspectiva, na importância dos professores pesquisarem sua ação, escreverem e refletirem sobre ela, buscando fundamentá-la, é que o processo de formação acadêmico-profissional do Cirandar: rodas de investigação desde a escola apostou em relatos porque segundo Sá-Chaves (2005, p. 07):

a escrita tem a ver com a coerência que essa estratégia mantém com uma nova racionalidade subjacente ao paradigma crítico-reflexivo e ecológico na formação de profissionais capacitados para responder às situações de incerteza e de imprevisibilidade que caracterizam os contextos de trabalho e de vida.

Para a autora, a produção de relatos permite que os profissionais (professores) através de soluções para os problemas com os quais se deparam se tornem “autores de suas práticas e não apenas reprodutores de soluções” (2005, p. 07), dando um sentido de autoria com responsabilidade e reconhecimento. O relato é uma estratégia que evidencia o fluir dos processos. É uma forma de ter acesso aos conhecimentos revelados por quem escreve.

Ao produzir o relato e refletir sobre sua escrita, o professor reorganiza suas aprendizagens e, ao lembrar seu tempo de escola, associando as lembranças e as emoções do seu tempo como aluno, potencializa aprendizagens sobre seus alunos, sobre a escola e a sala de aula, o que contribui na sua formação docente.

Mas não é um relato de um sujeito sozinho que produz a possibilidade de formação, mas o relato lido, discutido com colegas, reescrito que permite aprender pelo que está escrito como prática a ser espelhada e pela escrita que busca melhor clareza e força argumentativa em teóricos que a sustentam.

Refletir e reescrever auxilia no processo de consciencialização, que, segundo Sá-Chaves (2005, p. 08), “permite relativizar as convicções e conhecimentos próprios, ampliando o quadro de referências e abrindo novos espaços de compreensão contextualizada e de ação futura”. Essas escritas coletivas também contribuem no sentido que:

[...] fazem aflorar as necessidades individuais e coletivas de formação. Com isso, promove-se o fortalecimento das identidades de cada um e do grupo, da postura de pesquisa e análise da prática e a produção de autonomia pelos professores. São fatores que permitem o desenvolvimento do trabalho coletivo, da partilha e da tomada da escola como espaço de realização do processo histórico e intencional de formação humana – que produzem a mudança da prática, portanto (ALMEIDA, 2007, p. 41).

Nesse sentido, a escrita em relatos de sala de aula permite a leitura, a reflexão e a reescrita a partir do outro, pois a “leitura do outro sobre o que escrevemos nos aponta aquilo que não conseguimos ver” (GONÇALVES, LINDEMANN, GALIAZZI, 2007, p. 232).

### **Os encontros nas rodas de formação**

Desde o início da reestruturação curricular com a implantação do Ensino Médio Politécnico em 2012, os encontros do projeto Cirandar mostraram ser importantes catalizadores das angústias dos professores, pois permitiram a escuta dos conflitos nas práticas educativas, mas acima de tudo tem se viabilizado como espaço de construção das propostas curriculares em curso. A troca de saberes das práticas docentes trouxe parceria necessária aos professores que se viram diante de algo novo, cujas mudanças educativas causaram certo estranhamento. Por um lado, a urgência da mudança e, por outro, o desafio da proposta trazem juntos o conflito em seu desenvolvimento.

Muitas questões foram foco de atenção nos encontros mensais: propostas exitosas, dificuldades, indiferenças dos alunos e professores, resistência dos colegas a participar nos seminários, rechaço à proposta.

Os princípios orientadores da reestruturação curricular cabem ser discutidos nos espaços de formação, em que o coletivo de docentes possa criar estratégias de envolver o mundo do trabalho ao conhecimento específico de cada área do conhecimento. Isso não é tarefa fácil! Os princípios orientadores presentes no documento são: relação parte-totalidade, reconhecimento de saberes, teoria-prática, interdisciplinaridade, avaliação emancipatória e pesquisa. Ao pautar a pesquisa como eixo norteador das ações presentes na disciplina de Seminário Integrado, pressupõe-se que o processo avaliativo não poderá ser único no final da pesquisa, mas durante o processo possibilitando um vir a ser, a construção de cada um e do coletivo de forma diferente. É um processo contínuo, participativo, diagnóstico e investigativo, intimamente ligado à concepção de pessoa, conhecimento, currículo, sempre provisório, histórico, singular à medida que propicia o tempo adequado de aprendizagem para cada um e para o coletivo. Não são simples os conceitos envolvidos na proposta nem é simples fazer a formação que lhes dê consistência prática. Não é simples aprender esses conceitos sem espaços de formação. Nesse sentido não o *Cirandar: rodas de investigação desde a escola*, que pode dar fundamentação ligeira às práticas de professores, mas entende-se que é o processo do *Cirandar* que pode ser desenvolvido nas escolas, desde que se tenha tempo de formação para dar conta de qualificar o trabalho na sala de aula.

No encerramento do processo de formação, em um encontro presencial com todos os professores participantes, o desafio maior relatado pelos professores de Seminário Integrado foi promover uma ação coletiva e colaborativa no desenvolvimento da proposta. Um professor não consegue mobilizar os colegas e permanece sozinho no que supostamente presume o coletivo. Nas sínteses avaliativas, os professores pontuam que:

A partir de agora se torna primordial o trabalho coletivo, interdisciplinar, para isso é preciso romper velhos paradigmas e sair da zona de conforto.

O apoio mútuo do educador, da supervisão e da direção é fundamental para a realização dos trabalhos.

Passamos por dificuldades, mas obtivemos sucesso. Tudo o que foi feito deu certo, se não para o que fizemos agora, dará certo para o próximo ano!

(Avaliação sala 03)

A pesquisa foi outro ponto destacado nas avaliações dos professores:

A importância da pesquisa como forma de compreender a realidade e promover o pertencimento com o lugar onde a escola se insere. Pesquisa como processo educativo. O conhecimento é processo, respeitando os tempos. O portfólio narrativo, blogs, como possibilidade de registro dos alunos e professores na pesquisa.

(Avaliação sala)

Um dos modos de envolver alunos e professores de forma ativa no processo de aprender e reaprender constante é pelo educar pela pesquisa (GALIAZZI, 2003; MORAES; RAMOS; GALIAZZI, 2004). Educar pela pesquisa significa trabalhar a partir do questionamento reconstrutivo, seguindo da produção de argumentos e da comunicação desses argumentos a comunidades críticas. Promover a pesquisa, nesse sentido, é desenvolver ações em que professores e alunos tornam-se agentes no processo formativo; por isso é importante explorar os conhecimentos iniciais sobre determinado conceito ou tema e por meio deles aprofundar cientificamente a partir da pesquisa, da leitura, do trabalho coletivo e da argumentação.

Nas sínteses avaliativas a respeito do projeto Cirandar, foi também destacada “a importância da roda em que todos aprenderam no Cirandar e sentiram-se sujeitos aprendentes no processo de formação”.

A reestruturação curricular e os conceitos envolvidos nessa mudança estão diretamente relacionados com processos de formação acadêmico-profissional, em que se exige a presença de professores da Universidade junto com professores da escola em Rodas de Formação, partilhando saberes, compreensões de pesquisa na sala de aula, dificuldades e desafios vivenciados durante os Seminários Integrados. Foi compreender a escola como espaço para a formação de professores.

### Considerações finais

A reestruturação curricular propõe mudanças no Ensino Médio que envolvem a pesquisa como princípio educativo, tendo por foco a politecnia, a tecnologia e as relações humanas presentes no mundo do trabalho. Nos documentos não há “receitas prontas” de como fazer essa mudança na escola; a proposta possibilita ao docente criar e planejar suas próprias metodologias de ensino com o desafio de envolver professores das diferentes áreas na disciplina de Seminário Integrado. Nisso talvez esteja o maior desafio: estabelecer o coletivo em uma escola em que os tempos são fragmentados e a formação não está garantida.

A partir da experiência no desenvolvimento do projeto Cirandar é que se argumenta que uma reestruturação curricular precisa ser discutida intensamente para que efetivamente aconteça na sala de aula e na escola; para isso precisa de parceria, aspecto que ainda não se percebeu nas escolas, e processo de formação em que a proposição seja discutida, analisada, pensada, reelaborada para que os professores em coletivos produzam a partir dos eixos estruturados da proposição, autoria em sua proposta pedagógica, seja em Seminário Integrado e mesmo para além dele, atingindo a proposição pedagógica própria de cada professor e da própria escola, ao considerar a formação uma atividade permanente na vida profissional de professores.

Com o “Cirandar: rodas de investigação desde a escola” foi possível no final do ano perceber um trabalho coletivo, se não na escola, onde a resistência é grande, mas dos participantes do projeto.

### Referências

- ALMEIDA, B. **A escrita na formação continuada de professoras alfabetizadoras**: práticas de autoria. 2007. 251f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARAÚJO, Elaine S. O uso do portfólio reflexivo na perspectiva histórico-cultural. In: **30 ANPED**. Caxambu, MG, 2007. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT08-3310—Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT08-3310—Int.pdf)>. Acesso em: mar. 2011.
- DINIZ-PEREIRA, J. E. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 92, n. 230, p. 34-51, 2011.

GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de Ciências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GONÇALVES, F. P.; LINDEMANN, R. H.; GALIAZZI, M. C. O diário de aula coletivo na formação de professores de ciências: reflexões à luz de uma perspectiva sociocultural. In: GALIAZZI, M. C. *et al.* **Construção curricular em rede na educação em ciências**: uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. p. 225-242.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: Legitimate peripheral participation. 18. ed. New York: Cambridge University Press, 2008.

LOUREIRO, M. A.; LIMA, S. R. A. de. As cirandas brasileiras e sua inserção no Ensino Fundamental e nos cursos de formação de docentes. **Revista de Literatura e das múltiplas linguagens das artes**, Editora Todas as Musas, ano 04, n. 02, p. 168-182, jan.-jun. 2013.

MORAES, R.; RAMOS, M. G.; GALIAZZI, M. C. A epistemologia do aprender no educar pela pesquisa em Ciências: alguns pressupostos teóricos. In: MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (orgs.). **Educação em ciências**: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SÁ-CHAVES, I. **Os “Portfólios” Reflexivos (também) trazem gente Dentro**: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto Editora, Portugal, 2005.

SAVIANI, D. **O choque teórico da politecnia**. Trabalho, Educação e Saúde, vol. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.

SEDUC-RS. **Proposta pedagógica para o Ensino Médio Politécnico**. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens\\_medio.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1)>. Acesso em: 13 ago. 2012.

SEDUC-RS. **Regimento Padrão Ensino Médio Politécnico**. Parte 1. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_regim\\_padrao\\_em\\_Politec\\_I.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_regim_padrao_em_Politec_I.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2012.

SEDUC-RS. **Regimento Padrão Ensino Médio Politécnico**. Parte 2. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_regim\\_padrao\\_em\\_Politec\\_II.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_regim_padrao_em_Politec_II.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2012.

SOUZA, M. L. **Histórias de professores de química em rodas de formação em rede**: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.